



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

Mestrado em Ciências Religiosas
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

JOSÉ MANUEL MAIA CARNEIRO

A Partilha do Pão.

Reflexão crítica sobre a Unidade Letiva três do 6º Ano do Ensino Básico do programa de Educação Moral e Religiosa Católica.

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof. Doutor José Carlos Carvalho**

**Porto
2018**

“Senhor ajudai-nos a procurar pão para os que têm fome
e a procurar fome para os que têm pão”

Oração, que se reza, à mesa, nas Comunidades
de Emaús, fundadas pelo Abbé Pierre.

RESUMO

O pão é presença diária na nossa mesa e a sua origem e evolução acompanha a História da Humanidade. Para além de alimento basilar da nossa alimentação, o pão é alimento espiritual e reúne em si um importante significado simbólico-religioso, que se expressa, para o Cristianismo, de forma sublime na eucaristia. O tema deste relatório incide pois na análise desse simbolismo no campo antropológico e sacramental. Mas se a necessidade de pão é comunitária, como se pode ficar indiferente quando milhões de seres humanos estão privados desse pão? Assistimos a uma multiplicação de instituições de solidariedade, criação de múltiplas estratégias e reformas para combater a desigualdade e a pobreza, mas o problema mantém-se. Uma das formas de combater este problema passa pela criação de critérios de ordenação da vida social, onde a dignidade da pessoa humana, a importância do bem comum, a opção pelos mais pobres e a solidariedade se tornem um valioso contributo para a acção da Humanidade na luta contra a fome. É neste ponto que se insere a importância da disciplina de EMRC como sensibilização na construção de um futuro com vista ao bem comum.

Palavras-chave: Pão; Partilha; Simbologia; Sacramentalidade; EMRC.

ABSTRAT

Bread is a daily presence at our table and its origins and evolution is part of the History of Humanity. In addition to the basic nourishment of our food, bread is spiritual nourishment and has in itself an important symbolic-religious meaning, which expresses itself for Christianity in a sublime way in the Eucharist. The theme of this report therefore focuses on the analysis of this symbolism in the anthropological and sacramental field. But if the need for bread is communal, how can one remain indifferent when millions of human beings are deprived of that bread? We see a multiplicity of institutions of solidarity, multiple strategies and reforms to combat inequality and poverty, but the problem remains. One of the ways to fight this problem is to create criteria for the ordering of social life, where the dignity of the human person, the importance of the common good, the option for the poor and solidarity are a valuable contribution to humanity's fight against hunger. It is at this point that the importance of the discipline of EMRC is included as sensitization in the construction of a future for the common good.

Key words: Bread; Sharing; Symbology; Sacramentality; EMRC.

ÍNDICE	4
SIGLÁRIO	5
INTRODUÇÃO	7
1. AS DIMENSÕES DO PÃO	9
1.1. <i>O pão como alimento.</i>	10
1.2. <i>O pão no direito ao Alimento.</i>	14
1.2.1 As causas da fome.	17
1.2.2 A luta contra a fome.	22
1.2.3 Alimentos Transgénicos – Solução ou problema?	26
1.3. <i>O pão à mesa.</i>	32
1.4. <i>O pão na simbologia do mundo.</i>	36
2. A SACRAMENTALIDADE DO PÃO	41
2.1 <i>A Eucaristia.</i>	44
2.1.1 Eucaristia como memorial.	49
2.1.2 Eucaristia como sacrifício.	51
2.1.3 Eucaristia como banquete.	54
2.2 <i>O Pão e a origem.</i>	58
2.2.1 Contextos para a interpretação dos relatos da Instituição	58
a) As comidas de Jesus histórico.	59
b) A ceia Pascal Judia.	60
c) O acontecimento da Ressurreição	61
2.2.2 Os relatos da Instituição	63
a) Comparação literária.	64
b) Ceia Pascal ou Ceia de despedida?	67
2.3 <i>O Pão e o fim.</i>	71
3. ANÁLISE DA UNIDADE LETIVA 3 DO 6º ANO: “A PARTILHA DO PÃO”	77
3.1 <i>As finalidades específicas da EMRC na unidade letiva “A Partilha do Pão”</i>	79
3.2 <i>Os conteúdos e metas curriculares da unidade letiva “A Partilha do Pão” no currículo de EMRC.</i>	82
3.3 <i>O contributo da Educação Moral e Religiosa para a formação integral dos alunos.</i>	90
CONCLUSÃO	96
BIBLIOGRAFIA	99

SIGLÁRIO E ABREVIATURAS

- AA.VV. - Autores vários
- a.C – Antes de Cristo
- ASS - Acta Apostolicae Sedis
- CA - Encíclica Centesimus Annus
- Cân. – Cânone
- CD – Decreto *Christus Dominus*
- CIC - Catecismo da Igreja Católica
- d.C – Depois de Cristo
- DCT - Dicionário de Conceitos Teológicos
- DD - Carta Apostólica *Dies Domini*
- DE - Dicionário de Espiritualidade
- DEB - Dicionário Enciclopédico Bíblico
- DFSB - Dicionário de Figuras e Símbolos Bíblicos
- DJ - Dicionário do Judaísmo
- DTNT - Dicionário Teológico do Novo Testamento
- EE - Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*
- EG - Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*
- EMRC - Educação Moral e Religiosa Católica
- EMR – Educação Moral e Religiosa
- ERE – Ensino Religioso Escolar
- FAO - “Food and Agriculture Organization”, que significa “ Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura”.
- GS - Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*
- LDSE – Lei de Bases do Sistema Educativo
- LG – Constituição Dogmática *Lumen Gentium*
- LS - Encíclica *Laudato Si*
- MD - Encíclica *Mediator Dei*
- MM - Encíclica *Mater et Magistra*
- MF - Encíclica *Mysterium Fidei*
- NDL - Novo Dicionário de Liturgia
- N.D.T - Novo Dicionário de Teologia

- NDTB - Novo Dicionário de Teologia Bíblica
- NDTEAT - Novo Dicionário de Teologia e Exegese do Antigo Testamento
- NDC - Novo Dicionário de Catequética
- OGM - Organismos Geneticamente Modificados
- ONG - Organização Não-Governamental
- PEMRC – Programa de Educação Moral e Religiosa Católica
- PO – Decreto *Presbyterorum Ordinis*
- PP - Encíclica *Populorum Progressio*
- RH - Encíclica *Redemptor Hominnis*
- Sc - Exortação Apostólica *Sacramentum Caratatis*
- SC – Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*
- Séc. - Século
- SCR - Sagrada Congregação dos Ritos, Instrução *Eucaristicum Mysterium*
- SNEC – Secretariado Nacional de Educação Cristã.
- SRS - Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*

SIGLÁRIO BIBLICO

- Act - Atos dos Apóstolos
- A.T - Antigo Testamento
- 1Cor - 1ª Carta aos Coríntios
- Dt – Livro do Deuteronomio
- Ex - Livro do Êxodo
- Gal - Carta de S. Paulo aos Gálatas
- Gn - Livro dos Génesis
- Heb - Carta aos Hebreus
- Jo - Evangelho de S. João
- Lc - Evangelho de S. Lucas
- Lv - Livro do Levítico
- Mc - Evangelho de Marcos
- Mt - Evangelho de Mateus
- N.T - Novo Testamento
- Pr – Livro dos Provérbios
- Sl - Livro dos Salmos

INTRODUÇÃO

O Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada aqui apresentado é realizado no âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas, com especialização em Educação Moral e Religiosa Católica.

Este relatório tem como título “*A Partilha do Pão*”. A escolha deste tema deve-se à oportunidade de estudar o vasto e precioso universo simbólico que o pão reúne.

Para além de todo o simbolismo presente, o título “*A Partilha do Pão*” também se refere à dura realidade que vivemos, onde é imperioso a partilha do pão de cada dia, no sentido de gerar um mundo empenhado e responsável pelo bem comum, na qual a Educação tem um papel fundamental na sensibilização e consciencialização das realidades injustas.

Para respondermos à questão inicial da importância da partilha do pão estruturamos este relatório em três capítulos.

O primeiro capítulo, intitulado, as dimensões do pão, procurará abordar a questão da dimensão biológica, social do pão, bem como o seu sentido como símbolo antropológico.

Sabemos que a alimentação é uma exigência elementar e essencial para o ser humano. Mas por que razão, desde a sua existência no planeta, o homem encontrou sempre o problema da falta do pão de cada dia?

Ao logo deste capítulo procuramos conhecer as causas para o flagelo da fome e os caminhos propostos para uma solução, quer do ponto de vista político, quer do ponto de vista da vanguarda da tecnologia, para que o pão possa ser partilhado por todos e cumprir a sua verdadeira vocação de criar comunhão, vida e fraternidade.

O pão atravessa toda a história do Homem, principalmente pelo seu lado religioso, assim o segundo capítulo abordará a questão da sacramentalidade do pão.

Procuraremos encontrar as diversas influências da origem da Eucaristia Cristã e ainda por que razão a plenitude humana do encontro com Deus tem como símbolo predileto a comida festiva.

No terceiro capítulo, intitulado, análise da Unidade letiva 3 do 6º ano: “*A Partilha do Pão*” desenvolverá a reflexão crítica os conteúdos e metas curriculares da unidade letiva, procurando perceber se revelam concordância ou não, com a própria natureza e finalidade da disciplina de EMRC.

É verdade que na sociedade atual assistimos constantemente a uma rejeição cultural do Cristianismo. Será que conhecer o legado histórico e antropológico do Cristianismo poderá ser considerado programa acessório? Assim o terceiro capítulo culminará com uma reflexão sobre o contributo da disciplina de EMRC para a formação integral dos alunos.

O contacto com a unidade letiva em estudo e a sua lecionação suscitam interrogações que se tentarão responder ao longo deste relatório: a unidade lectiva “A Partilha do Pão” concorrerá para a pertinência cultural da fé cristã em contexto escolar? Tem algum sentido falar-se de Partilha do Pão como doação de si mesmo, na sociedade secularizada e egoísta em que vivemos? O exemplo de partilha e doação de Cristo apresentada nesta unidade letiva, seduzirá os nossos alunos? Existe uma intenção catequética nesta unidade letiva? Será que a linguagem utilizada é compreendida pelos alunos do 6º ano de escolaridade? A estas questões tentaremos responder ao longo deste relatório.

Referimos ainda que o método a utilizar neste relatório será o existencial hermenêutico, procuraremos interpretar o tema “A Partilha do Pão” numa perspetiva religiosa, pautada pela visão cristã do mundo em diálogo com outras áreas do saber.

1. AS DIMENSÕES DO PÃO

“Simples por nós viveste, Puro por nós sofreste,
Mártir por nós morreste”¹

Em nenhuma cultura histórica o alimento e a comida foram considerados irrelevantes, sem importância para a vida do homem e da sociedade², deste modo entende-se a razão pelo qual o pão ocupa na vida da Humanidade um lugar muito especial e fundamental.

O pão é o símbolo, por excelência, de toda a espécie de alimento, mas também de todo o esforço necessário para o conseguir, assim o pão converte-se em algo mais do que apenas alimento, para retemperar forças, torna-se o símbolo do acolhimento e da hospitalidade.³ O pão carrega em si um enorme significado de partilha, desde o tempo em que o Homem vive em comunidade, o pão é para partilhar, para comer em grupo e família.

O pão obtido com a utilização de um fermento está unido à civilização ocidental há seis mil anos. Não é possível encontrar outro alimento que carregue em si uma história como o pão, quer material, quer espiritual. Assim a origem e evolução do pão acompanhou a História da Humanidade, as grandes civilizações tiveram neste alimento a base do seu desenvolvimento. Com os Egípcios o pão foi modernizado e a vida administrativa do país foi construída à volta dessa invenção. Por sua vez, os Judeus utilizaram o pão como ponto de partida da sua legislação religiosa e social. Os Gregos conceberam as mais profundas e solenes lendas, para o seu templo do pão, em Elêusis e os Romanos fizeram do pão um utensílio da sua política, subjugaram com o pão, conquistaram o mundo então conhecido por meio do pão e foi ainda pelo pão que voltaram a perder o Império. Até que um dia um Homem ergueu-se e uniu tudo o que sobre o pão se havia dito, sentido e refletido. E esse homem, Jesus Cristo, disse: Tomai e comei! Eu sou o pão...⁴

É inquestionável que a fundamental dimensão biológica da alimentação humana, regula e suporta as atividades mais elevadas do espírito humano.⁵ Por isso o pão é também símbolo religioso. Jesus Cristo chama-se a Si mesmo de "O Pão da Vida" (Jo 6,35), afirmando que "...quem comer deste pão viverá eternamente" (Jo 6,51). Ao transformar o pão em seu próprio Corpo durante o sacramento da Eucaristia, Jesus dignificou o pão.

O pão atravessa toda a história do Homem, principalmente pelo seu lado religioso. É o símbolo da vida, alimento não só do corpo mas também da alma, símbolo da partilha. Quando

¹ JUNQUEIRO, Guerra, *Oração ao Pão, Oração à Luz*, 33.

² Cf. BASURKO, Xavier, *Compartir el pan: de la misa a la eucaristia*, 36.

³ Cf. ALDAZÁBAL, José - *La Eucaristia*, 39.

⁴ Cf. JACOB, H. E., *6000 anos de pão*, 54.

⁵ Cf. BASURKO, Xavier, *Compartir el pan: de la misa a la eucaristia*, 26.

comemos sozinhos limitamo-nos a satisfazer uma função biológica, mas quando o fazemos em conjunto, a alimentação alcança a “plenitude do sentido de partilhar.”⁶ Cada vez que comemos, unimo-nos com o outro, com a terra, com o universo. Comer com o outro, pode ser a coisa mais simples, mas também a mais importante que podemos fazer para desenvolver a nossa humanidade.

Comer e beber são seguidos com interesse por todas as religiões. Contudo a originalidade cristã está em ter abandonado as interdições alimentares. Um cristão pode comer tudo e com todos. A mesa e a refeição são o lugar da construção da sua identidade mística e universal.

Se o pão é o princípio da vida, a fome é limiar da morte. A alimentação é uma exigência elementar e essencial para o ser humano. Desde a sua existência no planeta, o homem encontrou sempre o problema da falta do pão de cada dia. Os caminhos propostos para resolver o problema, tanto no plano económico como no político foram e são os mais variados, mas infelizmente até agora demonstraram-se pouco eficazes para debelar o grave problema da fome.⁷ O pão de cada dia é um dom, mas também uma tarefa e uma responsabilidade porque:

“Deus destinou a terra e tudo o que ele contém para uso de todos os povos; de modo que os bens criados devem chegar equitativamente às mãos de todos, segundo a justiça, secundada pela caridade.” (GS 69)

O pão para além da sua importante dimensão biológica possui uma forte dimensão social e espiritual. Ao longo deste primeiro capítulo procuraremos abordar as várias dimensões que o pão possui, porque “não há neste mundo um pedaço de pão que não tenha sido amassado também pela religião, pela política e pela técnica.”⁸

1.1 O pão como alimento.

“Num grão de trigo habita
Alma infinita. Alma latente, incerta obscura,
Mas que geme, que ri, que sonha, que murmura...”⁹

É indesmentível que o pão ocupa na nossa vida um lugar especial. Ele é símbolo de toda a espécie de alimento e de todo o esforço necessário para o conseguir. A História da

⁶ BASURKO, Xavier, *Compartir el pan: de la misa a la eucaristia*, 30.

⁷ SACCHI, A. Comida in ROSSANO. P; RAVASI.G; GIRLANDA. A, *NDTB*, 296.

⁸ JACOB, H. E, *6000 anos de pão*, 27.

⁹ JUNQUEIRO, Guerra, *Oração ao Pão, Oração à Luz*, 31.

Humanidade está intimamente ligada à origem do pão. A localização de indícios do nascimento da Humanidade é a mesma dos vestígios da presença de cereais que foram dando lugar às diferentes formas conhecidas do pão, alimento base de diferentes civilizações.

Na verdade, se hoje temos cereais, não foi porque o homem teve a ideia de os semear, mas sim porque já eram consumidos milénios antes do início da agricultura, a evolução da agricultura dos cereais é um fenómeno muito complexo, que não se pode reduzir ao acaso ou ao génio de um homem.¹⁰ O nascimento do pão está intimamente ligado ao nascimento da civilização, pois é com a produção intencional dos cereais na agricultura que tem início a sedentarização do homem. Desta forma, podemos afirmar que a origem do fabrico intencional do pão data da mesma altura em que o homem se sedentarizou e dominou a terra.

Assim o homem procurou terrenos férteis, as margens dos rios revelaram-se locais excelentes para o cultivo de cereais, pois aproveitavam as inundações para realizarem as suas sementeiras. “A epopeia dos cereais dura há quase quinze mil anos, lado a lado com essa outra epopeia da mão do homem”¹¹. Desta forma podemos afirmar: o grão que faz viver o homem, unicamente pode viver com o auxílio do homem.

O homem já não depende exclusivamente da caça, para a sua sobrevivência, vai aperfeiçoando a agricultura, armazena os cereais. O cereal, inicialmente ingerido cru, vai mais tarde ser moído, dando origem à farinha. Pelas muitas aplicações que a farinha teve na alimentação, torna-se a base da nutrição dos diferentes povos da humanidade.

Na pré-história, a alimentação, tal como hoje, não corresponde exclusivamente à necessidade de sobrevivência, à necessidade nutricional, a alimentação tornou-se progressivamente expressão de opções culturais, reflexo de uma ideologia e mesmo de relações de poder.¹²

Podemos afirmar que foi no Egito que o pão, como o conhecemos hoje foi inventado. O trigo tornou-se o rei dos cereais e desde então nunca mais foi destronado, contudo não podemos precisar o seu aparecimento.

“Schweinfurth e Legrain, encontraram grãos de trigo nos túmulos do neolítico, que datam de há mais de seis mil ou cinco mil anos. Um Austríaco, Unger, encontrou restos de espigas e grãos de trigo nos tijolos da pirâmide de Dashur, construída por volta do ano de três mil a.C....”¹³.

¹⁰ Cf. FLANDRIN, Jean-Luis, MONTANARI, Massimo, *História da Alimentação I*, 9.

¹¹ JACOB, H. E, 6000 anos de pão, 46.

¹² Cf. FLANDRIN, Jean-Luis, MONTANARI, Massimo, *História da Alimentação I*, 39.

¹³ JACOB, H. E, 6000 anos de pão, 49.

Desta forma, a história do pão assenta fundamentalmente no trigo. O pão no sentido técnico da palavra é uma enorme descoberta química, realizada pelo homem. Pois o pão é um alimento feito com a farinha de trigo (ou de outros cereais), água e sal. Através de uma cozedura, a massa é aglutinada e levedada por um fermento. Os gases que se criam no interior da massa, procuram soltar-se, mas os poros à superfície vão-se tornando progressivamente mais duros, por ação do calor. Assim vai-se criando a còdea que envolve o miolo do pão, contudo apenas a massa de farinha de trigo e de centeio é que são capazes de conter a saída dos gases, este pão está ligado à civilização ocidental há mais de 6 mil anos.¹⁴

Na antiguidade era costume chamar-se aos Egípcios os “comedores de pão”, pois para este povo, o pão não era um acompanhamento, como nos dias de hoje, mas sim o alimento principal das suas refeições. Antoine Parmentier, um famoso nutricionista francês, escreveu em 1772 que “o pão é uma generosa dádiva da natureza, um alimento que nenhum outro o substitui.”¹⁵

Por outro lado, o povo de Israel conheceu o pão, no contato que tiveram com o mundo egípcio. O pão que aprenderam a confeccionar não era uma invenção sua, se tivessem continuado a ser nómadas, nunca teriam adotado a confeção do pão, pois para se fazer pão é preciso ser sedentário e ter alguma paciência.

Já no tempo de Jesus Cristo, a profissão de padeiro era muito comum, segundo Flávio Josefo, cada cidade da Palestina tinha os seus padeiros.¹⁶ O pão era redondo e tinham o aspeto de pedras achatadas e era fino¹⁷, isso explica a razão pela qual os Judeus partiam o pão em vez de o cortarem.

Para os Judeus, o pão era alimento, não era visto como uma entidade sobrenatural, essa transformação histórica fica dever-se ao Cristianismo. Contudo existia, assim podemos dizer, um pão profano e um pão sagrado, pois os Judeus davam graças pelo pão que comiam, na tradição judaica qualquer comida tem um caráter religioso pois realça a comida com dom de Deus, mas tanto o pão como o vinho, desde tempo muitos remotos foram objeto de bênçãos particulares.¹⁸

Em Êxodo 13 é relatada que a saída dos filhos do Egito foi apressada, deste modo não tiveram tempo de confeccionar o seu pão à maneira Egípcia. Deste modo a proibição do pão fermentado parece ser um auxiliar de memória. Para o povo Judeu, fermentação e apodrecimento eram a mesma coisa, como poderiam oferecer a Deus algo que estava em

¹⁴ Cf. JACOB, H. E, 6000 anos de pão, 53.

¹⁵ Citado por JACOB, H. E, 6000 anos de pão, 74.

¹⁶ Cf. JACOB, H. E, 6000 anos de pão, 79.

¹⁷ Cf. BORN, A. Pão in BORN, A. Van Den, *DEB*, 1107.

¹⁸ Cf. EICHER, Peter; MAIER Johann, Comida in *DJ*, 1996, 32.

estado de apodrecimento? Todas as prescrições alimentares judaicas têm um enquadramento no culto do puro e o impuro, ou seja pertencem ao âmbito da santidade.¹⁹

Na civilização egípcia, acontecem as principais transformações, no que diz respeito ao cultivo de cereais e da invenção do forno que possibilita a confeção do pão; os gregos, sem grandes condições para o cultivo dos cereais, devido aos terrenos, deram-lhe um valor emocional e deificaram-no; quanto aos romanos, perceberam o seu valor e revestiram-no de um valor político. É célebre a expressão do poeta romano Juvenal “Pão e Circo”, onde criticava a falta de informação do povo romano, que não tinha qualquer interesse em assuntos políticos, e só se preocupava com o alimento e o divertimento. Esta política teve muito sucesso até que o povo percebeu que desta forma os mais ricos não permitiam uma distribuição democrática das possibilidades de riqueza.²⁰

Também é célebre a afirmação de Marx, que dizia que a revolução nasce quando não há pão, pois o pão foi sendo o alimento por excelência das classes mais pobres, onde comiam o pão com os cereais menos nobres, pois os cereais mais nobres ficavam reservados para as classes mais altas.²¹ Por isso podemos afirmar, que a falta de pão é uma das causas de grandes revoluções, algumas delas tão importantes para o que somos hoje, como é o caso da revolução Francesa, com os ideais da Fraternidade, Igualdade e Liberdade.

O trigo e o pão tiveram um papel decisivo, na história cultural da Europa. O pão teve um papel dominante em várias épocas da história, quando o seu preço aumentava, tudo se agitava e uma tempestade se avizinhava.²² O pão foi sustento de civilizações inteiras e o seu fabrico manteve-se quase inalterado até ao século XIX.

Nos nossos dias, o pão é o alimento mais popular, sendo confeccionado em quase todas as sociedades, a sua confeção envolve métodos diferentes que originam uma variedade imensa de formas e qualidades de pão. O pão foi ao longo dos tempos o alimento mais valorizado e, ao mesmo tempo, o mais comum. Charles Estienne e Jean Liébault escreveram em *Agriculture et Maison Rustique* (1572):

“É absolutamente certo que o pão tem o primeiro lugar entre as coisas que proporcionam alimento ao homem... só o pão não desagrada, na saúde e na doença. É o ultimo apetite que se perde e o primeiro que se recupera quando se está doente;

¹⁹ Cf. EICHER, Peter; MAIER Johann, Prescrições alimentares in *DJ*, 1996, 327

²⁰ Cf. JACOB, H. E, 6000 anos de pão, 145.

²¹ Cf. BORN, A. Pão in BORN, A. Van Den, *DEB*, 1107.

²² Cf. BASURKO, Xavier, *Compartir el pan: de la misa a la eucaristia*, 39.

quando se tem saúde, é a primeira coisa e a última coisa que se come, agradável e satisfatório em todos os tipos de refeições...”²³.

O pão é hoje o alimento mais consumido pela Humanidade, assumindo um lugar de destaque na nossa alimentação e na nossa gastronomia.

1.2 O pão no direito ao Alimento

“A humanidade é seara imensa em chão de areia,
Que Deus recolhe e Deus semeia.
E cada homem, quer o rei, quer o mendigo,
É na seara de Deus um grão de trigo”²⁴

Se a alimentação é um ato de fé na vida e no futuro do homem, tirar o pão da boca a alguém é querer a sua morte.²⁵ Os alimentos e a alimentação suscitaram, desde sempre, muitas interrogações de ordem filosófica, ética, religiosa, moral, económica e jurídica.

O Direito da Alimentação chama a si os mais variados universos, ramos científicos como a química, a medicina, a biologia, ou as ciências da nutrição. Faz assim sentido que o Direito da Alimentação seja, hoje em dia estudado em diversas Universidades de muitos países, não apenas em cursos de Direito mas também ao nível de estudos pós- graduados noutras áreas.

Parte-se do direito à alimentação como direito fundamental, no quadro de um direito a uma existência condigna, inerente à dignidade da pessoa humana e ao direito à vida.

Desta forma, podemos estabelecer uma analogia entre o Homem e o Pão, “porque as nossas vidas são semeadas, crescidas, maturadas, ceifadas, trituradas, amassadas, são pão.”²⁶ Como vivemos neste mundo, somos absorvidos, consumidos por ele, este facto é patente, ao longo da nossa existência somos uma massa que se parte, que se desgasta e que se reduz. A questão fundamental é saber com que sentido e consciência nos gastamos. Não podemos esquecer que nos alimentámos uns dos outros e é desta vida compartilhada que as nossas vidas se alimentam.

O alimento condiciona a saúde e o bem-estar das populações, o alimento é algo realmente diferente para o faminto e para aquele que está bem alimentado.²⁷ Por isso deveríamos entender o pão como um dom, destinado a ser dividido e compartilhado por todos

²³ Citado por: FLANDRIN, Jean-Luis / MONTANARI, Massimo, *História da Alimentação II*, 190.

²⁴ JUNQUEIRO, Guerra, *Oração ao Pão, Oração à Luz*, 37.

²⁵ Cf. BASURKO, Xavier, *Compartir el pan: de la misa a la eucaristia*, 40.

²⁶ MENDONÇA, José Tolentino, *Pai – Nosso que estais na terra*, 108.

²⁷ Cf. BASURKO, Xavier, *Compartir el pan: de la misa a la eucaristia*, 37.

na mesma mesa. Desta forma, este pão, entendido como alimento essencial, tem que ser um direito fundamental de todo o ser humano. Como nos diz o Papa Francisco, na exortação Apostólica *Evangilii Gaudium*:

“O grande risco do mundo actual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada. Quando a vida interior se fecha nos nossos interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem ferve o entusiasmo de fazer o bem.” (EG 2)

O Papa Francisco nesta Exortação Apostólica encoraja a uma solidariedade desinteressada e um regresso da economia a uma ética propícia ao ser humano. Assim, nos nossos dias, paradoxalmente há quem perca a sua vida devido à falta de alimentos ou sofra carências graves de falta de proteínas e vitaminas na sua alimentação. Contudo existem pessoas que passam pelo problema inverso, onde se submetem a dietas esgotantes, chegando a intervenções cirúrgicas para “consertar” os estragos estéticos e fisiológicos causados pela sobrenutrição e obesidade.²⁸ Contudo uma questão se coloca. Como o direito à alimentação é definido e posto em prática? Todos consideram que o direito à alimentação está presente na Declaração Universal dos Direitos Humanos desde 1948, quando ele apareceu no 1º parágrafo do artigo 25:

“Toda a pessoa tem direito a um nível de vida suficiente para lhe assegurar e à sua família a saúde e o bem-estar, principalmente quanto à alimentação, ao vestuário, ao alojamento, à assistência médica e ainda quanto aos serviços sociais necessários, e tem direito à segurança no desemprego, na doença, na invalidez, na viuvez, na velhice ou noutros casos de perda de meios de subsistência por circunstâncias independentes da sua vontade.”²⁹

Apesar do artigo número 25 da Declaração dos Direitos Humanos falar do direito à alimentação, este tema carecia de um tratamento mais detalhado. Era imprescindível clarificar que o direito à alimentação vai mais além do que ser um direito de qualquer pessoa estar livre da fome. Não podemos esquecer, que esse direito deve também assegurar uma alimentação em quantidade e qualidade adequada que permite saúde e bem-estar a todas as pessoas.

Deste modo o Pacto Internacional dos Direitos Económicos, Sociais e Culturais, em 16 de dezembro de 1966 vem colaborar decisivamente para a compreensão do direito à

²⁸ Cf. FLANDRIN, Jean-Luis / MONTANARI, Massimo, *História da Alimentação II*, 381.

²⁹ Disponível em <http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tidhuniversais/cidh-dudh.html>, consultado em 16 de novembro de 2016.

alimentação, uma vez que reforça o direito a um nível de vida adequado, previsto no artigo número 25 e reiterado no artigo 11 do Pacto Internacional³⁰:

“Os Estados Partes no presente Pacto reconhecem o direito de todas as pessoas a um nível de vida suficiente para si e para as suas famílias, incluindo alimentação, vestuário e alojamento suficientes, bem como a um melhoramento constante das suas condições de existência. Os Estados Partes tomarão medidas apropriadas destinadas a assegurar a realização deste direito reconhecendo para este efeito a importância essencial de uma cooperação internacional livremente consentida.”³¹

Contudo só em 1996, com a criação do Comité de segurança alimentar, criado pela FAO³² foi possível criar o primeiro plano de acção coerente para que o direito à alimentação seja assegurado e protegido. Assim em 13 de novembro de 1996 foi adotada a Declaração de Roma sobre a segurança alimentar, no qual os participantes se comprometeram a implementar e acompanhar o plano de acção estabelecido.

O direito à alimentação para toda a Humanidade é um imperativo ético de preservar a vida humana através da criação de instituições sócio caritativas mas também na acção política de todos os países. Como nos diz o Papa Francisco na exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*:

“Devemos dizer não a uma economia de exclusão e da desigualdade social. Esta economia mata...O ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e depois deitar fora.” (EG 53)

Assim sendo, todo o Homem, independentemente da sua cor, raça, religião, sexo, orientação política, capacidade económica, condição física e psicológica, tem direito a uma alimentação adequada. O relator especial das Nações Unidas para o Direito à Alimentação, Olivier De Schutter, no folheto informativo do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos diz-nos que:

“O direito à alimentação é o direito a ter acesso, de forma regular, permanente e livre, seja directamente, seja mediante compra em dinheiro, a uma alimentação

³⁰ Cf. FERRAZ, Mariana de Araújo, *Direito à Alimentação e sustentabilidade*, 26

³¹ Disponível em <http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tidhuniversais/cidh-dudh-psocial.html>, consultado em 17 de novembro de 2016.

³² A FAO foi fundada em 16 de Outubro de 1945, no Quebec, Canadá. A sigla FAO significa - Food and Agriculture Organization - é uma organização das Nações Unidas cujo objectivo é aumentar a capacidade da comunidade internacional para que de uma forma eficaz e coordenada, promova o suporte adequado e sustentável para a Segurança Alimentar e Nutrição global. Para isso, realiza programas de melhoria da eficiência na produção, elaboração, comercialização e distribuição de alimentos, além de projetos que contribuam para a redução da pobreza e o crescimento económico global.

quantitativamente adequada e suficiente, que corresponda às tradições culturais da população a que pertence o consumidor e que garanta uma vida psíquica e física individual e colectiva, livre de angústias, satisfatória e digna.”³³

É inegável que este direito faz com que os Estados tenham obrigações perante os seus cidadãos. Em primeiro lugar, o respeito relativo ao direito à alimentação, o Estado tem como missão garantir as condições para que o direito à alimentação seja salvaguardado. Em segundo lugar, a obrigação de proteger o direito à alimentação, neste caso impõe deveres ao Estado, tais como: o dever de promover a distribuição, redistribuir impostos e promover a segurança social. Por último temos o dever do Estado em satisfazer, através de instâncias intermédias, o direito à alimentação quando alguém é incapaz, por razões exteriores ao indivíduo de usufruir do direito à alimentação adequada pelos meios à sua disposição.

Contudo é importante referir que o direito à alimentação, não é o mesmo que o direito a ser alimentado. Porque se assim fosse os Estados seriam obrigados a alimentar as suas populações, o que poderia causar uma dependência. No direito à alimentação é expectável que as próprias pessoas possam adquirir e produzir alimentação adequada, através do seu trabalho. Contudo em situações limite da dignidade humana tal situação se justifica e se impõe.³⁴

O Papa Francisco refere na exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* que:

“A dignidade de cada pessoa humana e o bem comum são questões que deveriam estruturar toda a política económica, mas às vezes parecem somente apêndices adicionados de fora para completar um discurso político sem perspectivas nem programas de verdadeiro desenvolvimento integral.” (EG 203)

O Papa Francisco insiste na proposta de reconhecermos o outro, de curar as feridas, pois não chega apenas preocupar-me com o meu pão. “Carregai as cargas uns dos outros e assim cumprireis plenamente a lei de Cristo”. (Gal 6,2)

1.2.1 – As causas da fome.

A necessidade do pão é individual; a sua satisfação, no entanto, não pode ser individual, mas comunitária. Por isso não se reza: o pão meu, mas o pão nosso. Face à existência de pessoas com fome, ninguém pode ficar indiferente.

³³ Oficina do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos, *O direito à alimentação adequada*, Folheto informativo nº34, 3.

³⁴ Cf. Oficina do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos, *O direito à alimentação adequada*, Folheto informativo nº34, 5

A Declaração sobre o progresso e o desenvolvimento no campo social referia no ano de 1969, que é imprescindível eliminar a fome e a subnutrição e tutelar o direito a uma nutrição adequada. Também a Declaração Universal para a eliminação definitiva da fome e da subnutrição, adoptada em 1974, refere que todo o ser humano tem o direito inalienável de ser libertado da fome e da subnutrição, para se desenvolver plenamente e de preservar as suas faculdades físicas e mentais. No ano de 1992, a Declaração Mundial sobre a nutrição veio reconhecer também que o acesso a alimentos apropriados, sob o ponto de vista nutricional, e sem perigo constitui um direito universal³⁵. Contudo, nos nossos dias milhões de pessoas continuam afetados pelos flagelos da fome e da subnutrição ou pelas consequências da insegurança alimentar.

É urgente perceber as causas da existência deste problema e conseguir encontrar soluções para a construção de um mundo onde haja pão para todos. Para que este propósito seja possível será necessária uma nova consciência e uma nova atitude face à alimentação, hoje verifica-se que nos países pobres existe falta de pão e nos países ricos temos desperdício alimentar e problemas de saúde como a obesidade, a anorexia e a bulimia.

O Papa João XXIII na carta encíclica *Mater et Magistra* de 1961 deu um vigoroso impulso ao compromisso social:

“A Solidariedade, que une todos os seres humanos e os torna membros de uma só família, impõe aos países...o dever de não permanecerem indiferentes diante das comunidades políticas cujos membros lutam contra as dificuldades da indigência, da miséria e da fome...não é possível que entre eles reine uma paz durável e fecunda, se o desnível das condições económicas e sociais for excessivo”. (MM, 156)

Também o Papa Paulo VI, na carta encíclica *Populorum Progressio* afirma: “O supérfluo dos países ricos deve pôr-se ao serviço dos países pobres”. (PP 49)

Hoje, depois de cinco décadas da publicação desta carta, apesar de alguns avanços, esta triste realidade está longe de ser erradicada.

O relatório anual sobre o estado de insegurança alimentar no Mundo³⁶ de 2016 confirma uma tendência positiva no decréscimo global do número de pessoas com fome, mas ainda há 805 milhões de pessoas com fome no mundo.³⁷ O relatório refere ainda que o número de pessoas que passam por privação de alimentos diminuiu mais de 100 milhões na última década e em mais de 200 milhões de pessoas desde 1990. Por isso o objectivo de

³⁵ Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO “COR UNUM”, *A fome no mundo – Um desafio para todos: o desenvolvimento solidário* (4 de outubro de 1996) 1.

³⁶ SOFI – sigla em Inglês – State of Food Insecurity in the World

³⁷ Disponível em <http://www.fao.org/hunger/es/>, consultado em 19 de janeiro de 2017.

desenvolvimento do milénio, definido pela FAO, de reduzir para metade o número de pessoas com fome no mundo pode ser alcançado. Apesar destes avanços, o escândalo da fome continua e dura há demasiado tempo.

Por ocasião do Dia Mundial da Alimentação, o Papa Francisco lançou um apelo para que a ONU e a FAO, alterem os paradigmas das políticas de desenvolvimento e ajuda. O Papa Francisco afirmou que os famintos são pessoas e não números, “a dignidade vem antes dos cálculos económicos”³⁸.

Nesta carta escrita ao Diretor geral da FAO lembrou que apesar dos progressos verificados, os dados recentes continuam a apresentar uma situação preocupante e que é nosso dever acabar com o “escândalo mundial” que é a fome, não podemos virar costas e fazer de conta que o problema não existe ou que está a ser resolvido pouco a pouco.

O Papa Francisco, por ocasião da campanha da Organização Católica – Caritas, recordou a parábola da multiplicação dos pães e dos peixes como exemplo a seguir: “o que temos não acaba, antes sobra e não se perde”.³⁹ Desta forma o Papa Francisco exorta para a partilha, para a “caridade cristã”, para que todos possam desfrutar do direito que Deus concedeu a todos de terem acesso a alimentação adequada. Em cada 4 pessoas no mundo, uma não tem a alimentação necessária e não é por falta de alimentos, mas sim pela sua má distribuição. O Conselho Pontifício “Cor Unum” refere:

“Os pobres são as primeiras vítimas da subnutrição e da fome no mundo. No seio duma população pobre, as primeiras vítimas são sempre os indivíduos mais frágeis: crianças, mulheres grávidas ou em período de amamentação, enfermos e pessoas idosas. Há que referir ainda outros grupos humanos a alto risco de deficiência nutricional: as pessoas refugiadas ou deslocadas e as vítimas de vicissitudes políticas.”⁴⁰

A fome ameaça não só a vida das pessoas, mas também a sua dignidade.⁴¹ Além da fome e a subnutrição não podemos esquecer de mencionar ainda o problema da insegurança alimentar que impede a planificação de trabalhos a longo prazo, para possibilitar, promover e obter um desenvolvimento duradouro.

O grande desafio para toda a humanidade, nesta luta contra a fome é com certeza de ordem económica e técnica, mas é também mais ainda de ordem ética-espiritual. Para

³⁸ Disponível em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/food/documents/papa-francesco_20141016_messaggio-giornata-alimentazione.html. Consultado em 4 de fevereiro de 2017.

³⁹ Disponível em www.caritas.pt/site/nacional/index.php?option. Consultado em 4 de fevereiro de 2017.

⁴⁰ CONSELHO PONTIFÍCIO “COR UNUM”, *A fome no mundo – Um desafio para todos: o desenvolvimento solidário* (4 de outubro de 1996) 7.

⁴¹ Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO “COR UNUM”, *A fome no mundo – Um desafio para todos: o desenvolvimento solidário* (4 de outubro de 1996), 5.

encontrarmos explicações acerca das causas da fome, podemos facilmente apontar a existência de fatores naturais, tais como as alterações climatéricas e as catástrofes naturais, que são origem muitas vezes de situações de escassez alimentar. Contudo estes fatores naturais estão longe de serem a única explicação e justificação para a fome no mundo. Porém até ao final do séc., XIX, as misérias que dizimavam populações inteiras tinham, com muita frequência uma origem natural. Contudo, hoje em dia derivam quase exclusivamente da acção humana.⁴²

Na verdade a acção do Homem é o que mais explica o problema da fome e subnutrição, assim sobressaem as causas económicas, socioculturais e políticas.⁴³ Relativamente às causas económicas facilmente percebemos que a fome deriva antes de mais da pobreza, a segurança alimentar do ser humano depende do seu poder de compra e não da disponibilidade física dos alimentos.

A fome resulta também de políticas económicas inadequadas que servem interesses de grupos económicos públicos e privados que com o seu monopólio acabam por travar o desenvolvimento em vez de o impulsionar.

Podemos afirmar que a causa profunda da falta de desenvolvimento é de ordem ética, prende-se com a capacidade de servir gratuitamente os Homens. Como refere o Papa Francisco na exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*:

“Assim como o mandamento «não matar» põe um limite claro para assegurar o valor da vida humana, assim também hoje devemos dizer «não a uma economia da exclusão e da desigualdade social» ... O ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e depois lançar fora. Assim teve início a cultura do «descartável», que aliás chega a ser promovida. Já não se trata simplesmente do fenómeno de exploração e opressão, mas duma realidade nova: a exclusão.” (EG 53)

Quanto às causas socioculturais constata-se que alguns fatores unidos aumentam substancialmente os perigos da fome e da subnutrição crónica, contudo não podemos pensar que este flagelo está circunscrito aos países subdesenvolvidos, pois mesmo nos países desenvolvidos, onde impera a abundância e o consumismo surgem fatores que conduzem a situações de fome, onde um novo grupo social surgiu “os novos pobres”, tais como: tabus alimentares, o lugar que a mulher ocupa na sociedade, falta de conhecimento de muitos povos

⁴² Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO “COR UNUM”, *A fome no mundo – Um desafio para todos: o desenvolvimento solidário* (4 de outubro de 1996), 4

⁴³ Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO “COR UNUM”, *A fome no mundo – Um desafio para todos: o desenvolvimento solidário* (4 de outubro de 1996), 5

relativa a técnicas de nutrição, um elevado grau de analfabetismo, falta de planeamento familiar e precaridade no emprego.⁴⁴

No que concerne às causas políticas, diversas vezes, ao longo da História da Humanidade a privação de alimentos foi utilizada como arma política e militar.⁴⁵

São inúmeros os casos, inclusive os embargos económicos ao Iraque e durante mais de 50 anos a Cuba⁴⁶ e mais recentemente a instabilidade política vivida na Venezuela.⁴⁷ As primeiras vítimas deste género de políticas são as próprias populações. Contudo a pessoa humana deveria ser o “o fundamento e fim da convivência política”⁴⁸.

Ou seja, a política deve esforçar-se pelo reconhecimento e pelo respeito da dignidade humana, através da observância dos direitos humanos. Porém a concentração da riqueza e de poder político fica confinado a um determinado extracto da sociedade esquecendo as necessidades de todas as pessoas. Porém a política como nobre arte que é, visa o bem comum e o cuidado por todos os membros da sociedade. Este cuidado traduz institucionalmente o princípio cristão da caridade, como refere o Papa Francisco na exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*:

“A política, tão denegrida, é uma sublime vocação, é uma das formas mais preciosas da caridade, porque busca o bem comum. Temos de nos convencer que a caridade «é o princípio não só das micro-relações estabelecidas entre amigos, na família, no pequeno grupo, mas também das macro-relações como relacionamentos sociais, económicos, políticos”. (EG 205)

Deste modo é urgente que surja uma atitude por parte dos governos de todos os países afetados pela fome, para criarem metas e soluções minimizando a fome, que infelizmente ainda está presente em pleno século XXI. O vergonhoso espetáculo da fome no mundo de hoje, não é falha apenas dos povos que se dizem avançados, mas também de todos nós.

⁴⁴ Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO “COR UNUM”, *A fome no mundo – Um desafio para todos: o desenvolvimento solidário*, 13.

⁴⁵ Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO “COR UNUM”, *A fome no mundo – Um desafio para todos: o desenvolvimento solidário* (4 de outubro de 1996), 16

⁴⁶ Disponível em: http://www.jornaldenegocios.pt/economia/mundo/detalhe/eua_e_cuba_anunciam_acordo_historico_para_nor_malizar_relacoes_diplomaticos.html. Consultado em 8 de fevereiro de 2017.

⁴⁷ A instabilidade política, a acelerada deterioração da economia e correspondente degradação social que se vivem na Venezuela estão a deixar o país à beira do colapso, alerta o International Crisis Group (ICG), num relatório em que descreve a situação actual como “um drama” de dimensões equivalentes a uma crise humanitária. Disponível em: <https://www.publico.pt/mundo/noticia/venezuela-esta-a-beira-do-colapso-alerta-international-crisis-group-1706788>. Consultado em 9 de fevereiro de 2017.

⁴⁸ CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, nº384.

“Pois cada pedaço de pão é um porção que tiramos da mesa comum da humanidade e, segundo disse Gandhi: «todo o que comes sem necessidade estás a roubar ao estômago dos pobres”⁴⁹

1.2.2 A luta contra a fome

Em 1967, o Papa Paulo VI na encíclica *Populorum Progressio*, afirmava:

“ Os povos da fome dirigem-se hoje, de modo dramático, aos povos da opulência. A Igreja estremece perante este grito de angústia e convida a cada um a responder com amor ao apelo do seu irmão.” (PP 3)

Passados mais de 50 anos da sua publicação, esta expressão ainda é atual. Podemos afirmar que não existe um consenso sobre como resolver o problema da fome, contudo a luta travada pelos países, Organizações não-governamentais e muitas pessoas, tem conseguido algumas vitórias nas últimas décadas. Não podemos afirmar, com total certeza, sobre as formas de lutar contra a fome, mas o caminho passará pelo combate às desigualdades e à miséria que atinge uma boa parte da população mundial.

O Papa João Paulo II, na carta encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*, afirma que “Os bens deste mundo são originalmente destinados a todos.” (SRS 42) Este princípio da doutrina social cristã é designado por destino universal dos bens e o Concílio Vaticano II formula-o da seguinte forma:

“Deus destinou a terra e tudo o que ela contém para uso de todos os homens e povos; de modo que os bens criados devem chegar equitativamente às mãos de todos, segundo a justiça, secundada pela caridade.” (GS 69)

Se os bens criados devem chegar equitativamente às mãos de todos, podemos incluir dois pressupostos modernos, em primeiro lugar que as coisas criadas existem para apoio de todas as pessoas, em segundo lugar que a capacidade criativa da economia pode estar um passo à frente do crescimento demográfico.⁵⁰ Contudo ainda persiste a ideia, que o problema da fome torna-se mais premente com o crescimento demográfico⁵¹ e consequente falta de alimentos para toda a população.

Na verdade o problema da fome não é consequência da produção insuficiente de alimentos, pelo contrário ano após ano a produção alimentícia tem aumentado, contudo esta

⁴⁹ Citado por: BASURKO, Xavier, *Compartir el pan: de la misa a la eucaristia*, 40.

⁵⁰ Cf. NOVAK, Michel, *A Ética Católica e o Espírito do Capitalismo*, 205.

⁵¹ Cf. RAVIGNAN, François, *Porquê a Fome? Um desafio sempre actual*, 30

produção ocorre de forma desigual. A fome é mais uma consequência da miséria que a sua causa. Se pretendemos combater o flagelo da fome e da subnutrição, temos que conhecer as pessoas que passam fome.

Existem grandes assimetrias de crescimento da produção por habitante. Porém não podemos afirmar que seja possível manter esta taxa de crescimento na produção de alimentos, pois novos entraves à produção agrícola vão surgindo, tais como: a poluição; a erosão dos solos; aquecimento climático e consequente elevação do nível das águas e o problema do abastecimento de água potável.⁵² O principal problema está nas condições de acesso aos alimentos, as quais não são equitativas.⁵³

Nos últimos anos, uma parte da opinião pública foi tomando consciência de que o aumento da miséria nos países do Sul está intimamente ligado com a atividade económica dos países desenvolvidos. O Papa Paulo VI, alertou que “O supérfluo dos países ricos deve pôr-se ao serviço dos países pobres” (PP 49) contudo nos nossos dias o supérfluo dos países ricos ainda não é posto ao serviço dos pobres de forma a estabelecer “o compromisso de respeitar e conservar a criação, de prestar atenção a cada pessoa, de contrastar a cultura do desperdício e do descarte, a fim de promover uma cultura da solidariedade e do encontro”⁵⁴, onde seja visível e realmente presente a “opção ou o amor preferencial pelos mais pobres”. (SRS 42)

O Papa Francisco refere que o desperdício alimentar é um problema à escala mundial e que é necessário combater a situação de desigualdade no acesso e consumo de alimentos, por isso é urgente uma mudança de comportamentos, que passa por uma cidadania mais ativa. O Papa Francisco refere ainda que “a comida que se descarta é como se fosse roubada da mesa de quem é pobre, de quantos têm fome”⁵⁵.

Uma das formas de luta contra a fome passará indubitavelmente pelo combate ao desperdício alimentar, criando uma nova consciência e atitude no ato de comprar e consumir. Estudos recentes apontam que existe uma perda ou desperdício de cerca de um terço dos alimentos produzidos no mundo. Podemos apontar como fatores relacionados com o desperdício dos alimentos a excessiva oferta existente nos mercados e ainda os hábitos de consumo.⁵⁶ Nos nossos dias são apontados como os principais fatores que levam ao desperdício de alimentos, as seguintes situações:

⁵² Cf. RAVIGNAN, François, *Porquê a Fome? Um desafio sempre actual*, 32.

⁵³ Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO “COR UNUM”, *A fome no mundo – Um desafio para todos: o desenvolvimento solidário*, 19.

⁵⁴ Cf. PAPA FRANCISCO I, Audiência geral, Roma, 5 de junho de 2013.

⁵⁵ PAPA FRANCISCO I, Audiência geral, Roma, 5 de junho de 2013.

⁵⁶ Cf. CORREIA, M. & LINHARES, E., *Sensibilizar para o desperdício alimentar: um projeto de educação para a cidadania*, 55.

- As mutações que acontecem no seio das famílias, na organização e no ritmo e os obstáculos relacionados com a preparação das refeições, quando não se utilizam as quantidades ajustadas para o número de pessoas presentes.
- A ausência de consciência do impacto ambiental e económico decorrente da alteração dos produtos alimentares e do seu desperdício.
- As práticas comerciais que estimulam a comprar para além do que cada consumidor necessita.
- O frágil conhecimento das datas limites de consumo e das formas de bem conservar os alimentos.
- O insuficiente conhecimento para utilizar os alimentos que sobram.⁵⁷

Contudo não podemos ficar apenas a apontar os erros que levam a este desperdício, temos sim que promover o combate ao desperdício levando a uma mudança nos hábitos de consumo, através da educação, introduzindo o tema nos programas escolares e através de iniciativas políticas. O ano de 2016 foi declarado pela Assembleia da República de Portugal como o ano nacional do combate ao desperdício e lançou 15 recomendações a serem tidas em conta pelo Governo.⁵⁸ Torna-se um imperativo consciencializar para a redução do desperdício alimentar, pois é um dever que se impõe. “Deus deu a terra a todo o género humano, para que ela sustente todos os seus membros, sem excluir nem privilegiar ninguém.” (CA 31)

O Papa João Paulo II refere desta forma a raiz do destino universal dos bens, onde não deve ser esquecido os limites dos recursos disponíveis nem a pobreza de tantos. Esta luta contra o desperdício alimentar passa pelo nascimento de uma nova economia, baseada, já não no princípio da concorrência e do consumo, mas nos princípios da complementaridade e solidariedade.⁵⁹

É absolutamente necessário “procurar fome para aqueles que têm pão...para aqueles que estão satisfeitos, que vivem na sua redoma esquecendo os outros, para aqueles que podiam fazer alguma coisa e não fazem.”⁶⁰. António Aleixo um dia escreveu: O Pão que sobra à riqueza. Distribuído pela razão. Matava a fome à pobreza e ainda sobrava pão. Não devemos querer amontoar, mas sim multiplicar a generosidade e a capacidade de sofrer com quem passa dificuldades e de nos colocarmos no seu lugar.

É evidente que a luta contra a fome não se pode resumir a uma mudança na mentalidade do consumidor para o desperdício alimentar, esta luta passa também pela busca

⁵⁷ Cf. CORREIA, M. & LINHARES, E., *Sensibilizar para o desperdício alimentar: um projeto de educação para a cidadania*, 59.

⁵⁸ Resolução da Assembleia da República n.º 65/2015 - Diário da República n.º 116/2015, Série I de 2015-06-17.

⁵⁹ Cf. RAVIGNAN, François, *Porquê a Fome? Um desafio sempre actual*, 115.

⁶⁰ MENDONÇA, José Tolentino, *Pai – Nosso que estais na terra*, 104.

do bem comum, esta deve ser a identidade para uma busca da maior eficácia na gestão dos bens terrestres; um superior respeito pela justiça social permitida pela destinação universal dos bens e a prática da solidariedade, que impede a monopolização dos meios financeiros por parte dos mais abastados, e que possibilitará a cada homem não ser excluído da sociedade, nem lhe ser retirada a sua dignidade fundamental.⁶¹

Para lá de todas as causas estruturais, físicas e até culturais, não podemos esquecer que a fome é também um mal moral, deste modo a luta contra a fome tem de passar por desafios de natureza moral. Assim tem que estar incluída a compreensão e a capacidade da Humanidade de cooperação para a promoção da dignidade de todos, ou seja, passa pela busca do bem comum. O Concílio Vaticano II define o bem comum como:

“O conjunto de condições da vida social que tornam possível às associações e a cada um de seus membros obter a sua realização mais plena e o caminho mais fácil de chegar a própria perfeição.” (GS 26)

A busca do bem comum leva ao exercício da solidariedade e à vivência da caridade. A Igreja Católica, no seu ensinamento social aponta este exercício e esta vivência como um rumo valioso para a acção da Humanidade na luta contra a fome. É neste sentido que a Caritas, organização oficial da Igreja para o desenvolvimento e promoção social, tem centrado os seus esforços no combate à fome e na segurança alimentar das populações. O Papa Francisco refere esta Organização como “...o amor da mãe Igreja. Que se aproxima, acaricia e ama.”⁶²

Contudo nesta luta contra a fome no mundo cada vez mais se exige acções específicas que não podem ser desarticuladas dum esforço de crescimento integral de todos os povos. Por isso, a ajuda alimentar tem que ser vista como uma solução temporária e não um remédio contra a fome⁶³. A ajuda alimentar de urgência tem um carater humanitário, pois a sua finalidade é permitir que uma determinada população sobreviva numa situação de crise. Apesar de muitas controvérsias em relação à ajuda alimentar é possível melhorar este tipo de luta contra a fome, através de todos os que estão envolvidos nesta luta: Estados, autoridades locais, ONG, Associações eclesiais e população beneficiária.⁶⁴ As melhorias poderiam ser conseguidas se as ajudas fossem limitadas no tempo e muito mais orientadas para as

⁶¹ Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO “COR UNUM”, *A fome no mundo – Um desafio para todos: o desenvolvimento solidário*, 19.

⁶² Receção da Comissão Executiva da Caritas Internacional na audiência do dia 16 de maio de 2013, disponível em http://br.radiovaticana.va/storico/2013/05/16/papa_a_caritas_internacional_a_caritas_e_o_amor_da_mae_igreja_qu/bra-692847, consultado em 20 de abril de 2017.

⁶³ Cf. RAVIGNAN, François, *Porquê a Fome? Um desafio sempre actual*, 94.

⁶⁴ Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO “COR UNUM”, *A fome no mundo – Um desafio para todos: o desenvolvimento solidário*, 46.

populações realmente carecidas; deveriam ser mesmo constituídas, na medida do possível, por produtos locais. Sobretudo a ajuda urgente deve contribuir para libertar as populações da sua dependência.

A ajuda alimentar deve ser acompanhada de projectos cujo objectivo seja prevenir as populações atingidas contra futuras necessidades alimentares. Desta forma a ajuda urgente, pode ser considerada como uma notável acção de solidariedade internacional.

A luta contra a fome não será vencida enquanto não se fomentar a segurança alimentar local, neste sentido é fulcral desenvolver programas que valorizem a produção local, através de uma legislação eficaz que proteja os terrenos agrícolas, assegurando o seu acesso à população camponesa e definirem uma política agrícola. Assim sendo, nas políticas agrícolas devem ser tidas em conta as técnicas tradicionais de cultivo, a par de inovações oportunas e respeitadoras do meio ambiente.

Parece óbvio que estes deveres que falamos são responsabilidade do mundo político e financeiro, todavia para enfrentar esta luta toda a humanidade é chamada a questionar sobre o que faz e o que poderia fazer, porque não podemos esquecer que:

“Alimentamo-nos uns dos outros. Somos uns para os outros, na escuta e na palavra, no silêncio e no riso, no dom e no afeto, um alimento necessário, pois é de vida (e de vida partilhada) que as nossas vidas se alimentam.”⁶⁵

1.2.3 Alimentos Transgénicos⁶⁶ – Solução ou um problema?

Para muitos é seguramente um dos debates mais determinantes com que o século XXI se iniciou. Estamos seguramente perante um monopólio poderoso, onde tudo se apresenta com um futuro luminoso e que para todas as deficiências serão encontradas solução, mas a que preço?⁶⁷ O Conselho Pontifício “Cor Unum” afirmava:

“Nos últimos anos, se impôs com força o uso das novas biotecnologias para fins ligados à agricultura, à zootecnia, à medicina e à protecção do ambiente. As novas

⁶⁵ MENDONÇA, José Tolentino, *Pai – Nosso que estais na terra*, 109.

⁶⁶ Transgenia é um processo pelo qual organismos de uma espécie são modificados geneticamente através da introdução de material genético de outra espécie, utilizando técnicas de engenharia genética. Assim, os alimentos transgénicos são os alimentos derivados normalmente de sementes e plantas cujos materiais genéticos tenham sido modificados com o intuito de obter benefícios tanto para as plantações como para os consumidores, disponível em <http://www.infoescola.com/genetica/alimentos-transgenicos/>. Consultado em 8 de julho de 2017.

⁶⁷ Cf. SILVA, Margarida, *Alimentos Transgénicos: Um guia para consumidores cautelosos*, 13.

possibilidades oferecidas pelas actuais técnicas biológicas e biogenéticas suscitam, de um lado, esperanças e entusiasmos e, de outro lado, alarme e hostilidade.”⁶⁸

A engenharia genética é uma forma radicalmente nova de realizar melhoramentos de espécies agrícolas, embora a engenharia alimentar exista há milénios:

“...já os Sumérios tiravam partido de seres vivos para produzir cerveja, e até a Bíblia relate como se fazia a selecção de determinados animais para garantir que eram sobretudo as características mais apreciadas as que passavam para a geração seguinte...”⁶⁹

Contudo o melhoramento das espécies realizado pela humanidade não altera significativamente o conjunto de genes em questão. No entanto a barreira natural que impede o aparecimento de descendentes férteis foi quebrada pela primeira vez na história da humanidade.⁷⁰

Analisar se os Alimentos Transgénicos são uma solução, ou um problema envolve um conjunto de implicações de ordem económica, científica, ambiental, social, sanitária, cultural e ética. Neste sentido, o Papa Francisco na Carta Encíclica *Laudato Si* alerta: “Todo o uso e experimentação exige um respeito religioso pela integração da criação.” (LS 130), “...não deve levar a uma indiscriminada manipulação genética que ignore os efeitos negativos destas intervenções.” (LS 131) Refere ainda que o poder da tecnologia deixa a humanidade numa encruzilhada, mas que é justo que nos alegremos com os progressos realizados, porém existe o perigo do poder do conhecimento e do poder económico. (Cf. LS104)

Nos nossos dias, após 25 anos do início da venda legal de sementes geneticamente modificadas⁷¹, ainda é difícil emitir um juízo geral sobre o impacto dos OGM. Durante este tempo as discussões centraram-se sobre os benefícios e os riscos dos Alimentos transgénicos.

Enquanto isto em muitos países a política sobrepôs-se à ciência face à discordância científica internacional.⁷² Muitos cientistas de todo o mundo e também líderes sociais têm levantado sérias preocupações em relação aos alimentos transgénicos, esses riscos são os seguintes:

⁶⁸ CONSELHO PONTIFÍCIO “COR UNUM”, *A fome no mundo – Um desafio para todos: o desenvolvimento solidário*, 472.

⁶⁹ SILVA, Margarida, *Alimentos Transgénicos: Um guia para consumidores cautelosos*, 25.

⁷⁰ Cf. SILVA, Margarida, *Alimentos Transgénicos: Um guia para consumidores cautelosos*, 26.

⁷¹ A venda legal de sementes GM para cultivo comercial teve início em 1992, na China, com tabaco alterado para resistir a ataques de vírus, seguida em 1994 de tomate resistente a vírus (na China), ou com o amadurecimento retardado (Estados Unidos).

⁷² Cf. SILVA, Margarida, *Alimentos Transgénicos: Um guia para consumidores cautelosos*, 40.

- Risco para a saúde humana; possibilidade de alergias, resistência a antibióticos e aumento de substâncias tóxicas nos alimentos.
- Risco para o meio ambiente; afeta a biodiversidade com o aumento da contaminação e aumento da monocultura.
- Risco económico; total dependência e conseqüente desaparecimento da pequena e média agricultura face ao monopólio mundial da produção e comercialização de sementes.⁷³

Pelo contrário os que argumentam favoravelmente à comercialização de sementes transgênicas na produção agrícola e a sua inserção na cadeia alimentar, minimizam os riscos científicos e enaltecem as vantagens agronômicas e económicas:

- Aumento na produtividade agrícola, para combater a fome no mundo, maior quantidade de alimento faz com que o preço seja mais baixo.
- Aumento dos benefícios económicos para os agricultores; maior resistência a pragas e herbicidas, os alimentos transgênicos podem ser colocados no mercado mais rápido do que os alimentos da agricultura tradicional.
- Aumento da quantidade de vitaminas presentes nos alimentos transgênicos diminuindo o uso de agrotóxicos, os transgênicos poderiam apresentar características mais benéficas para o consumo humano.⁷⁴

Depois de apresentadas as vantagens e os inconvenientes da produção e comercialização de alimentos transgênicos é absolutamente necessário percebermos a profunda e séria avaliação que tem sido feita.

Em primeiro lugar, os riscos não podem ser esquecidos nem minimizados em favor de vantagens económicas e sociais para um conjunto de agricultores, pois como nos diz o Papa Francisco na Encíclica *Laudato Si*:

“Hoje, crentes e não-crentes estão de acordo que a terra é, essencialmente uma herança comum, cujos frutos devem beneficiar a todos. Para os crentes, isto torna-se uma questão de fidelidade ao Criador, porque Deus criou o mundo para todos.” (LS 93)

Ao referirmos aqui o respeito pelo bem comum, em nada fere os avanços da tecnologia e da ciência, pois faz parte da natureza humana a busca do progresso científico.

⁷³ Disponível em <https://melhorcomsaude.com/quais-sao-os-perigos-dos-alimentos-transgenicos/>, consultado em 12 de julho de 2017.

⁷⁴ Disponível em <http://www.sobiologia.com.br/conteudos/Biotecnologia/transgenicos2.php>, consultado em 12 de julho de 2017.

Contudo a atitude do Homem como sujeito dominante que submete a natureza a seu belo prazer não pode continuar.⁷⁵

Como dizia o Papa João Paulo II no Discurso aos membros da Pontifícia Academia para a vida:

"A Igreja respeita e apoia a investigação científica, quando procura uma orientação autenticamente humanista, evitando qualquer forma de instrumentalização ou destruição do ser humano e mantendo-se livre da escravidão dos interesses políticos e económicos."⁷⁶

Não podemos deixar de afirmar que, nem tudo aquilo que seja tecnicamente possível seja moralmente lícito fazer. Deste modo continua a ser difícil emitir um juízo geral sobre o desenvolvimento de organismos modificados geneticamente. Porque não podemos atribuir sempre à técnica os riscos, mas sim a uma inadequada ou excessiva aplicação.

"Embora não disponhamos de provas definitivas acerca do dano que poderiam causar os cereais transgénicos aos seres humanos e apesar de, nalgumas regiões, a sua utilização ter produzido um crescimento económico que contribuiu para resolver determinados problemas, há dificuldades que não podem ser minimizadas. Em muitos lugares, na sequência da introdução destas culturas, constata-se uma concentração de terras produtivas nas mãos de poucos, devido ao progressivo desaparecimento de pequenos agricultores, que, em consequência da perda de terras cultivadas, se vêem obrigados a retirar-se da produção directa. Os mais frágeis destes tornam-se agricultores precários." (LS 134)

Contudo e apesar de todos os riscos aqui enumerados, perante o argumento moral da possível eliminação da fome do mundo através dos alimentos transgénicos, os meios parecem justificar os fins. Na verdade trata-se de um mito, visto que o problema da fome não foi resolvido até aqui. Ou seja, quem defende que os alimentos transgénicos podem contribuir decisivamente para debelar a fome nos países mais desfavorecidos assumem implicitamente que existe falta de comida nos mercados nacionais e internacionais e que com os OGM produz-se mais comida. Contudo nenhuma destas conclusões está correta.⁷⁷

Tanto o Programa Alimentar Mundial das nações Unidas como a FAO afirmam que o problema da fome não se trata de um problema de produção de alimentos, mas sim de falta de

⁷⁵ Cf. BASURKO, Xavier, *Compartir el pan: de la misa a la eucaristia*, 41.

⁷⁶ JOÃO PAULO II, Discurso aos membros da Pontifícia Academia para a vida, N°4, de 24 de fevereiro de 2003. Disponível em http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2003/february/documents/hf_jp-ii_spe_20030224_pont-acad-life.html, consultado em 14 de julho de 2017.

⁷⁷ Cf. SILVA, Margarida, *Alimentos Transgénicos: Um guia para consumidores cautelosos*, 110.

acesso aos alimentos. Para muitos especialistas só será possível combater o flagelo da fome com um conjunto de medidas que passam pela redistribuição de terras, acesso ao microcrédito, ênfase na auto-suficiência local em detrimento da exportação, a rentabilização das variedades mais adaptadas às características locais e tecnologias de baixo custo para conservação de água e solo e políticas públicas de apoio ao agricultor.

“Num mundo globalizado tornou-se mais normal produzir alimentos para quem vive do outro lado do mundo e pode pagar, do que vendê-los ao vizinho do lado que é pobre e não consegue competir em poder aquisitivo”⁷⁸

Ao referirmos que o caminho a seguir, ainda passa pelo incentivo à agricultura biológica, não podemos colocar de parte os benefícios que a biotecnologia nos pode oferecer, pois como refere a FAO, o grande desafio da biotecnologia é aperfeiçoar técnicas que permitem conseguir um aumento da produção, redução de custos, proteção do meio ambiente e não menos importante, a segurança alimentar.⁷⁹

A biotecnologia não tem o poder, por si só, de realizar milagres na produção e produtividade na agricultura. Ou seja, o problema da fome existe e não o podemos ignorar, mas se existe fome no mundo é porque há quem faça negócio com isso, alimentar o mundo exige vontade política e económica.⁸⁰ Todavia os números de pessoas que passam fome são assustadores, atualmente são cerca de 842 milhões de pessoas.

O relatório do Departamento de assuntos económicos e sociais das Nações Unidas refere ainda que a população mundial, nos nossos dias é de cerca de 7.6 mil milhões de pessoas, e os números apontam que em 2030 a população mundial atinja 8.6 mil milhões e em 2050 atinja cerca 9.8 mil milhões.⁸¹ Com o aumento progressivo da população mundial também implicará um aumento da produção alimentar.

Deste modo, seria vantajoso que a biotecnologia ajude nesse aumento de produtividade de alimentos, mas também de outros males como a deterioração dos solos, a privação da biodiversidade, a proliferação de pragas e doenças, a poluição dos cursos e reservatórios de água, a falta da competitividade da agricultura tradicional e o agravamento das condições sociais e económicas do campo.

⁷⁸ SILVA, Margarida, *Alimentos Transgénicos: Um guia para consumidores cautelosos*, 111.

⁷⁹ Disponível em

https://www.unescoportugal.mne.pt/images/FAO/O_Papel_da_Biotecnologia_no_combate_%C3%A0_Fome_final.docx, consultado em 15 de julho de 2017.

⁸⁰ Cf. SILVA, Margarida, *Alimentos Transgénicos: Um guia para consumidores cautelosos*, 112.

⁸¹ Disponível em

http://www.un.org/en/development/desa/population/events/pdf/other/21/21June_FINAL%20PRESS%20RELEASE_WPP17.pdf, consultado em 15 de julho de 2017.

Não podemos esquecer que a ciência até hoje, não provou inequivocamente a ausência total de risco na biotecnologia e em particular nos OGM, mas esperamos que o papel da biotecnologia tenha em consideração, não apenas os benefícios que oferece, mas também os riscos que podem advir de uma utilização irresponsável:

“Muitas experiências estão por fazer, muita ciência precisa ainda de ser acumulada antes que seja possível ter uma posição definitiva sobre os riscos exactos que os OGM envolvem.”⁸²

A questão dos OGM é sem dúvida alguma, uma questão de carácter complexo que necessita ser abordada com um olhar abrangente, para isso é importante assegurar um debate científico e social que seja responsável e capaz de disponibilizar toda a informação conhecida. (Cf. LS 135)

O Conselho Pontifício “*Cor Unum*” alertava já que os cientistas e técnicos, empresários e responsáveis pelas entidades públicas, políticos, legisladores e administradores públicos que “as suas atividades dizem respeito a materiais, viventes e não, pertencentes à humanidade como um património, destinado também às gerações futuras”.⁸³ É nesse sentido que o Papa Francisco na encíclica *Laudato Si* afirma:

“...quando a técnica ignora os grandes princípios éticos, acaba por legitimar qualquer prática. ...a técnica separada da ética dificilmente será capaz de autolimitar o seu poder.” (LS 138)

Procurar saciar a fome é fundamental, por isso encontrar meios para conseguir este propósito torna-se um dever. Contudo o uso dos OGM necessita ser amplamente discutido de forma responsável, que seja capaz de colocar toda a informação disponível, não seleccionando a informação de acordo com os interesses, sejam eles políticos, económicos ou ideológicos.

É por isso fundamental um espaço de debate, onde todos tenham oportunidade de expor os seus problemas ou ter acesso a informação credível, para tomar decisões tendentes ao bem comum no presente e no futuro, para um desenvolvimento sustentável. (Cf. LS 139)

Infelizmente o que se percebe desta discussão é a existência de interesses, políticos e económicos, sobre um projeto que pode apoiar o combate contra a fome, mas que ainda não obteve a aceitação isenta da comunidade científica.

⁸² SILVA, Margarida, Alimentos *Transgénicos: Um guia para consumidores cautelosos*, 55.

⁸³ CONSELHO PONTIFÍCIO “COR UNUM” *A fome no mundo – Um desafio para todos: o desenvolvimento solidário*, 477.

1.3 O pão à mesa

“Homem, levanta a Deus o coração,
Ao ver pão.
Ei-lo em cima da mesa do teu lar;
Olha a mesa: um altar!
Ei-lo, o vigor dos braços teus,
O pão de Deus”⁸⁴

Comer o pão com alguém, significa tomar com ele uma refeição, um banquete, estabelecer com ele uma relação de amizade⁸⁵, pois o aspeto humano central de uma refeição não se encontra tanto nos alimentos em si, mas sim nos laços criados entre as pessoas que partilham uma refeição. É neste ponto que o Homem se distingue dos animais, quando nos alimentamos, não o fazem apenas por razões biológicas, o Homem transforma o ato de se alimentar, em ato de confraternização e de convívio social. “Não nos sentamos à mesa para comer – lê-se em Plutarco – mas sim para comer juntos”⁸⁶. É inegável que a alimentação tem um lugar central no nosso quotidiano, quase sempre são as refeições que organizam o nosso dia-a-dia.

Qualquer tipo de acordo, um pouco mais solene, que une as pessoas e famílias, realiza-se na participação na refeição tomada em comum. Por outro lado, a recusa em participar na refeição e partilhar os mesmos alimentos, pode ser interpretado como um sinal de inimizade e rivalidade. Da mesma forma que não tratar bem o nosso convidado é um sinal visível de indelicadeza. Assim sendo, o mais importante na refeição é a partilha dos alimentos, a refeição realizada em comum introduz o Homem na solidariedade.

Quando comemos e bebemos com os outros, podemos dizer que é a coisa mais simples e quotidiana que fazemos, mas também é a mais importante que podemos fazer para reforçar a nossa humanidade. Quando nos alimentamos, estamos a fazer uma experiência humana e espiritual, o alimento possibilita a comunicação, estar à mesa com os outros é algo de sagrado. Assim cada vez que nos alimentamos, estamos em relação com o outro, com a terra, com o fruto do nosso trabalho e com o universo.

Quando comemos, o Homem estabelece uma relação primária e fundamental com a natureza, com os outros e connosco. Comer não se trata apenas de uma necessidade biológica, mas também um ato cultural. Muitos antropólogos reconhecem que o comer e partilhar a mesa, tem uma função central em toda a cultura. Como escreveu o antropólogo Lévi Strauss

⁸⁴ JUNQUEIRO, Guerra, *Oração ao Pão, Oração à Luz*, 35.

⁸⁵ Cf. BORN, A. Pão in BORN, A. Van Den, *DEB*, 1107.

⁸⁶ FLANDRIN, Jean-Luis, MONTANARI, Massimo, *História da Alimentação I*, 91.

no seu livro, “O cru e o cozido”; “comer é a alma de toda a cultura”⁸⁷. Quando estamos perante uma cultura estranha à nossa, o que mais estranhamos é a língua e a comida, porque ambas expressam experiências sociais muito profundas. O que comemos faz parte da nossa história, existem alimentos que não podem faltar a uma mesa em determinadas celebrações⁸⁸, isto acontece em todas as culturas.

Em todas as culturas também existe uma espécie de protocolo sobre a mesa da refeição; o modo de se sentar, a distribuição dos lugares à mesa, desta forma está presente uma ordem social e simbólica aceite por cada grupo. Contudo as mudanças de mentalidade que têm acontecido na nossa sociedade, também são muito visíveis no ato de nos alimentarmos.

Devido a questões profissionais, opções de vida os laços familiares estão muitas vezes reduzidos à família nuclear, muitas vezes nem isso é possível acontecer. O papel da mulher na cozinha também mudou, hoje em dia não podemos pensar que a confeção dos alimentos é tarefa exclusiva da mulher. A proliferação dos alimentos industrializados, a “fast food”, o “Take-away” vieram alterar os “velhos” ritos da mesa, ou seja o ato de comer, enquanto experiência de ligação com os outros, tem perdido importância na nossa cultura.⁸⁹

Por último, e não menos importante, temos a presença da televisão à hora da refeição que toma a atenção de todos os que estão sentados à mesa, perde-se a função de comunicação tão importante no espaço de refeição; “A refeição perdeu «cidadania», foi desritualizada e reduzida a um mero ato de consumo para satisfazer uma necessidade. Perdeu, em grande medida, a sua capacidade simbólica”.⁹⁰

Existe sempre uma relação entre a forma como se come, o que se come, com quem se come, onde e quando comemos, o grupo a que pertencemos com as suas regras e tradições.⁹¹ Para que “o pão de cada dia” alcance um nível humano é necessário que deixe de ser uma ação individualista e que se abra à coexistência, quando o homem é capaz de partilhar a sua mesa e os alimentos se transformam em símbolos de amizade e fraternidade.⁹²

No tempo de Jesus de Cristo partilhar a mesa obedecia a normas de pureza, impostas aos Judeus, no sentido de salvaguardar uma separação entre os Judeus e os outros povos e também uma tentativa de controlo. A questão é procurar conservar a pureza de Israel. Os Judeus mantinham uma separação rigorosa na hora de partilhar uma refeição. Na

⁸⁷ AGUIRRE, Rafael, *La mesa compartida*, 26.

⁸⁸ Cf. AGUIRRE, Rafael, *La mesa compartida*, 27.

⁸⁹ Cf. ANTUNES, Carlos Maria, *Só o pobre se faz Pão*, 73.

⁹⁰ ANTUNES, Carlos Maria, *Só o pobre se faz Pão*, 74.

⁹¹ Cf. ANTUNES, Carlos Maria, *Só o pobre se faz Pão*, 30.

⁹² Cf. BASURKO, Xavier, *Compartir el pan: de la misa a la eucaristia*, 31.

realidade a lei de Moisés não proíbe explicitamente compartilhar a mesa com Pagãos, contudo com as proibições dos alimentos de Lv 11 rapidamente se passa para outras prescrições.

É nesta sociedade que Jesus Cristo se insere e que rompe com todos estes paradigmas. Alias uma das melhores formas de compreensão da pessoa de Jesus Cristo é a analogia que faz com a “mesa da refeição”. No Evangelho de Lucas, o evangelista que mais vezes descreve Jesus à mesa⁹³, as comidas de Jesus são apresentadas em três grupos distintos, Jesus come com os pecadores e publicanos; com os fariseus e com os seus discípulos.⁹⁴

Para Jesus, a mesa é para ser compartilhada por todos, desta forma a partilha do pão com todos fazia parte das suas práticas, que tanto revoltavam as autoridades Judaicas, regras essas que estabeleciam a desigualdade e a divisão. Jesus propõe um verdadeiro protocolo que inverte por completo e não sem escândalo, a lógica das convenções, esta sua atitude mostra como Ele acreditava que a mesa pode e deve constituir um espaço privilegiado para a experiência cristã, assim:

“ Sim, Jesus é pão e não se cansa de o partir e repartir para todos, através das mais diversas formas de dar vida. Jesus faz da sua própria vida um banquete aberto a todos. Um dos meios para dar visibilidade a esta universalidade é o sentar-se à mesa com as pessoas mais suspeitas, com publicanos e pecadores, o que estava interdito para um Judeu. Jesus não teme contaminar-se, ultrapassa a fronteira entre o impuro e puro, para dar corpo ao Reino – o banquete para todos os povos.”⁹⁵

A Humanidade acaba por encontrar junto à mesa da refeição uma das melhores formas de celebrar a vida, construir relações e acabar com desigualdades e separações, “a refeição em comum tem para os comensais força de união.”⁹⁶

Ainda hoje e em muitas culturas, a mesa da refeição é o local mais importante da casa onde vivemos, para ela convergem todos os encontros, a mesa é o centro para onde convergem não apenas “estômagos vazios”, mas também onde as histórias pessoais e coletivas são revisitadas e revividas, dando sentido à nossa existência.

A mesa da refeição, do ponto de vista social, deve estar acessível por todos os lados, é feita para ser rodeada e preenchida, deste modo a mesa é também símbolo da possibilidade de convergência e entendimento entre as pessoas.⁹⁷

Neste sentido, a mesa é acolhedora, congrega a diferença e rompe com as hierarquias sociais. A mesa faz a família, reforça e intensifica a consciência de que realmente é uma

⁹³ Cf. CARVALHO, José Carlos, *Fontes bíblicas da eucaristia*, 23.

⁹⁴ Cf. AGUIRRE, Rafael, *La mesa compartida*, 58

⁹⁵ ANTUNES, Carlos Maria, *Só o pobre se faz Pão*, 83.

⁹⁶ LURKER, Manfred, *DFSB*, 63.

⁹⁷ Cf. BASURKO, Xavier, *Compartir el pan: de la misa a la eucaristia*, 34.

família.⁹⁸ À mesa somos capazes de partilhar, falar de nós mesmos, das nossas alegrias, sonhos e conquistas, mas também somos capazes de partilhar os nossos desânimos e angústias. Porém também procuramos à mesa alimento para a vida, pois também temos “fome” para além do pão. Mas para que tudo isto aconteça precisamos de colocar a mesa da refeição como verdadeiro espaço de encontro com os outros e nós mesmos, um pouco à imagem de Jesus Cristo, pois ele próprio praticava ativamente a comensalidade. Não podemos esquecer que os Evangelhos estão repletos de memórias de muitas refeições partilhadas.

Na opinião de muitos estudiosos este foi um dos aspetos do ministério de Jesus mais significativos para os seus seguidores e ao mesmo tempo mais problemáticos para os seus críticos. Pois Jesus Cristo reivindica uma religião que não fique aprisionada nos legalismos morais e sociais, mas que se torne acessível à misericórdia de Deus.

É na relação da mesa com os pecadores que se explica o sentido da missão de Jesus Cristo, “Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas os que estão doentes. Não foram os justos, mas os pecadores que eu vim chamar ao arrependimento.” (Lc 5, 31-32)

Esta atitude de Jesus colide com a teologia que o templo defendia, a comunidade de mesa trazida por Jesus era tida pelos seus opositores como uma afronta e uma atuação anárquica. A mesa comum é instauradora de reciprocidade estabelece vínculos igualitários e fraternos entre desiguais e desconhecidos, onde os últimos serão os primeiros, onde existe espaço para todos. Deste modo, o pão não é só pão. O pão é também testemunho visível da arte da fraternidade que experimentámos à volta da mesa da nossa casa.⁹⁹

“Nós rezamos: «o pão nosso», porque quando só eu tenho pão, é uma coisa triste. É o pão que não nos desce pela garganta. O pão da solidão não tem metade do sabor, ou um centésimo de alegria. Nós pedimos a Deus o nosso pão, o pão de todos, o pão para todos.”¹⁰⁰

Uma verdadeira refeição feita à volta de uma autêntica mesa fraterna transforma-nos em pão para a vida no nosso mundo, por isso:

“O banquete, tão presente no texto bíblico, é símbolo do desejo de Deus para toda a humanidade: que todos os homens e todas as mulheres se possam reunir à volta da mesa em intensa alegria, numa grande celebração da vida”¹⁰¹

⁹⁸ CARVALHO, José Carlos, *Fontes bíblicas da eucaristia*, 5.

⁹⁹ ANTUNES, Carlos Maria, *Só o pobre se faz Pão*, 86.

¹⁰⁰ MENDONÇA, José Tolentino, *Pai – Nosso que estais na terra*, 103.

¹⁰¹ ANTUNES, Carlos Maria, *Só o pobre se faz Pão*, 82.

1.4 O pão na simbologia do mundo.

“Loiro trigo inocente,
Cuja morte horrorosa ninguém sente!
E é por isso que ao fim do teu martírio
És cor de Lua, és cor de neve, és cor de lírio”¹⁰²

Vivemos num mundo sofisticado e hipertecnológico, mas é fascinante a força simbólica que as coisas simples ainda possuem. O pão é um destes casos, o seu valor simbólico é um dado evidente, tornou-se um símbolo extraordinário e universal que estabelece comunicação entre as pessoas.

O símbolo é sempre uma realidade concreta e material que revela e remete para um outro mundo, também real mas oculto. O símbolo é a melhor código para exprimir o inefável, quando as palavras escasseiam.¹⁰³

Nos países onde o pão é a base da alimentação emerge um simbolismo poderoso que concentra em si, todo o significado de alimento. O pão é quotidiano, tal como é a vida que este alimenta e sustenta.¹⁰⁴

O significado simbólico do pão é bastante amplo e o seu campo semântico envolve conceitos muito variados, como a fecundidade, as tradições populares ou os mitos e a religião. Os aspetos ligados à simbologia do pão constituem bases muito bem alicerçadas na cultura Judaico-Cristã que marca culturalmente a nossa civilização. Ao longo dos tempos, o pão foi sempre um alimento que transpôs as diferenças: “O pão constitui a súpula do alimento e da poção da vida.”¹⁰⁵ Mesmo sendo rico ou pobre, vivendo no meio rural ou urbano, o pão foi sempre a base da alimentação:

“Mas o pão diz-nos também muito sobre a terra, o clima e o saber/fazer das populações. Produto da civilização através do domínio do fogo, cobre uma variedade de tipos ao sabor do cereal de que é feito, mas também das terras e das gentes que o fazem”¹⁰⁶

Na realidade o pão é o alimento que possui maior expressividade da comida humana, é o alimento base que resume todos os outros, “ter pão é poder viver, ganhar o pão «com o suor do seu rosto» retrata toda a experiência da vida humana.”¹⁰⁷ Ganhar o pão significa ganhar a

¹⁰² JUNQUEIRO, Guerra, *Oração ao Pão, Oração à Luz*, 33.

¹⁰³ Cf. MATEOS, Manuel Díaz, *O Sacramento do Pão*, 93.

¹⁰⁴ Cf. BASURKO, Xavier, *Compartir el pan: de la misa a la eucaristia*, 40.

¹⁰⁵ LURKER, Manfred, *DFSB*, 172.

¹⁰⁶ SANTOS, Norberto, GAMA, António, *As Tradições do Pão*, 276

¹⁰⁷ ALDAZÁBAL, José, *Gestos y Simbolos*, 175.

vida, ao passo que mendigar o pão é reconhecer a incapacidade de viver por si mesmo. Quando pensamos no simbolismo do pão, desde o cultivo do cereal, passando pelos trabalhos de preparação da terra, da colheita, da moagem para obter a farinha e pela cozedura final, percebemos que o simbolismo do pão “é uma expressão concreta da nossa própria humanidade.”¹⁰⁸

O pão através do seu simbolismo assume significados relevantes, falar de pão é uma outra forma de interpretar a História, pois “cada país tem a sua história, cada terra tem o seu pão”.¹⁰⁹ Os vários tipos de pão fazem parte do património culinário Português e encontramos inúmeras localidades onde o pão e o seu simbolismo estão associados a um património valioso, exemplo disso são as inúmeras confrarias, feiras, festas e museus dedicados ao pão.

Pelo nosso país encontramos diversas festas de cariz religioso, onde o pão ocupa um lugar simbólico de referência, como é o caso da Festa dos tabuleiros ou Festa do Divino Espírito Santo que é considerada uma das manifestações culturais e religiosas mais antigas de Portugal. A sua origem encontra-se associada às festas das colheitas à Deusa Ceres.¹¹⁰

Porém o Cristianismo foi absorvendo as primitivas festas pagãs e encontrando no simbolismo do pão uma forma de simbolizar a igualdade de todos perante Deus.

O pão, como referência simbólica de todo o tipo de alimento, também é associado ao Dia de todos os Santos, o dia de Pão por Deus, onde antigamente se repartia pão cozido pelos pobres, o Pão de Deus era visto como uma oferta às almas dos que já partiram.¹¹¹

O pão, alimento especialmente valorizado, está ainda presente no simbolismo dos vários provérbios e tradições populares que desde crianças ouvimos.¹¹² O pão, também é o símbolo e testemunho da arte da fraternidade, está presente na raiz das palavras “companhia”, “companheiro”, “companis” que significa comer o mesmo pão:

“Dizer a alguém, «Tu és o companheiro ou a companheira da minha vida», significa que há uma partilha do que é alimento, do que é essencial à vida, de tudo aquilo que a nossa sobrevivência depende, e sem a qual não conseguimos existir.”¹¹³

¹⁰⁸ MENDONÇA, José Tolentino, *Pai – Nosso que estais na terra*, 101.

¹⁰⁹ SANTOS, Norberto, GAMA, António, *As Tradições do Pão*, 276.

¹¹⁰ Disponível em: <http://www.tabuleiros.org/historial/>, consultado em 6 de outubro de 2017.

¹¹¹ Disponível em: <http://visao.sapo.pt/actualidade/sociedade/2017-10-31-Antes-do-Halloween-era-o-Pao-por-Deus>, consultado em 6 de outubro de 2017.

¹¹² São inúmeros os provérbios relacionados com o pão, entre muitos os mais conhecidos são: Pão pela cor, vinho pelo sabor. Não há mau pão com boa fome. Quem dá pão dá criação. Casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão. Fraca é a mesa que não deixa migalhas. Migalhas também é pão. Disponível em: <http://www.folclore-online.com/proverbios/pao.html#.WfybK2aDOP8>

¹¹³ MENDONÇA, José Tolentino, *Pai – Nosso que estais na terra*, 102.

Ainda antes de o pão possuir um simbolismo sobrenatural, comer o pão é um gesto humano, o ato de comer, na nossa cultura, tem muitas vezes um caráter quase exclusivamente biológico, contudo na literatura bíblica, a refeição adquire importantes significados e simbolismos.¹¹⁴

Assim o simbolismo possui uma categoria religiosa universal, porque o homem serve-se da linguagem simbólica também para estabelecer a sua relação com a divindade, “expressando e realizando com sinais e gestos corporais a comunicação religiosa com o invisível.”¹¹⁵ O significado religioso da refeição interpreta-se no contexto da aliança que regulariza todas as relações de Israel com Deus, assim devido à importância que o alimento desempenha na visão teológica de Israel favorece o aparecimento de numerosos símbolos religiosos.¹¹⁶ Entre todos os alimentos, o pão é aquele que recebe o maior significado simbólico, porque a pobreza dos solos nunca permitiu ao povo da Palestina, uma alimentação muito rica, deste modo, o pão era o alimento básico¹¹⁷ e muitas vezes o único alimento que se comia. A oração do Pai-nosso demonstra bem esta ideia, ao condensar no “pão nosso de cada dia” os alimentos necessários para a manutenção da vida humana.¹¹⁸ Assim, o simbolismo do pão adquire um papel importante na vida do povo, pois não é só um meio de subsistência, mas também uma relação com Deus e com as realidades espirituais.

“O alimento e a comida simbolizam a vida íntima e escondida que luta contra a acção corrosiva do tempo, por meio de uma alquimia secreta que nós não dominamos. Comer e beber significam um processo de interiorização. O alimento se interioriza em mim, eu como-o, ingiro-o, assimilo-o e o incorporo-o, passa da ordem do ter, para a ordem do ser”¹¹⁹

O pão, no mundo bíblico é o alimento básico da alimentação, por isso é bastante natural que tenha adquirido um grande simbolismo nas práticas religiosas e na própria sociedade, ter pão era um sinal da bênção de Deus em favor do seu povo.¹²⁰

Por isso, Jesus Cristo ao eleger o pão como símbolo é precisamente porque a sua eficácia expressiva é muito acessível no nível antropológico, significa alimento, mas também,

¹¹⁴Cf. SACCHI, A. Comida in ROSSANO, P; RAVASI, G; GIRLANDA, A, *NDTB*, 297.

¹¹⁵ ALDAZÁBAL, José, *Gestos y Simbolos*, 11.

¹¹⁶ Cf. SACCHI, A. Comida in ROSSANO, P; RAVASI, G; GIRLANDA, A, *NDTB*, 305.

¹¹⁷ Cf. SACCHI, A. Comida in ROSSANO, P; RAVASI, G; GIRLANDA, A, *NDTB*, 297.

¹¹⁸ Cf. MERKEL, Friedemann, Pan in COENEN, Lothar; BEYREUTHER, Erich; BIETENHARD, Hans, *DTNT*, vol. III, 283.

¹¹⁹ BASURKO, Xavier, *Compartir el pan: de la misa a la eucaristia*, 28.

¹²⁰ Cf. ROSS, Allen. Pão, Bolo in VANGEMEREN, Willem, *NDTEAT*, vol. 4, 1020.

através dele, percebemos a relação do homem com a natureza e a felicidade que produz em nós, comer o pão com alguém.¹²¹

O significado principal do substantivo hebraico *לֶחֶם* (lehem) é alimento básico, no A.T é correntemente comprovado este sentido geral do termo, talvez pela circunstância de o pão assado ser o alimento básico da generalidade das refeições, de modo idiomático sugere a palavra pão.¹²² Na tradição o pão não levedado, era o alimento básico que poderia ser preparado rapidamente, serviu não só para simbolizar a pressa na fuga do Egito, mas também se torna símbolo da observância da promessa do Êxodo, ao ser o primeiro alimento a ser consumido na terra prometida.¹²³ Na verdade para se confeccionar pão com fermento era indispensável tempo e estabilidade, devido ao uso da massa do pão velho, no pão novo para o fazer crescer e lhe dar mais sabor.¹²⁴ Assim a levedura ou fermento ganhou vários significados no mundo bíblico:

“Sem dúvida referia-se àquilo que era velho...Porém, por sua própria natureza, o fermento tornou-se um símbolo daquilo que domina ou controla ou daquilo que corrompe. Assim os cristãos devem acautelar-se de tal «fermento» e eliminar da vida qualquer coisa que possa ser representado por ele, especialmente a maldade e a malícia.”¹²⁵

No N.T o sentido negativo do fermento está relacionado com a falsa doutrina, vivível na hipocrisia dos fariseus, saduceus e Herodes (Mt 16, 6-12; Mc 8, 14-21; Lc 12, 1-2), porque o fermento dos fariseus é o elemento que fecha, divide e incapacita para comer juntos.¹²⁶ No entanto o fermento não tem apenas um sentido ou função negativa, é também um elemento positivo ligado ao crescimento da massa, imagem utilizada por Jesus, para representar o rápido anúncio da Boa Nova e o crescimento do Reino de Deus. “ Jesus disse-lhes outra parábola: «O Reino do Céu é semelhante ao fermento que uma mulher toma e mistura em três medidas de farinha, até que tudo fique fermentado.» (Mt 13,33)¹²⁷

No N.T a palavra grega *ἄρτος* (artós) significa o alimento e o sustento em geral e também representa tanto o pão levedado e não levedado.¹²⁸ Assim na quarta petição da oração do Pai Nosso a palavra *ἐπιούσιος* (quotidiano, diário), aparece unida à palavra *ἄρτος*, que

¹²¹ Cf. ALDAZÁBAL, José, *Gestos y Simbolos*, 174.

¹²² Cf. O'CONNEL, Robert. Alimento, Pão in VANGEMEREN, Willem, *NDTEAT*, vol 2, 788.

¹²³ Cf. HARTLEY, John. Pão não levedado in VANGEMEREN, Willem, *NDTEAT*, vol. 2, 1064.

¹²⁴ Cf. ALVES, Herculano, *Simbolos da Biblia*, 143.

¹²⁵ ROSS, Allen. Pão, Bolo in VANGEMEREN, Willem, *NDTEAT*, vol. 4, 1021.

¹²⁶ Cf. MATEOS, Manuel Diaz, *O Sacramento do Pão*, 136.

¹²⁷ Cf. ALVES, Herculano, *Simbolos da Biblia*, 147.

¹²⁸ Cf. REED, Stephen Alan. Bread in FREEDMAN, David Noel, *Eerdmans Dictionary of the Bible*, 199.

serve para lembrar as legítimas necessidades da vida e a fidelidade paternal de Deus.¹²⁹ Ao orar “O pão nosso de cada dia nos dai hoje” demonstrava que naquele tempo e na naquela terra, o povo era de facto dependente de Deus para o seu sustento e uma demonstração diária do cuidado de Deus pelo seu povo.¹³⁰

Por isso o μάννα (maná), não se trata somente do alimento da subsistência do povo de Israel, mas é também a confirmação da glória de Deus. Assim, através deste alimento, Deus responde às desconfianças do seu Povo (Ex 16, 7), aqui “aparece como um símbolo da salvação divina”¹³¹.

Segundo a tradição dos escribas, a arca da aliança não continha apenas as tábuas da lei, mas também uma jarra com o μάννα (maná), “...onde se encontrava o altar de ouro para os perfumes e a Arca da aliança, toda recoberta de ouro, contendo um vaso de ouro com o maná...” (Heb 9, 4). Porém para outros o μάννα (maná) simboliza o pão que desceu dos céus no fim dos tempos para saciar os crentes.

“O verdadeiro pão do céu é só aquele que pode dar a vida eterna. Ora bem, este pão só pode encontrar-se naquele que disse de si mesmo: «Eu sou o pão vivo, o que desceu do céu» (Jo 6, 51). O que se disse do pão do céu fez-se realidade em Jesus Cristo.”¹³²

Todos os simbolismos do pão presentes no A.T são assumidos no N.T, para as Escrituras o pão constitui o símbolo histórico do Reino de Deus.

O Pão não simboliza o supérfluo, mas sim o necessário.¹³³ É inegável que o simbolismo do pão está intimamente ligado à vida, simboliza o alimento de cada dia, ora quando Jesus afirma “Eu sou o pão vivo” (Jo 6, 51), isto quer dizer que apenas Ele é o nosso Pão do Céu, sem o qual nunca poderemos ter uma verdadeira vida.

Para um cristão, o acontecimento central da sua fé é a ressurreição de Jesus Cristo, assim talvez o pão seja o melhor símbolo para representar a ressurreição, símbolo que transporta a vida, a partilha, o ser comunidade e o sinal da presença de Cristo nos nossos dias.

¹²⁹ Cf. MUNDLE, W, Pan in COENEN, Lothar; BEYREUTHER, Erich; BIETENHARD, Hans, *DTNT*, 284.

¹³⁰ Cf. ROSS, Allen. Pão, Bolo in VANGEMEREN, Willem, *NDTEAT*, vol. 4, 1023.

¹³¹ MERKEL, F., Pan in COENEN, Lothar; BEYREUTHER, Erich; BIETENHARD, Hans, *DTNT*, 285.

¹³² MERKEL, F., Pan in COENEN, Lothar; BEYREUTHER, Erich; BIETENHARD, Hans, *DTNT*, 285.

¹³³ COENEN, Lothar, Pan in COENEN, Lothar; BEYREUTHER, Erich; BIETENHARD, Hans, *DTNT*, 286.

2. A SACRAMENTALIDADE DO PÃO

“E a toda a hora, a todo o instante, há milhões d’anos,
Searas sem fim de espíritos humanos
Brotam, florescem, crescem, são cortadas,
E entre as mós do destino trituradas.
E eis a farinha ideal, o frumento de dor, que alimenta a Verdade, a Beleza, o Amor!
De maneira que vós, homens pigmeus, na terra sois o pão de Deus!”¹³⁴

No coração da celebração Eucarística recordamos e atualizamos as palavras de Jesus: “Tomai, comei” (Mt 26, 26), “bebei dele todos” (Mt 26, 27), se queremos compreender o sentido da Eucaristia, em primeiro lugar devemos ter em consideração a sua base antropológica e a base simbólica em que assenta, ou seja, entender a importância do ato de comer e beber juntos.

Do ponto de vista antropológico comida e vida são realidades inseparáveis, em todas as culturas os momentos principais da vida humana são associados com a comida e não apenas comida, mas comida partilhada. Talvez por isso é que Jesus tenha querido deixar para a sua Igreja, como ato central pelo que quer ser recordado, o ato humano da comida.¹³⁵

É indesmentível que as refeições ocupam um lugar de primordial nos Evangelhos, as quais marcam a vida de Jesus Cristo e através dessas mesmas refeições “desenham-se ao mesmo tempo uma visão do mundo, que está para vir e a renovação do mundo que existe.”¹³⁶

Deus quis relacionar-se com a humanidade de forma humana, numa lógica da encarnação onde a vida divina participa e se organiza segundo as estruturas físicas, comunitárias e históricas da própria humanidade. Assim a Eucaristia incorpora esta mesma lógica de encarnação. Para compreender a Eucaristia é necessário descobrir as suas raízes humanas e o enorme simbolismo do ato de comer entre as pessoas.¹³⁷

Como vimos no capítulo anterior, comer é algo mais do que ingerir calorias é uma ação humana repleta de significado, onde o ser humano estabelece uma relação primária e básica com a natureza. Contudo o alimento para o corpo converte-se, sacraliza-se em alimento do espírito e do universo.

A comida é o momento de encontro especial do homem com o universo material e ao mesmo tempo de comunhão privilegiada com os outros seres humanos. Desta forma, através

¹³⁴ JUNQUEIRO, Guerra, *Oração ao Pão, Oração à Luz*, 37.

¹³⁵ Cf. MATEOS, Manuel Diaz, *O Sacramento do Pão*, 106.

¹³⁶ DUTHEIL, J., *As refeições no tempo de Jesus*, in AA.VV., *A Eucaristia na Bíblia*, 20.

¹³⁷ Cf. BASURKO, Xavier, *Para compreender La Eucaristia*, 13.

da comida diária, o homem religioso pode interpretar que a Deus deve o alimento que o sustenta, mas também deve a Deus a amizade e a fraternidade que o rodeia. Por isso o pão não é apenas símbolo, mas também sagrado, onde o ser humano experimenta “a presença na ausência, o oculto e o visível do divino na realidade sensível e humana.”¹³⁸

Como afirmamos na liturgia eucarística, pão e vinho são fruto da terra e do trabalho do homem, o pão é elemento de comunhão e produto do nosso esforço, “ não há Eucaristia sem terra e sem trabalho humano”.¹³⁹ O pão e o vinho não são produtos naturais, mas sim produzidos pelo Homem e nessa produção está presente muito da nossa história; o esforço e sofrimento, lutas e tensões, solidariedade e injustiça e fome e esperança.

Contudo importantes correntes de consciência na história da humanidade viram no jejum, na privação do alimento, o caminho mais adequado para o encontro com a divindade.¹⁴⁰ Na bíblia são inúmeras passagens que o comprovam, como João Batista que “se alimentava de gafanhotos e mel silvestre”. (Mt 3,4) Como vimos não foi este o caminho escolhido por Jesus. O caminho escolhido é precisamente o da comida, o pão e o vinho, para significar a sua presença entre os seus.¹⁴¹

O pão para a vida humana e para a Eucaristia cresce e amadurece nos nossos campos e é trabalhado com o suor e o esforço dos homens, é fruto do trabalho da terra, mas também é sacramento que encerra toda a riqueza e ambiguidade do trabalho humano.¹⁴²

A liturgia ao colocar o pão e o vinho sobre a mesa eucarística reconhece-os como natureza humanizada de grande expressividade simbólica. Como vimos anteriormente o pão simboliza o alimento quotidiano, o vinho, por outro lado, está associado ao clima de alegria e de festa. O quotidiano e o festivo são duas dimensões fundamentais do existir humano e ambas são assumidas pela Eucaristia Cristã.¹⁴³

A centralidade da Páscoa de Jesus não é o cordeiro, mas sim o mistério da sua paixão e morte. Enquanto na ceia Judaica, o pão recordava a amargura e exigência do passado. Na nova Páscoa, o pão é o símbolo de Cristo, do que ele é e do que ele faz, mas também do que nós somos e do que devemos fazer.¹⁴⁴

Esta atitude religiosa em relação aos alimentos expressou-se no costume de bendizer a mesa, ao iniciar a refeição e na respetiva ação de graças no término da mesma, a tradição

¹³⁸ BASURKO, Xavier, *Para compreender La Eucaristia*, 24.

¹³⁹ MATEOS, Manuel Diaz, *O Sacramento do Pão*, 110.

¹⁴⁰ Cf. LÉON-DUFOUR, Xavier, *La Fraccion del Pan – Culto y existència en el Nuevo Testamento*, 53.

¹⁴¹ Cf. BASURKO, Xavier, *Para comprender La Eucaristia*, 25.

¹⁴² Cf. MATEOS, Manuel Diaz, *O Sacramento do Pão*, 113.

¹⁴³ Cf. BASURKO, Xavier, *Para comprender La Eucaristia*, 25.

¹⁴⁴ Cf. MATEOS, Manuel Diaz, *O Sacramento do Pão*, 149.

Judaica é especialmente rica neste aspeto. Assim, estes ritos domésticos da mesa estão na origem da oração eucarística Cristã.

Por isso é evidente que a Eucaristia Cristã nasce no interior de uma cultura em que a comida, por si só, já carrega um profundo significado religioso. A própria estrutura da celebração eucarística cristã bebeu da mesa judaica da Páscoa. É inegável um paralelismo entre a estrutura da Eucaristia cristã e a celebração da ceia pascal Judaica.¹⁴⁵ Assim o alimento é visto como símbolo da participação comum no mistério da vida, onde se reconhece o alimento como dom de Deus, a quem agradecemos e damos graças.¹⁴⁶

Contudo quando perdemos ou esquecemos este contexto vital da existência humana, corremos o risco da Eucaristia converter-se em um rito mágico, vazio de conteúdo, algo que na nossa sociedade secularizada vai acontecendo. Para os cristãos a Eucaristia é expressão e concentração de vida, a do mundo, a das pessoas e a de Deus e não um simples ritual mecanicamente realizado, porque:

“Pelo sacramento do pão entramos em comunhão com todos os que o preparam, ainda que não saibamos seus nomes nem tenhamos visto seu rosto. O pão é a expressão real de que eles também são reais, porque é um sacramento. Como no caso do pão, formado por muitos grãos, todos nós «somos um só corpo; porque todos participamos desse pão único» (1Co 10, 17), e assim o pão e nós mesmos nos transformamos em sacramento de outra realidade mais profunda, a Igreja, corpo de Cristo.”¹⁴⁷

Na realidade o ser humano tem fome de pão, mas também é verdade que “nem só de pão vive o homem.” (Lc 4,4), o Homem tem fome de ser reconhecido, valorizado e amado.

“Não se pode fazer a Eucaristia sem a terra e sem o trabalho dos homens. O pão apresentado no altar sintetiza todo o processo de esforço humano orientado para uma meta: produzir pão, gerar vida”¹⁴⁸

O pão de cada dia para a vida e para a Eucaristia cresce e amadurece nos nossos campos, por isso a Eucaristia está vinculada à experiência humana do comer. Através da Eucaristia, Deus sai ao encontro desse ser humano tornando-se comida e bebida para satisfazer todas as nossas necessidades.¹⁴⁹

¹⁴⁵ Cf. CARVALHO, José Carlos, *Fontes bíblicas da eucaristia*, 6.

¹⁴⁶ Cf. BASURKO, Xavier, *Para compreender La Eucaristia*, 26.

¹⁴⁷ BASURKO, Xavier, *Para compreender La Eucaristia*, 115.

¹⁴⁸ BASURKO, Xavier, *Para compreender La Eucaristia*, 114.

¹⁴⁹ Cf. BASURKO, Xavier, *Para compreender La Eucaristia*, 111.

Assim a Eucaristia é o sacramento do amor de Deus para com a Humanidade, mas é também na Eucaristia que se exprime e atualiza a unidade do Povo de Deus:¹⁵⁰

“Pelo sacramento do pão eucarístico, ao mesmo tempo é representada e se realiza a unidade dos fiéis, que constituem um só corpo em Cristo. Todos os homens são chamados a esta união com Cristo, luz do mundo, do qual vimos, por quem vivemos, e para o qual caminhamos” (LG 3)

Assim o símbolo do pão como corpo-comunidade, não é pão para ser conservado, mas para ser comido, “é pão que dá a vida ao mundo” (Jo 6,32), é pão para algo e para alguém. Jesus Cristo ao fazer o convite “Tomai e comei” não se refere à materialidade do pão, mas o entrar no projeto de Deus tornando-se pão para a vida, por isso “uma mesa, um pão, uma vida, um corpo – isso é a Igreja”¹⁵¹

2.1. A Eucaristia

“A vossa alma é a claridade que ilumina a Verdade.
É a hóstia de luz, no mundo acesa pela beleza.
É o nectário da roxa e dolorida flor,
Donde goteja o mel do Amor.”¹⁵²

A encíclica *Mediator Dei* do Papa Pio XII afirma que a Eucaristia “é como a súpula e o centro da religião cristã.” (MD 59), ou seja, fonte primordial de onde se alimenta a nossa existência humana.¹⁵³ Assim desde sempre a Igreja procurou conservar religiosamente, “como tesouro preciosíssimo, o mistério inefável da fé que é o dom da Eucaristia”. (MF 1)

A Eucaristia assume um papel tão importante na vida da Igreja que o Concílio Vaticano II definiu-a como “fonte e centro de toda a vida cristã” (LG 11), acrescentando ainda que nenhuma comunidade cristã se constrói sem ter a sua raiz e o seu fundamento na celebração da Eucaristia. (PO 6). É sem dúvida o sacramento essencial do Cristianismo, por isso é legítimo afirmar que a Igreja vive da Eucaristia.¹⁵⁴

O Concílio Vaticano II, apesar de não ter publicado qualquer documento específico sobre o mistério eucarístico ilustra os seus vários aspectos no conjunto dos documentos,

¹⁵⁰ Cf. MARTINS, José Saraiva, *Eucaristia*, 12.

¹⁵¹ Cf. MATEOS, Manuel Diaz, *O Sacramento do Pão*, 152.

¹⁵² JUNQUEIRO, Guerra, *Oração ao Pão, Oração à Luz*, 38.

¹⁵³ Cf. ARÉS, D; SUBIRANA, J; RAMÓN, H., Eucaristia in NDC, 828.

¹⁵⁴ Cf. CORREIA, João Alberto, *A Eucaristia na Bíblia e a Bíblia na Eucaristia*, 195.

especialmente na constituição dogmática sobre a Igreja *Lumen gentium* e na constituição sobre a sagrada Liturgia *Sacrosanctum concilium*.

É visível, principalmente nestes documentos do Concílio Vaticano II, um enorme desejo de que todos os cristãos compreendam melhor “a grandeza da fé e a beleza do encontro com Cristo”¹⁵⁵. Assim através de uma renovação da Liturgia foi possível crescer no conhecimento do grande dom que é a Eucaristia. É de realçar que a Eucaristia é um dos temas mais estudados pela reflexão teológica contemporânea, num esforço de aprofundamento e de tornar mais acessível ao homem de hoje as riquezas da Eucaristia.¹⁵⁶ Na encíclica *Mysterium Fidei*, o Papa Paulo VI afirma que:

“Se a sagrada Liturgia ocupa o primeiro lugar na vida da Igreja, o Mistério Eucarístico é, podemos dizer, o coração e o centro da Sagrada Liturgia, constituindo a fonte de vida que nos purifica e robustece.” (MF 3)

É importante referir que a liturgia é o cume ao qual tende a atividade da Igreja, e por conseguinte é também a fonte de onde provém a sua força, (Cf. SC10) no coração da liturgia está a Eucaristia.¹⁵⁷ Assim podemos afirmar que a Eucaristia é o sacramento dos sacramentos, como refere o Decreto *Presbyterorum Ordinis*:

“Os restantes sacramentos, porém, assim como todos os ministérios eclesíasticos e obras de apostolado, estão vinculados com a sagrada Eucaristia e a ela se ordenam. Com efeito, na santíssima Eucaristia está contido todo o tesouro espiritual da Igreja...Por isso a Eucaristia aparece como fonte e coroa de toda a evangelização” (PO 5)

A Eucaristia será sempre a atividade central da Igreja, é o sacramento em que participamos de forma mais completa na obra redentora de Cristo, como afirma o Vaticano II, na Constituição sobre a Liturgia:

“O nosso Salvador instituiu na última Ceia, na noite em que foi entregue, o Sacrifício eucarístico do seu Corpo e do seu Sangue para perpetuar pelo decorrer dos séculos, até Ele voltar, o Sacrifício da Cruz, confiando à Igreja, sua esposa amada, o memorial da sua morte e ressurreição: sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal em que se recebe Cristo, a alma se enche de graça e nos é concedido o penhor da glória futura” (SC 47).

¹⁵⁵ PAPA FRANCISCO, *Audiência Geral* (8 de novembro de 2017), Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2017/documents/papa-francesco_20171108_udienza-generale.html, consultado em 6 de dezembro de 2017.

¹⁵⁶ MARTINS, José Saraiva, *Eucaristia*, 14.

¹⁵⁷ Cf. MATEOS, Manuel Diaz, *O Sacramento do Pão*, 88.

Devemos ter em atenção que este ato central e fulcral do Cristianismo é denominado no N.T de duas formas; de fração do pão (Act 2, 42) e ceia do Senhor (1Cor 11, 20), não encontramos o termo εὐχαριστία (eucharistia) para designar a liturgia eucarística, quando encontramos a palavra nos textos, serve para designar um certo tipo de oração e de ação de graças. Até ao início do séc.II não se utiliza este termo para designar a prática eucarística.¹⁵⁸

É importante perceber que para as primeiras gerações cristãs, o contexto da refeição foi de imenso valor para a compreensão e celebração da Eucaristia. Mas também é revelador que o desaparecimento das designações “fracção do pão” e “ceia do Senhor” tenha seguido a afastamento da refeição, ou seja paralelamente à separação da Igreja e da Sinagoga, a Eucaristia vai se distinguindo cada vez mais da comida Judia e se vai revestindo progressivamente de conceitos gregos.¹⁵⁹ Assim é o termo Eucaristia que se impõe ao longo dos séculos.

O Catecismo da Igreja Católica afirma que pela riqueza inesgotável da Eucaristia manifesta-se nos distintos nomes que lhe são dados. (Cf. CIC 1328) Os diferentes nomes que se atribuem à Eucaristia no N.T exprimem os diferentes aspetos que nos auxiliam a compreender a riqueza deste sacramento.¹⁶⁰ A riqueza e a variedade dos nomes atribuídos à Eucaristia, ao longo dos tempos e lugares indica uma pluralidade de aspetos, umas vezes referem-se ao conteúdo profundo do mistério celebrado, outras vezes dizem respeito a algum ritual ou sinal mais significativo.¹⁶¹

O Catecismo da Igreja Católica apresenta os diversos nomes deste sacramento:

- “Chama-se: Eucaristia, porque é acção de graças a Deus. As palavras « eucharistein» (Lc 22, 19; 1 Cor 11, 24) e «eulogein» (Mt 26, 26; Mc 14, 22) lembram as bênçãos judaicas que proclamam – sobretudo durante a refeição – as obras de Deus: a criação, a redenção e a santificação.” (CIC 1328) Significa agradecer, dar graças a Deus antes da comida e mais em concreto pela fórmula utilizada por Jesus Cristo na última ceia.¹⁶²
- “Ceia do Senhor, porque se trata da ceia que o Senhor comeu com os discípulos na véspera da sua paixão e da antecipação do banquete nupcial do Cordeiro na Jerusalém celeste.” (CIC 1329) S. Paulo utiliza esta expressão para referir-se à

¹⁵⁸ Cf. LÉON-DUFOUR, Xavier, *La Fraccion del Pan – Culto y existencia en el Nuevo Testamento*, 30.

¹⁵⁹ Cf. FRANKEMOLLE, Hubert, Eucaristia in EICHER, Peter, *DCT*, 375.

¹⁶⁰ Cf. BOROBIÓ, Dionísio, *Eucaristia*, 4.

¹⁶¹ Cf. VISENTIN, P., Eucaristia in SARTORE, Domenico, TRIACCA, Achille, *NDL*, 734.

¹⁶² Cf. BOROBIÓ, Dionísio, *Eucaristia*, 4.

Eucaristia que se celebrava em Corinto, onde a comida do Senhor tem lugar em ambiente doméstico e fraterno.¹⁶³

- “Fracção do Pão porque este rito próprio da refeição dos judeus foi utilizado por Jesus, quando abençoava e distribuía o pão como chefe de família, sobretudo aquando da última ceia. É por este gesto que os discípulos O reconhecerão depois da sua ressurreição e é com esta expressão que os primeiros cristãos designarão as suas assembleias eucarísticas. (CIC 1329) Com o passar do tempo, este termo tornar-se-á o nome próprio para designar a totalidade do rito eucarístico.¹⁶⁴
- “Assembleia eucarística (sýnaxis), porque a Eucaristia é celebrada em assembleia de fiéis, expressão visível da Igreja.” (CIC 1329)
- “Santo Sacrifício, porque actualiza o único sacrifício de Cristo Salvador e inclui a oferenda da Igreja; ou ainda santo Sacrifício da Missa, «Sacrifício de louvor» (Heb 13, 15) (158), Sacrifício espiritual, Sacrifício puro e santo, pois completa e ultrapassa todos os sacrifícios da Antiga Aliança.” (CIC 1330)
- “Santa e divina Liturgia, porque toda a liturgia da Igreja encontra o seu centro e a sua expressão mais densa na celebração deste sacramento; no mesmo sentido se lhe chama também celebração dos Santos Mistérios. Fala-se igualmente do Santíssimo Sacramento, porque é o sacramento dos sacramentos. E, com este nome, se designam as espécies eucarísticas guardadas no sacrário.” (CIC 1330)
- “Comunhão, pois é por este sacramento que nos unimos a Cristo, o qual nos torna participantes do seu corpo e do seu sangue, para formarmos um só corpo é o sentido primário da «comunhão dos santos» de que fala o Símbolo dos Apóstolos – , pão dos anjos, pão do céu, remédio da imortalidade (163), viático...” (CIC 1331)
- “*Santa Missa*, porque a liturgia em que se realiza o mistério da salvação termina com o envio dos fiéis («missio»), para que vão cumprir a vontade de Deus na sua vida quotidiana.” (CIC 1332)

Na verdade a Eucaristia é um mistério inesgotável. O Papa João Paulo II, na Encíclica *Redemptor Homminis* apresenta o sacramento da Eucaristia com três dimensões: “Ele é ao mesmo tempo Sacramento – Sacrifício; Sacramento - Comunhão e Sacramento - Presença.” (RH 20) Nas palavras da instituição encontramos estas três dimensões da Eucaristia: Comunhão - “Tomai, comei” (Mt 26, 26); presença- “isto é o meu Corpo” (Mc 14, 22); sacrifício - “que vai ser entregue por vós” (Lc 22, 19).

¹⁶³ Cf. BOROBIÓ, Dionísio, *Eucaristia*, 4.

¹⁶⁴ Cf. BOROBIÓ, Dionísio, *Eucaristia*, 4.

Também nas palavras da instituição da Eucaristia encontramos a dimensão memorial – “fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19). Porque é do mistério Pascal que nasce a Igreja, isto é visível desde as primeiras imagens da Igreja que nos oferecem os Atos dos Apóstolos:

“Eram assíduos ao ensinamento dos Apóstolos, à união fraterna, à fração do pão e às orações.” (Act 2,42) Na fração do pão é evocada a Eucaristia, assim dois mil anos depois, a Igreja continua a realizar e a fazer memória daquela imagem primordial.” (EE 3)

Como já o afirmamos a Eucaristia é a atividade central da Igreja, “a Igreja vive da Eucaristia” (EE 1), porque “ ao participar realmente do corpo do Senhor, na fracção do pão eucarístico, somos elevados à comunhão com Ele e entre nós.” (LG 7).

Mas esta atividade é vista por muitos como um ato de culto, ritual e sagrado, não como um ato familiar e comunitário. Assim, a mesa partilhada é o melhor símbolo para expressar a verdade central sobre o reino e sobre o Deus do reino.¹⁶⁵

A Eucaristia é um acontecimento festivo, pois celebra a presença de Jesus Cristo ressuscitado no meio dos seus no ato de dar-se a Si mesmo, assim a Eucaristia não se detém na morte, mas abre-se à vida é a exaltação de um vivente que se senta à mesa do banquete com os seus, esperando que chegue o banquete da eternidade.¹⁶⁶

A Instrução *Eucharisticum Mysterium*, sobre o culto da sagrada eucaristia, expõe, de forma notável, este encontro de Deus com a humanidade em três dimensões indissociáveis: a do sacrifício, a do memorial e a do banquete. Afirma o seguinte:

“Por isso a missa ou Ceia do Senhor é ao mesmo tempo e de forma inseparável: sacrifício no qual se perpetua o sacrifício da cruz; memorial da morte e da ressurreição do Senhor, que disse: “Fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19); banquete sagrado, em que, pela comunhão do corpo e sangue do senhor, o povo de Deus participa nos bens do sacrifício pascal, renova a nova aliança entre Deus e os homens selada de uma vez para sempre com o sangue de Cristo, e prefigura e antecipa na fé e na esperança o banquete escatológico no reino do Pai, anunciando a morte do Senhor até que venha”.(SCR 3a)

Também o Código de Direito Canônico realça as dimensões da Eucaristia ao afirmar:

¹⁶⁵ Cf. MATEOS, Manuel Diaz, *O Sacramento do Pão*, 125.

¹⁶⁶ Cf. CIPRIANI, S., Eucaristia in ROSSANO, P; RAVASI, G; GIRLANDA, A, *NDTB*, 579.

“Augustíssimo sacramento é a santíssima Eucaristia, na qual se contém (memorial e presença), se oferece (sacrifício) e se recebe (banquete) o próprio Cristo e pela qual continuamente vive e cresce a Igreja.” (Cân. 897)

Assim a Eucaristia é, ao mesmo tempo e inseparavelmente memorial sacrificial em que se perpetua o sacrifício da cruz e o banquete sagrado da comunhão do corpo e sangue de Cristo. (Cf. CIC 1382) Na Eucaristia sentimos e vivemos o amor de Deus de três modos diferentes, mas complementares:

- Como memorial - Deus conosco.
- Como sacrifício - Deus por nós.
- Como banquete - Deus em nós.¹⁶⁷

2.1.1 Eucaristia como memorial

Sabemos que é uma característica humana a tendência de recordar e comemorar, por meio de palavras e gestos mais ou menos ritualizados, os acontecimentos do passado que marcaram a história pessoal, familiar ou social e impulsionaram a sua evolução humana, ou decisão do seu futuro.¹⁶⁸

Todas as religiões positivas atribuem grande valor à memória; sua fé, da mesma forma invoca para o ensinamento de um fundador ou de um profeta, para os gestos por eles realizados e para os documentos escritos em que seus ensinamentos e gestos se acham contidos pelos quais se transmitem e são considerados sagrados e normativos.¹⁶⁹

Assim os homens dos tempos bíblicos relembram acontecimentos passados folheando as suas recordações, visitando a sua memória, olhando para um objeto, meditando um gesto, do qual a memória guardou o significado com a finalidade de embelezar o presente e encontrar uma explicação para o mesmo.¹⁷⁰ O sinal visível que recordava e transpunha para o tempo presente os acontecimentos do passado era designado habitualmente pelo termo “*zikkaron*” que significa lembrança, recordação, memorial.¹⁷¹

Assim as grandes intervenções ou os grandes acontecimentos de Deus em favor do seu povo são expressos, na linguagem do AT, pelos verbos «recordar» (*Gn* 8, 1; 9, 15 *Ex* 6, 5;) ou «lembrar» (*Sl* 78, 39). Os acontecimentos bíblicos não são resquícios de um tempo passado, são realidades tornadas presentes na sua celebração. Assim, cada geração sente-se presente

¹⁶⁷ Cf. STOCKL, Fidelis, *As três dimensões essenciais da Santíssima Eucaristia*, 6.

¹⁶⁸ Cf. BOROBIO, Dionísio, *Eucaristia*, 152.

¹⁶⁹ Cf. RUFFINI, E., Eucaristia in FIORES, Stefano, GOFFI, Tullo, *DE*, 359.

¹⁷⁰ Cf. MONLOUBOU.L. *O Antigo Testamento à mesa*, in AA.VV., *A Eucaristia na Bíblia*, 11.

¹⁷¹ Cf. BOROBIO, Dionísio, *Eucaristia*, 153.

nos acontecimentos recordados, porque a sua condição e identidade presentes são manifestamente devedoras do seu passado.¹⁷² Toda a atividade litúrgica em Israel apresenta-se como um “*zikkaron*”, não como apenas uma recordação sobre o conteúdo de um acontecimento passado, mas recordam-se ligando menos ao acontecimento efêmero do que ao seu significado permanente.¹⁷³

Deste modo, não é estranho, que do ponto de vista religioso, o homem deseje e necessite comemorar os acontecimentos que marcam a sua relação salvífica com Deus, como é o caso da Eucaristia.¹⁷⁴ É óbvio que não podemos falar de Eucaristia no A.T, porque ela só foi instituída por Jesus Cristo. Porém existem textos do A.T que auxiliam a compreendê-la melhor, porque a Eucaristia cristã nasce dentro de uma cultura onde as refeições possuem um profundo significado religioso.

A linguagem litúrgica fala da Eucaristia como “*mysterium fidei*” por excelência, também porque na sua realidade profunda a Eucaristia transcende a capacidade de compreensão humana e a simples explicação racional, mas acima de tudo é porque a Eucaristia expressa e realiza a economia salvífica com que Deus se manifesta e age na história.¹⁷⁵

No N.T, Jesus celebra a última ceia em contexto de memorial pascal, consciente da importância desta comemoração na tradição judaica. Jesus Cristo após expressar o valor sacrificial do seu corpo e sangue, através dos sinais do pão e do vinho, pede aos discípulos: “Fazei isto em memória de Mim” (Lc 22. 19). Para percebermos esta expressão marcante, é absolutamente necessário abordar o conceito de memorial, (anamnese) como contemporaneidade de um acontecimento passado ligado à comunidade celebrante presente que participa do seu dinamismo salvífico e se vê projetada para o futuro escatológico.¹⁷⁶

“Fazei isto em memória de Mim” (Lc 22. 19), o ato e as palavras de Jesus Cristo são claras, não somente lhe dá o seu sentido mas pede ainda que o mesmo seja repetido, estamos perante uma expressão fundadora. Este ato fundador de salvação evoca as “maravilhas de Deus” outrora realizadas em favor do seu povo. Esta recordação, comemoração, não é apenas lembrar, mas sim uma espécie de recriação do que é comemorado. Ao celebrarmos a Eucaristia em memória de Jesus pretendemos uma ligação para a nossa salvação e salvação dos nossos irmãos com o ato redentor. Como comemoração a Eucaristia afirma a realidade

¹⁷² Cf. CORREIA, João Alberto, *A Eucaristia na Bíblia e a Bíblia na Eucaristia*, 198.

¹⁷³ Cf. MONLOUBOU.L. *O Antigo Testamento à mesa*, in AA.VV., *A Eucaristia na Bíblia*, 11.

¹⁷⁴ Cf. BOROBIO, Dionísio, *Eucaristia*, 153.

¹⁷⁵ Cf. RUFFINI, E., Eucaristia in FIORES, Stefano, GOFFI, Tullo, *DE*, 358.

¹⁷⁶ Cf. BOROBIO, Dionísio, *Eucaristia*, 154.

permanente da redenção, de uma Páscoa sempre oferecida a quem a quiser acolher.¹⁷⁷ Desta forma na Eucaristia estão concentrados o passado salvífico, o presente atual e o futuro escatológico. Assim o memorial indica “contemporaneidade” de um acontecimento passado que diz respeito à comunidade presente que participa do seu dinamismo salvador, projetando-se para o futuro escatológico.¹⁷⁸

Do mesmo modo o Catecismo da Igreja Católica refere que:

“A Eucaristia é o memorial da páscoa de Cristo: isto é, da obra da salvação realizada pela Vida, Morte e Ressurreição de Cristo, obra esta tornada presente pela ação litúrgica. É Cristo mesmo, sumo sacerdote eterno da nova aliança, que, agindo pela ministério dos sacerdotes, oferece o sacrifício eucarístico. E é também o mesmo Cristo, realmente presente sob as espécies do pão e do vinho, que é a oferenda do Sacrifício Eucarístico.” (CIC, 1410)

Assim a Eucaristia como memorial da Páscoa de Cristo não é apenas um acontecimento histórico, mas sim presença dinâmica e implicativa de Jesus Cristo na comunidade crente que espera pela chegada do Reino.¹⁷⁹

Podemos dizer que “Fazei isto em memória de Mim” (Lc 22. 19), não é somente um convite a repetir um gesto cultural, mas sim um convite a reviver por inteiro o seu significado salvífico. Desta forma o culto converte-se em vida e acontece a “presença” de Cristo no mundo através dos frutos do seu sacrifício.¹⁸⁰

2.1.2 Eucaristia como sacrifício

No nosso tempo ninguém sente atração pelo sacrifício, em vez disso aprecia-se uma vida repleta de prazer e bens materiais. Não se estima o desprendimento e o esforço em favor dos outros mas prefere-se o “otimismo soteriológico ao pessimismo sacrificial”¹⁸¹

Assim é possível afirmar que a palavra sacrifício não goza de boa impressão em muitos ambientes cristãos, no vocabulário católico tradicional continua a ser um termo olhado com dúvida. Por isso julga-se preferível que a base da formação espiritual do crente sobre a fé seja alicerçada na bondade da criação e no “otimismo soteriológico” do que continuar insistindo na temática do sacrifício. Nos nossos dias esta linguagem sacrificial parece ter

¹⁷⁷ Cf. LEGASSE.S., *Fazei isto em memória de mim*, in AA.VV., *A Eucaristia na Bíblia*, 37.

¹⁷⁸ Cf. BOROBIÓ, Dionísio, *Eucaristia*, 153.

¹⁷⁹ Cf. BOROBIÓ, Dionísio, *Eucaristia*, 154.

¹⁸⁰ Cf. CIPRIANI, S., *Eucaristia* in ROSSANO, P; RAVASI, G; GIRLANDA, A, *NDTB*, 582.

¹⁸¹ BOROBIÓ, Dionísio, *Eucaristia*, 238.

passado para o mundo laico, sendo muito utilizado no campo da economia e no mundo do desporto.¹⁸²

Mas o sacrifício parece ser a base do edifício religioso na maior parte das sociedades primitivas, assim pelo sacrifício, por um lado oferecemos algo, por outro somos privados daquilo que oferecemos.¹⁸³ Mas o sacrifício, em primeiro lugar é uma forma original de o Homem se encontrar consigo mesmo, onde descobre as suas limitações. Em segundo lugar, pelo sacrifício encontramos uma forma privilegiada do Homem sair fora de si e encontrar-se com o outro. Por último é uma das formas mais autênticas de encontro com Deus, porque o sacrifício implica autodoação, não é tanto dar algo de si, mas dar-se a si mesmo.¹⁸⁴

Os relatos neotestamentários da instituição da Eucaristia demonstram a estreita relação existente entre o gesto eucarístico e a morte de Cristo, porque desde as origens a celebração eucarística sempre foi considerada o memorial do sacrifício do Calvário.¹⁸⁵ Porque ao instituir a Eucaristia, através dos símbolos do pão e do vinho, Jesus Cristo exprimiu o valor sacrificial do seu corpo e sangue. Jesus Cristo na última Ceia pronunciou estas palavras sobre o pão: “Tomai, todos, e comei; Isto é o meu Corpo que será entregue por vós”. (Cf. Lc 22,19; Mt 26,26; 1Cor 11,24) De seguida, toma em suas mãos o cálice com vinho e diz aos Apóstolos: “Tomai, todos, e bebei: Este é o cálice do meu Sangue, o Sangue da eterna aliança, que será derramado por vós e por todos para remissão dos pecados”. (Cf. Lc 22,20; Mc 14,24; 1 Cor 11,25)

Ou seja, Jesus Cristo não se limitou a afirmar “isto é o meu corpo”, “isto é o meu sangue”, mas acrescenta: “entregue por vós (...) derramado por vós” (Lc 22, 19-20). Não lhes disse apenas que o que lhes dava a comer e a beber era o seu corpo e o seu sangue, mas manifestou o seu valor sacrificial, tornando sacramentalmente presente o seu sacrifício, que algumas horas depois realizaria na cruz. (Cf. EE, 12)

A chave de leitura que nos permite compreender a dimensão sacrificial da Eucaristia é a noção de memorial, porque a Eucaristia que é memorial da Páscoa de Cristo, atualiza sacramentalmente o único e definitivo sacrifício de Cristo, o mesmo afirma o Catecismo da Igreja Católica:

“Porque é o memorial da Páscoa de Cristo, a Eucaristia é também um sacrifício. O carácter sacrificial da Eucaristia manifesta-se nas próprias palavras da instituição: «Isto é o meu corpo, que vai ser entregue por vós» e «este cálice é a Nova Aliança no meu sangue, que vai ser derramado por vós» (Lc 22, 19-20). Na Eucaristia, Cristo dá

¹⁸² Cf. BASURKO, Xavier, *Para compreender La Eucaristia*, 139.

¹⁸³ Cf. BASURKO, Xavier, *Para compreender La Eucaristia*, 140.

¹⁸⁴ Cf. BOROBIO, Dionísio, *Eucaristia*, 238.

¹⁸⁵ Cf. RUFFINI, E., Eucaristia in FIORES, Stefano, GOFFI, Tullo, *DE*, 362.

aquele mesmo corpo que entregou por nós na cruz, aquele mesmo sangue que «derramou por muitos em remissão dos pecados» (Mt 26, 28).” (CIC 1365)

A Eucaristia não é mais um sacrifício ao lado do sacrifício da Cruz, nem é a sua multiplicação. Ela é sim, a celebração sacramental do único e irrepitível sacrifício do Calvário. Ao celebrarmos a Eucaristia, a Igreja vive continuamente do sacrifício redentor.¹⁸⁶ A Eucaristia não é apenas a recordação do sacrifício da Cruz, mas torna esse sacrifício presente, o Papa João Paulo II na encíclica *Ecclesia de Eucharistia* afirma:

“A Missa torna presente o sacrifício da cruz; não é mais um, nem o multiplica. O que se repete é a celebração *memorial*, a «exposição memorial» de modo que o único e definitivo sacrifício redentor de Cristo se actualiza incessantemente no tempo. Portanto, a natureza sacrificial do mistério eucarístico não pode ser entendida como algo isolado, independente da cruz ou com uma referência apenas indirecta ao sacrifício do Calvário. (EE 12)

Assim a Eucaristia é sacramento do sacrifício de Cristo enquanto representação e atualização memorial e dinâmica do mesmo e irrepitível sacrifício, onde a Igreja está chamada a participar na mesma dinâmica de amor de Deus realizado pelo sacrifício de Cristo.¹⁸⁷ No mesmo sentido o Catecismo da Igreja Católica refere:

“A Eucaristia é o coração e o ápice da vida da Igreja, pois nela Cristo associa sua Igreja e todos os seus membros a seu sacrifício de louvor e de ação de graças oferecido uma vez por todas na cruz a seu Pai: por seu sacrifício ele derrama as graças da salvação sobre o seu corpo, que é a Igreja.” (CIC, 1407)

Deste modo a Eucaristia torna-se realmente no núcleo central da vida cristã, onde a fé alimenta a vida e a vida estimula a fé.¹⁸⁸ Assim participando no sacrifício sacramental estamos unidos na única e definitiva aliança, selada com o sangue de Cristo.¹⁸⁹

Na centralidade desta noção de sacrifício não está a dor que mata, mas sim a vida que nasce da morte e que Deus oferece como graça. Assim sendo, a Eucaristia é sacrifício não por ser sacramento de morte mas sim por ser sacramento de vida.¹⁹⁰ “ O verdadeiro sacrifício não está na morte de uma vítima mas no triunfo da vida sobre a morte”.¹⁹¹

¹⁸⁶ Cf. STOCKL, Fidelis, *As três dimensões essenciais da Santíssima Eucaristia*, 12.

¹⁸⁷ Cf. BOROBIÓ, Dionísio, *Eucaristia*, 243.

¹⁸⁸ Cf. CIPRIANI, S., Eucaristia in ROSSANO, P; RAVASI, G; GIRLANDA, A, *NDTB*, 584.

¹⁸⁹ Cf. VISENTIN, P., Eucaristia in SARTORE, Domenico, TRIACCA, Achille, *NDL*, 749.

¹⁹⁰ Cf. MATEOS, Manuel Diaz, *O Sacramento do Pão*, 157.

¹⁹¹ LÉON-DUFOUR, Xavier, *La Fracción del Pan – Culto y existencia en el Nuevo Testamento*, 365.

Se nos limitarmos a ver na cruz apenas um ato de expiação torna-se muito difícil entender a cruz também como o maior sinal do amor de Deus. Neste sentido a lógica da cruz torna-se na estrutura sustentadora da comunidade cristã e comprovador da sua autenticidade.¹⁹²

A morte de Jesus Cristo é “para reunir na unidade os filhos de Deus que estão dispersos” (Jo 11,52), participando da mesma vida em torno da mesma mesa. Assim a relacionalidade do pão não encerra a comunidade cristã sobre si mesma, mas a abre para a vida do mundo, com as suas divisões e a sua fome.

Este pão que partilhamos no sacrifício de Cristo é fermento de fraternidade e de comunhão para o mundo de hoje, no qual muitas pessoas não são capazes de sentarem-se e comerem juntas.¹⁹³

No sacrifício eucarístico exprimimos a intenção de nos unirmos a Jesus Cristo, para que a fonte do seu amor comece a irromper em nós e a correr para os outros.¹⁹⁴

2.1.3 Eucaristia como banquete

Em todos os tempos e lugares comer com alguém é muito mais do que alimentar-se, é ter algo em comum com essa pessoa, isto ainda é mais evidente na civilização semita.¹⁹⁵

Assim o banquete assume no A.T uma função social que se manifesta como um espaço privilegiado da relação, da resolução de problemas, de reconciliação e de aliança.¹⁹⁶ Para além dos holocaustos, também eram oferecidos os sacrifícios de comunhão, mostrando que o crente comia à mesa de Deus e comer na mesma mesa significa participar da mesma vida:

“Quando oferecerdes ao SENHOR um sacrifício de acção de graças, ofereci-o de maneira a ser aceite em vosso favor, a vítima deverá ser comida no mesmo dia, e não deixareis nada para o dia seguinte” (Lv 22, 29-30)

Ou seja, o A.T oferece-nos alguns sinais que antecedem e preparam desde logo a Eucaristia e nos ajuda a percebê-la, contudo é o N.T que nos fala claramente dela, porque foi Jesus Cristo quem a instituiu.¹⁹⁷

¹⁹² Cf. RUFFINI, E., Eucaristia in FIORES, Stefano, GOFFI, Tullo, *DE*, 362.

¹⁹³ Cf. MATEOS, Manuel Diaz, *O Sacramento do Pão*, 152.

¹⁹⁴ Cf. RIBEIRO, Pe. Abílio Pina, *Eucaristia um amor para viver*, 45.

¹⁹⁵ Cf. MARCHADOUR, A., *A última refeição de Jesus*, in AA.VV., *A Eucaristia na Bíblia*, 44.

¹⁹⁶ Cf. CORREIA, João Alberto, *A Eucaristia na Bíblia e a Bíblia na Eucaristia*, 197.

¹⁹⁷ Cf. CORREIA, João Alberto, *A Eucaristia na Bíblia e a Bíblia na Eucaristia*, 202.

É indesmentível que a Eucaristia está intimamente enraizada na vida e na experiência humana, mas também no simbolismo que a alimentação humana possui.

O ato de comer expressa a relação com a realidade criada, com a terra que produz alimentos. O pão e o vinho não são produtos naturais, mas necessitam do trabalho e do esforço humano para a sua produção.¹⁹⁸ Por isso a comida é um momento privilegiado da relação e de comunicação interpessoal, transformando-se no verdadeiro banquete fraterno, sobretudo em situações especiais da vida familiar.

Deste modo a perspectiva antropológica mostra-nos que a comida familiar, o banquete fraterno são conceitos importantes para uma compreensão da Eucaristia.¹⁹⁹ A encíclica *Ecclesia de Eucharistia* afirma que:

“A Eucaristia é verdadeiro banquete, onde Cristo Se oferece como alimento. A primeira vez que Jesus anunciou este alimento, os ouvintes ficaram perplexos e desorientados, obrigando o Mestre a insistir na dimensão real das suas palavras: « Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós» (Jo 6, 53). Não se trata de alimento em sentido metafórico, mas «a minha carne é, em verdade, uma comida, e o meu sangue é, em verdade, uma bebida» (Jo 6, 55).” (EE 16)

A Eucaristia é verdadeiramente o sacrifício de Cristo, mas também é verdade que esse sacrifício foi entregue à Igreja sob a forma de banquete. Contudo a reflexão teológica e a própria piedade dos fiéis não esqueceram o papel importante que representam o pão e o vinho no âmbito da celebração eucarística, contudo o significado destes elementos foi teorizado sobretudo em relação à presença real de Cristo e à sua condição de alimento espiritual para os crentes, colocando um pouco à margem a circunstância de que pão e vinho fazem da eucaristia, antes de mais um banquete.²⁰⁰

A Eucaristia não pode ser vista unicamente como sacrifício, mas também banquete. A Eucaristia é um sacrifício/banquete convivial, “Ceia e cruz. Mesa e altar. Altar que é mesa. Mesa que é altar.”²⁰¹

Um banquete é muito mais do que apenas saciar a fome. O banquete não pode ser um ato individual, mas sim uma festa em comunhão que congrega os participantes. Deste modo, o pão e o vinho no banquete eucarístico expressam a comunhão entre os participantes e Deus. Não é por casualidade que Jesus Cristo assume o pão e o vinho como símbolos para a

¹⁹⁸ Cf. BOROBIO, Dionísio, *Eucaristia*, 184.

¹⁹⁹ Cf. BOROBIO, Dionísio, *Eucaristia*, 187.

²⁰⁰ Cf. RUFFINI, E., *Eucaristia* in FIORES, Stefano, GOFFI, Tullo, *DE*, 360.

²⁰¹ MARTINS, José Saraiva, *Eucaristia*, 233.

Eucaristia, vinho como símbolo do banquete e da alegria festiva e o pão como símbolo da comida fraterna e alimento quotidiano, assim pão e vinho são portadores de valores familiares, sociais e religiosos.²⁰²

Deste modo, o sacrifício de Cristo assume a forma de banquete, de comunhão íntima e fraterna entre os crentes e Cristo.²⁰³

Por isso o Catecismo da Igreja Católica afirma que não podemos separar o aspeto sacrificial do aspeto convivial da Eucaristia:

“A Missa é, ao mesmo tempo e inseparavelmente, o memorial sacrificial em que se perpetua o sacrifício da cruz e o banquete sagrado da comunhão do corpo e sangue do Senhor. Mas a celebração do sacrifício eucarístico está toda orientada para a união íntima dos fiéis com Cristo pela comunhão. Comungar é receber o próprio Cristo, que Se ofereceu por nós.” (CIC 1382)

Assim sendo o banquete eucarístico conserva toda a carga simbólica humano/cósmica/religiosa, mas transcende o simbolismo natural porque o banquete eucarístico é a verdadeira realização de todos os valores previamente anunciados na Páscoa Judaica, onde a Eucaristia é a celebração da nova e eterna aliança²⁰⁴

O banquete eucarístico é, de igual modo, banquete sacrificial, de ação de graças e banquete da Nova Aliança. Trata-se de três aspetos do mistério eucarístico profundamente unidos que admiravelmente se iluminam mutuamente.²⁰⁵

A última ceia pascal de Jesus serve de ponte entre a páscoa judaica e a eucaristia cristã. Porque entre a páscoa judaica e a eucaristia cristã existe continuidade, pois o mistério de Cristo inclui toda a história da salvação, assim também a eucaristia abrange a páscoa judaica, à qual atribui a plenitude de sentido, enquanto banquete messiânico e nova aliança.²⁰⁶ Mas se existe continuidade, também existe ruptura, uma vez que agora o conteúdo é o sacrifício de Jesus Cristo, algo que não acontecia na ceia Judaica.

Contudo é de fundamental importância que compreender que o memorial eucarístico celebra-se sob a forma de convite e está orientado para a união íntima dos crentes co Cristo através do banquete eucarístico.²⁰⁷

A Eucaristia como sacramento de comunhão possui uma dimensão pessoal e uma dimensão comunitária. A Comunhão eucarística é substancialmente um mistério

²⁰² Cf. BOROBIO, Dionísio, *Eucaristia*, 189.

²⁰³ Cf. BOROBIO, Dionísio, *Eucaristia*, 188.

²⁰⁴ Cf. RUFFINI, E., Eucaristia in FIORES, Stefano, GOFFI, Tullo, *DE*, 361.

²⁰⁵ MARTINS, José Saraiva, *Eucaristia*, 268.

²⁰⁶ Cf. FERREIRA, José de Freitas, *O Sacramento da Eucaristia*, 13.

²⁰⁷ Cf. RUFFINI, E., Eucaristia in FIORES, Stefano, GOFFI, Tullo, *DE*, 360.

verdadeiramente interior e pessoal, trata-se do encontro mais íntimo e pessoal com Jesus Cristo. Na verdade, Jesus Cristo instituiu a Eucaristia na familiaridade da Última ceia como dom pessoal de si aos seus amigos.

“Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele”(Jo 6, 56).²⁰⁸ O Papa João Paulo II, na Encíclica *Ecclesia de Eucharistia* afirma:

“Podemos dizer não só que cada um de nós recebe Cristo, mas também que Cristo recebe cada um de nós. Ele intensifica a sua amizade connosco: «Chamei-vos amigos» (Jo 15, 14). Mais ainda, nós vivemos por Ele: «O que Me come viverá por Mim» (Jo 6, 57). Na comunhão eucarística, realiza-se de modo sublime a inabituação mútua de Cristo e do discípulo: «Permaneçei em Mim e Eu permanecerei em vós» (Jo 15, 4).” (EE 22)

Porém a dimensão pessoal da comunhão eucarística está profundamente ligada à sua dimensão comunitária, como nos recorda o Concílio: “ Ao participar realmente do Corpo do Senhor na fração do pão eucarístico, somos elevados à comunhão com Ele (relação pessoal) e entre nós (relação comunitária).” (LG7)

Participar na comunhão do Corpo e Sangue de Jesus Cristo é também estar em união com os irmãos que formam a Igreja, por isso o Papa João Paulo II na Carta Apostólica *Dies Domini* afirma:

“Este aspecto comunitário exprime-se de modo especial no carácter de banquete pascal, que é típico da Eucaristia, onde o próprio Cristo Se faz alimento. Na verdade, «Cristo confiou à Igreja este sacrifício com o seguinte objectivo: para que os fiéis participassem nele, quer espiritualmente mediante a fé e a caridade, quer sacramentalmente com o banquete da sagrada comunhão. A participação na ceia do Senhor é sempre comunhão com Cristo, que por nós Se oferece ao Pai em sacrifício». (DD 44)

Por isso a Eucaristia é o centro, o coração, o fundamento e o cume da vida e actividade da Comunidade Eclesial. (Cf. CIC 1324; LG 11)

²⁰⁸ Cf. STOCKL. Fidelis, *As três dimensões essenciais da Santíssima Eucaristia*, 15.

2.2 O Pão e a origem

“Perdeste a vida p’ra nos dar vida,
Foste a imolar p’ra nos salvar;
Bendito sejas! Bendito sejas,
Trigo morto, cadáver fecundante,
Ressuscitando em nós a cada instante!”²⁰⁹

Quando se questiona sobre a origem da Eucaristia, o mais comum seria encontrar a resposta na última ceia de Jesus com os seus discípulos. Contudo, atualmente deve-se alargar a nossa resposta a diversos momentos, tais como, as comidas de Jesus histórico, a ceia Pascal Judia e as comidas com o Senhor ressuscitado.

Sem dúvida que a intenção de estudar as diversas influências possíveis da Eucaristia Cristã é fundamental, mas a resposta parece encontrar-se na mútua referência e complementaridade dos aspetos que se destacam destas comidas.²¹⁰ Para compreender Jesus e em particular o momento da sua última refeição com os seus discípulos, é absolutamente necessário integrar todas as suas raízes, a sua história e a cultura onde está inserido.²¹¹

Ainda antes da Instituição da Eucaristia já se falava no valor da refeição à mesa e de seus significados, assim como os sacrifícios rituais, estes interferiram em parte na progressiva definição da Eucaristia e da sua importância.²¹²

Deste modo a origem da instituição da Eucaristia e as narrações neotestamentárias da mesma, não conseguem ser totalmente compreendidas no seu profundo significado, a não ser à luz da Páscoa como se celebrava nos tempos de Jesus Cristo.²¹³

Assim é necessário situarmos estes diversos contextos de interpretação, porque as primeiras gerações assumiram grande parte da tradição ritual e litúrgica de Israel, mas inovando e reinterpretando, formando a base da nossa ação litúrgica, sobretudo a eucaristia.²¹⁴

2.2.1 Contextos para a interpretação dos relatos da Instituição

Antes de analisarmos as narrações da instituição da Eucaristia, julgamos importante situar os diversos contextos de interpretação das referidas narrações, desta forma passamos a analisar a tripla raiz da Eucaristia.

²⁰⁹ JUNQUEIRO, Guerra, *Oração ao Pão, Oração à Luz*, 34.

²¹⁰ Cf. BOROBIO, Dionísio, *Eucaristia*, 13.

²¹¹ Cf. MARCHADOUR, A., “A Páscoa: sua evolução até ao tempo de Jesus”, in AA.VV., *A Eucaristia na Bíblia*, 14.

²¹² Cf. CORREIA, João Alberto, *A Eucaristia na Bíblia e a Bíblia na Eucaristia*, 196.

²¹³ MARTINS, José Saraiva, *Eucaristia*, 17.

²¹⁴ Cf. CARVALHO, José Carlos, *Fontes bíblicas da eucaristia*, 1.

a) As comidas de Jesus histórico.

As refeições no mundo Judaico, sempre tiveram um sentido sagrado, pois expressavam não só a comunhão com Deus, mas também a comunhão entre os diversos participantes.²¹⁵ Assim a refeição Judia deveria decorrer segundo uma pureza ritual com vista à santidade de Israel, assim todas as refeições eram vistas como uma bênção, onde cada parte da refeição conhecia uma bênção própria.²¹⁶

O hábito da comensalidade, do “comer com” é uma característica importante da personalidade de Jesus histórico e um dos aspetos mais bem documentados. Nas comidas de Jesus histórico e sobretudo as comidas com os pecadores, Jesus Cristo senta-se à mesa com todas as pessoas, algo contrário à tradição de Israel, Contudo esta atitude é a manifestação da chegada do reino de Deus e supõem o anúncio de uma novidade de vida e salvação, em vez de uma crítica ao culto do A.T.²¹⁷ Sentar-se à mesa com pecadores é a forma que Jesus descobre para demonstrar a sua certeza de que as pessoas são mais importantes do que a lei.²¹⁸

Acolhendo e comendo com todos, mesmo os pecadores, Jesus realiza um gesto de misericórdia, anuncia a chegada do Reino de Deus, uma nova comunidade sem discriminação. Deste modo, Jesus converte o banquete em sinal da chegada do Reino.²¹⁹ Mas a chegada deste Reino, tema nuclear da mensagem de Jesus, não é anunciada como uma promessa futura, mas sim uma realidade já presente e atuante, antecipada sob o sinal da comida partilhada.

As comidas de Jesus não podem ser vistas como uma mera expressão de solidariedade e simpatia para com os marginalizados, mas sim uma concentração simbólica da sua mensagem e de toda a sua vida.²²⁰ O tema do banquete revela o clima de fraternidade que surge em torno da pessoa de Jesus Cristo.

“Jesus aprofunda ainda mais a dinâmica de igualdade, proximidade e reconciliação entre todos que ele quer comunicar aos seus discípulos. Fá-lo sobretudo através da atitude de serviço, que o leva a realizar o lava-pés, um serviço de criados e até de escravos”²²¹

²¹⁵ Cf. BOROBIÓ, Dionísio, *Eucaristia*, 10.

²¹⁶ Cf. CORREIA, João Alberto, *A Eucaristia na Bíblia e a Bíblia na Eucaristia*, 202.

²¹⁷ Cf. BOROBIÓ, Dionísio, *Eucaristia*, 10.

²¹⁸ Cf. CARVALHO, José Carlos, *Fontes bíblicas da eucaristia*, 24.

²¹⁹ Cf. BOROBIÓ, Dionísio, *Eucaristia*, 10.

²²⁰ Cf. BASURKO, Xavier, *Compartir el pan: de la misa a la eucaristia*, 39.

²²¹ MALDONADO, Luis, *Eucaristia en devenir*, 68.

Deste modo, no contexto das comidas partilhadas, Jesus não questiona apenas as hierarquias da sociedade Judaica, mas sugere valores alternativos, propõe os valores sociais do Reino de Deus.²²²

b) A ceia Pascal Judia

Porém uma outra chave importante para compreender a última ceia e a Eucaristia é a ceia da Páscoa Judia. A Páscoa para Judeus é uma celebração de extrema relevância, tão importante que será celebrada de geração em geração:

“Aquele dia será para vós um memorial, e vós festejá-lo-eis como uma festa em honra do SENHOR. Ao longo das vossas gerações, e deveis festejar como uma lei perpétua” (Ex 12,14)

A narração da Páscoa Judaica pode ler-se em Ex 12, 1-20 e em Dt 16, 1-8, apesar dos textos mencionados se refiram à libertação da opressão no Egito, não significam que sejam relatos históricos dos acontecimentos do séc. XIII a.C, pois a sua redação é muito posterior ao Êxodo. Os textos referidos surgem pelo séc. VI e V a.C e são já fruto de um longo processo de interpretação celebrativa dos acontecimentos narrados.²²³

Nos nossos dias, a maioria dos exegetas defende que a festa da Páscoa não tem um início absoluto no tempo do Êxodo. Existia já, no tempo dos Patriarcas, uma festa que já se chamava «pesah».²²⁴ A Páscoa dos Judeus surgiu da primitiva festa pascal das tribos hebreias de pastores no Egito.²²⁵ A festa da Páscoa era no início, o resultado da união de duas festas relacionadas com a natureza, o elemento do cordeiro proveniente do rito de origem pastoril e os ázimos de origem agrícola. Estes rituais eram celebrados no primeiro mês da primavera o que originou a sua fusão. Por outro lado, o facto de o Êxodo coincidir com o dia em que se celebrava o rito do cordeiro fez com que esta festa passasse de um sentido naturalista-apotropaico (poder de evitar malefícios ou desgraças) para um sentido libertador-soteriológico.²²⁶

Contudo, pelos meados do séc. XIII a.C., esta festa adquiriu uma perspectiva completamente nova que se transformaria na memória de Israel, fazendo esquecer quase

²²² Cf. BASURKO, Xavier, *Compartir el pan: de la misa a la eucaristia*, 43; Cf. AGUIRRE, Rafael, *La mesa compartida* 125.

²²³ Cf. CORREIA, João Alberto, *A Eucaristia na Bíblia e a Bíblia na Eucaristia*, 199.

²²⁴ Cf. MARCHADOUR, A., “A Páscoa: sua evolução até ao tempo de Jesus”, in AA.VV., *A Eucaristia na Bíblia*, 14.

²²⁵ Cf. MERTENS, Heinrich A., *Manual de la Biblia. Aspectos literários, históricos y culturales*, 361.

²²⁶ Cf. BOROBIO, Dionísio, *Eucaristia*, 13.

completamente o antigo rito.²²⁷ Quanto à forma da celebração Pascal podemos distinguir três tipos de celebrações. Nos primeiros séculos tinha um caráter familiar, sendo celebrada em ambiente doméstico, mas com a centralização do culto, a celebração pascal foi transferida para o templo de Jerusalém, converte-se assim em uma festa popular de caráter nacional. Por último, após o período pós-exílio acontece uma fusão entre as duas formas celebrativas referidas anteriormente. Esta é a forma de celebração da Páscoa no tempo de Jesus e que aparece nos escritos neotestamentários.²²⁸

Segundo a *Mishná*²²⁹ é possível perceber os elementos presentes na narrativa da ceia pascal: o ritual do «*el qiddush*» (santificação), «*la haggadah*» (relato da libertação), «*la birkat há mazon*» (ação de graças depois da ceia) e «*el Hallel*» (salmos da louvor).²³⁰

A Páscoa era antes de mais um mistério que envolvia a totalidade do Povo Judeu, tinha portanto um caráter essencialmente comunitário. A páscoa era também um memorial, contudo a recordação converte-se na participação atual de quem a celebra, onde essa recordação se traduzia em cânticos de louvor de agradecimento e de alegria. Assim sendo, o louvor, a alegria e o agradecimento são três características da Páscoa Judaica, mas sê-lo-ão ainda mais da Páscoa Cristã, porque é nela que acontece a definitiva e plana libertação do homem.²³¹

Sem dúvida que é com este pano de fundo que temos de ler a Páscoa Cristã, pois é neste ambiente e contexto que Jesus está inserido quando celebra a última ceia com os seus discípulos.²³² Contudo a dúvida permanece, “o que é que Jesus celebrou? Um banquete de despedida? Uma ceia Judaica? Uma ceia? A eucaristia cristã?”²³³ Esta questão que se levanta procuraremos respondê-la mais adiante.

c) O acontecimento da Ressurreição

Podemos afirmar que o acontecimento da Ressurreição, assim como as aparições de Jesus Ressuscitado e as suas comidas com os discípulos constituem o fundamento definitivo da Eucaristia.²³⁴ A Eucaristia celebrada nas primeiras comunidades tem as suas raízes não só na vida e na morte de Jesus, mas também na sua Ressurreição. Ou seja:

²²⁷ Cf. MARCHADOUR, A., “A Páscoa: sua evolução até ao tempo de Jesus”, in AA.VV., *A Eucaristia na Bíblia*, 1.

²²⁸ Cf. MARTINS, José Saraiva, *Eucaristia*, 21.

²²⁹ A *Mishná* é uma das principais obras do judaísmo rabínico, e a primeira grande redação na forma escrita da tradição oral judaica. É uma fonte central do pensamento judaico posterior.

²³⁰ Cf. BOROPIO, Dionísio, *Eucaristia*, 15.

²³¹ Cf. MARTINS, José Saraiva, *Eucaristia*, 24.

²³² Cf. BOROPIO, Dionísio, *Eucaristia*, 15.

²³³ CARVALHO, José Carlos, *Fontes bíblicas da eucaristia*, 1.

²³⁴ Cf. GARZA, Manuel Gesteira, *La Eucaristia, mistério de comunión*, 65.

“É sobretudo a ressurreição do Senhor a fonte última de onde dimana eucaristia da Igreja posterior, ao ponto de que sem ressurreição a eucaristia não chegaria a existir. Porque a vida e morte de Jesus poderiam suscitar a recordação dos discípulos, porém só a ressurreição pode ser geradora da presença de Cristo na eucaristia.”²³⁵

É visível uma relação entre a Eucaristia e a Ressurreição quando se fala de comer e beber com Jesus Ressuscitado, pois é a memória viva do acontecimento da Ressurreição:²³⁶

“Deus ressuscitou-o, ao terceiro dia, e permitiu-lhe manifestar-se, não a todo o povo, mas às testemunhas anteriormente designadas por Deus, a nós que comemos e bebemos com Ele, depois da sua ressurreição dos mortos” (Act 10, 40-41)

É importante referir que segundo o testemunho dos discípulos, o encontro com Jesus Ressuscitado acontece quase sempre²³⁷, em torno de uma mesa, durante uma refeição, sendo que o acontecimento é narrado com uma linguagem de tipo litúrgico-eucarística.²³⁸ O maior exemplo disso mesmo é o relato do caminho de Emaús, quando diz:

“E, quando se pôs a mesa, tomou o pão, pronunciou a bênção e, depois de o partir, entregou-lho. Então, os seus olhos abriram-se e reconheceram-no; mas Ele desapareceu da sua presença. (Lc 24, 30-31)

São muitos os autores que atribuem a esta passagem bíblica um indiscutível caráter eucarístico, pela referência ao “partir do pão”. É possível que a “fração do Pão” realizada por Jesus tenha tido algo de original, diferente do ritual judaico do início da refeição, já que os discípulos O reconhecem pelo gesto.²³⁹

A comida comunitária da comunidade primitiva revela-se como um dos principais âmbitos da presença de Jesus ressuscitado, pois é esta forma de viver a fé, como processo de reflexão e maturação, para passar da desconfiança e descrença inicial, à aceitação definitiva da mensagem de Jesus Cristo.²⁴⁰

Deste modo é possível afirmar que a última ceia não é pois, a única e exclusiva fonte da Eucaristia. As primeiras aparições de Jesus ressuscitado acontecem precisamente em contexto de uma refeição.²⁴¹ Não é Jesus quem reúne os seus discípulos, mas a aparição do

²³⁵ GARZA, Manuel Gesteira, *La Eucaristia, mistério de comunión*, 65.

²³⁶ Cf. BOROBIO, Dionísio, *Eucaristia*, 16.

²³⁷ A exceção é a aparição de Jesus ressuscitado às mulheres que vão ao sepulcro. (Lc 24, 1-12; Mt 28, 1-10; Mc 16, 1-8; Jo 20, 1-18)

²³⁸ Cf. BASURKO, Xavier, *Compartir el pan: de la misa a la eucaristia*, 50.

²³⁹ Cf. GARZA, Manuel Gesteira, *La Eucaristia, mistério de comunión*, 70.

²⁴⁰ Cf. BASURKO, Xavier, *Compartir el pan: de la misa a la eucaristia*, 54.

²⁴¹ Cf. GARZA, Manuel Gesteira, *La Eucaristia, mistério de comunión*, 66.

Senhor acontece quando eles já estão reunidos. É visível pois, que as comunidades de discípulos continuaram com o hábito e o costume das comidas comunitárias que Jesus os habituou.²⁴² Assim as comidas com Jesus Ressuscitado revelam o sentido e o conteúdo das anteriores comidas (as comidas de Jesus histórico e a Ceia Pascal), mas também atualiza o dom anteriormente prometido e inicialmente realizado. É a ressurreição de Jesus que dá a última confirmação e afirmação à Eucaristia.²⁴³

A Eucaristia celebrada pela comunidade apostólica é um lugar privilegiado da presença e da confissão de fé em Jesus ressuscitado e nesta experiência de celebração e confissão conduz a aprofundar mais o acontecimento da Ressurreição.²⁴⁴

2.2.2 Os relatos da Instituição

Sempre que celebramos a Eucaristia, repetimos os gestos e as palavras atribuídos a Jesus no decurso da sua última refeição. Trata-se de uma narração não muito longa, mas fundadora e fundamental, pois continuamos a reproduzi-la diariamente.²⁴⁵

Contudo o primeiro sinal consistente da Eucaristia é a narração da multiplicação dos pães e dos peixes, trata-se de um acontecimento narrado por todos os evangelistas²⁴⁶ o que lhe confere uma credibilidade histórica acrescida. Podemos ver neste relato, um verdadeiro sinal daquilo que será a Eucaristia, pois “todos comeram e ficaram saciados; e, com os bocados que sobejaram, encheram sete cestos” (Mt 15, 37), ou seja o pão partilhado a todos sacia e ainda sobra.²⁴⁷

É importante referir que S. João não nos transmite a mesma narração e este silêncio intrigou desde sempre os historiadores, por que razão S João não retomou uma narração conhecida? É perfeitamente possível que tenha preferido traduzir o seu significado através do gesto do lava-pés (Jo 13, 1-20)²⁴⁸

Deste modo são quatro os relatos da Instituição da Eucaristia que o N.T nos oferece. Três destes relatos foram transmitidos pelos Evangelhos Sinóticos (Mt 26, 26-29; Mc 14, 22-25; Lc 22, 14-20) e o quarto por S. Paulo (1Cor 11, 23-27). A razão pelo qual temos quatro relatos sobre o mesmo acontecimento é, por um lado, um indício da importância que a última ceia representa na memória cristã desde o início, mas por outro, dificulta e desaconselha a

²⁴² Cf. BASURKO, Xavier, *Compartir el pan: de la misa a la eucaristia*, 53.

²⁴³ Cf. GARZA, Manuel Gesteira, *La Eucaristia, mistério de comunión*, 66.

²⁴⁴ Cf. BOROBIÓ, Dionísio, *Eucaristia*, 17.

²⁴⁵ Cf. MARCHADOUR, A., *O Novo Testamento e a Eucaristia*, in AA.VV., *A Eucaristia na Bíblia*, 32.

²⁴⁶ Cf. Mt 14, 13-21; 15, 32-38; Mc 6, 36-44; 8, 1-9; Lc 9, 10-17; Jo 6, 1-15)

²⁴⁷ Cf. CORREIA, João Alberto, *A Eucaristia na Bíblia e a Bíblia na Eucaristia*, 203.

²⁴⁸ Cf. MARCHADOUR, A., *O Novo Testamento e a Eucaristia*, in AA.VV., *A Eucaristia na Bíblia*, 32.

ambição de uma reconstituição histórica do acontecimento, considerando as diferenças que caracterizam os textos.²⁴⁹ Contudo, o teor das narrações é quase idêntico, durante uma refeição, Jesus distribui aos seus discípulos o pão e o vinho prenunciando uma bênção.²⁵⁰ Apesar de serem textos muito semelhantes entre si, nenhum é igual ao outro, todos têm as suas variações e particularidades.²⁵¹

a) Comparação literária

De seguida apresentamos uma comparação entre as narrações, para percebermos os pontos comuns e as grandes diferenças. Como é possível observar no quadro sinótico seguinte²⁵² é possível agrupar as narrações duas a duas.

	As narrações da Instituição da Eucaristia			
	Liturgia de Jerusalém		Liturgia de Antioquia	
	Mateus	Marcos	Lucas	Paulo
Circunstâncias de tempo	“ <i>enquanto comiam</i> ” (Mt, 26, 26)	“ <i>enquanto comiam</i> ” (Mc14, 22)	“ <i>Quando chegou a hora...</i> ” (Lc, 22, 14)	“ <i>na noite em que era entregue</i> ” (1Cor 11, 23)
Fórmula para o pão	“ <i>depois de pronunciar a bênção</i> ” (Mt 26, 26)	“ <i>depois de pronunciar a bênção</i> ” (Mc14, 22)	“ <i>depois de dar graças</i> ” (Lc 22,19)	“ <i>e, tendo dado graças</i> ” (1Cor 11, 23)
Palavras para o pão	“ <i>Tomai, comei: isto é o Meu corpo</i> ” (Mt 26, 26)	“ <i>Tomai: isto é o Meu corpo</i> ” (Mc14, 22)	“ <i>Isto é o meu corpo, que vai ser entregue por vós</i> ” (Lc 22,19)	“ <i>Isto é o meu corpo, que é para vós</i> ” (1Cor 11, 24)
Repetição			“ <i>fazei isto em minha memória</i> ” (Lc 22,19)	“ <i>fazei isto em memória de mim</i> ” (1Cor 11, 24)
Fórmula para o cálice	“ <i>deu graças</i> ” (Mt 26, 27)	“ <i>deu graças</i> ” (Mc14, 23)		
Circunstâncias de tempo			“ <i>depois da ceia</i> ” (Lc 22,20)	“ <i>depois da ceia</i> ” (1Cor 11, 25)
Gestos para o cálice	“ <i>entregou-lho</i> ” (Mt 26, 27)	“ <i>entregou-lho</i> ” (Mc14, 23)		
Palavras para o cálice	“ <i>...este é o Meu sangue, sangue de Aliança, que vai ser derramado por muitos, para perdão dos pecados</i> ” (Mt 26, 27)	“ <i>Isto é o meu sangue da aliança, que vai ser derramado por todos</i> ” (Mc14, 24)	“ <i>Este cálice é a nova Aliança no meu sangue, que vai ser derramado por vós</i> ” (Lc 22,19)	“ <i>Este cálice é a nova Aliança no meu sangue; fazei isto sempre que o beberdes, em memória de mim</i> ” (1Cor 11, 25)

²⁴⁹ Cf. CORREIA, João Alberto, *A Eucaristia na Bíblia e a Bíblia na Eucaristia*, 203.

²⁵⁰ Cf. LÉON-DUFOUR, Xavier, *La Fracción del Pan – Culto y existência en el Nuevo Testamento*, 71.

²⁵¹ Cf. MALDONADO, Luis, *Eucaristia en devenir*, 68.

²⁵² Cf. MARCHADOUR, A., *O Novo Testamento e a Eucaristia*, in AA.VV., *A Eucaristia na Bíblia*, 33.

As narrações de Marcos e Mateus parecem muito iguais entre si, assim são denominadas como tradição palestinese, representam o texto litúrgico utilizado para a Eucaristia na primeira comunidade de Jerusalém. O mesmo acontece com as narrações de Lucas e Paulo que constituem a tradição helenista, tratam-se da forma litúrgica da comunidade de Antioquia.²⁵³ Trata-se de duas tradições que refletem de algum modo, uma mesma tradição originária. Paulo e Marcos são reconhecidos como os principais representantes de cada uma destas tradições. Deste modo é correto afirmar que Mateus depende da versão de Marcos. Relativamente a Lucas, hoje aceita-se como dado seguro, que escreve a sua narração depois de Paulo, mas não depende literariamente da 1ª carta aos Coríntios, mas que ambos, embora de modo independente, referem-se à Igreja de Antioquia dos anos 40 d.C.²⁵⁴

Um olhar sinótico sobre todos os textos é visível que a preocupação dos discípulos não era transmitir de forma rigorosa e integral tudo o que Jesus fez ou disse na última ceia, pois se assim fosse as quatro narrações seriam coincidentes. Mas mesmo assim, o que Jesus diz e faz espelha o uso judaico, onde na refeição o pão aparece no começo e o vinho no fim.²⁵⁵ Ou seja, as narrações são litúrgicas e não descritivas, assim contam como os primeiros cristãos, em Jerusalém e Antioquia celebravam a sua liturgia, a memória da última refeição de Jesus com os seus discípulos.²⁵⁶

Assim uma primeira visão destes relatos é fácil perceber que se trata do mesmo acontecimento, onde as semelhanças entre eles são evidentes. Entre elas importa assinalar as seguintes:²⁵⁷

- Jesus reúne-se com os seus discípulos para a última ceia, o mesmo e único acontecimento, ao cair da tarde (Mt e Mc), era de noite (1Co), quando chegou a hora (Lc).
- Jesus reúne-se com os discípulos para a ceia da despedida e acontece em contexto pascal, embora os Sinóticos considerem-na como celebração da páscoa, Paulo não a considera como tal.

²⁵³ Cf. MARCHADOUR, A., *O Novo Testamento e a Eucaristia*, in AA.VV., *A Eucaristia na Bíblia*, 34.

²⁵⁴ Cf. BASURKO, Xavier, *Compartir el pan: de la misa a la eucaristia*, 53.

²⁵⁵ Cf. CORREIA, João Alberto, *A Eucaristia na Bíblia e a Bíblia na Eucaristia*, 203.

²⁵⁶ Cf. MARCHADOUR, A., *O Novo Testamento e a Eucaristia*, in AA.VV., *A Eucaristia na Bíblia*, 34.

²⁵⁷ Quanto às semelhanças e divergências dos relatos da instituição da Eucaristia seguimos como referência o estudo apresentado por ALDAZÁBAL, José - *La Eucaristia*, 55; BASURKO, Xavier, *Compartir el pan: de la misa a la eucaristia*, 19-20 e MALDONADO, Luis, *Eucaristia en devenir*, 128-129.

- Jesus relaciona a última ceia com a sua morte, pois relaciona o pão com o seu corpo entregue e o vinho com o seu sangue derramado, onde, por este sacrifício, realiza a nova e escatológica aliança.
- Os gestos de Jesus com o pão e o vinho destacam-se nas quatro narrações “Tomou, partiu, deu graças e entregou”, rituais típicos dos Judeus, mas junta palavras de bênção aos gestos que expressam o seu corpo e sangue entregue para a salvação dos homens.
- As quatro narrações incluem palavras de sentido escatológico,²⁵⁸ manifestando assim a união entre a última ceia e a futura ceia do Reino de Deus.

Relativamente às divergências entre as narrações podemos assinalar as seguintes:

- Nas palavras para o pão, Lucas e Paulo, acrescentam: “entregue por vós” “que é para vós”, enquanto Mateus e Marcos não o fazem.
- No que diz respeito ao memorial, Paulo e Lucas referem: “fazei isto em memória de mim”, embora Paulo o faça tanto para o pão como para o vinho e Lucas apenas nas palavras para o pão. Mais uma vez, tais palavras não aparecem em Marcos e Mateus.
- Na narração de Lucas e Paulo, nas circunstâncias do tempo, supõem-se um espaço temporal, pois a ação sobre o vinho acontece “depois da ceia”. Porém em Marcos e Mateus, as ações sobre o pão e vinho aparecem unidas no final da ceia.
- Relativamente às palavras para o cálice, enquanto Mateus e Marcos referem “este é o meu sangue da aliança”, Lucas e Paulo referem “este é o cálice da nova Aliança”, colocam em primeiro lugar a “Aliança” e acrescentam a palavra “nova”. Paulo e Lucas não equiparam o vinho ao sangue. Por outro lado, enquanto Mateus e Marcos falam do sangue derramado “por muitos” e “por todos”. Paulo e Lucas dizem “por vós”, contudo na narração de Paulo a referência “para vós” só aparece nas palavras para o pão.
- Em Marcos e Mateus aparece um detalhe na participação dos discípulos, “todos beberam dele” e “bebei dele todos”.
- Mateus acrescenta nas palavras para o cálice “para o perdão dos pecados”, é a única narrativa a fazê-lo. Também nas palavras para o pão, Mateus é o único que refere “comei”.

²⁵⁸ “Não tornarei a beber o fruto da videira, até chegar o Reino de Deus” (Lc22, 18); “Não beberei mais deste produto da videira, até ao dia em que beber o vinho novo convosco no Reino de meu Pai” (Mt 26, 29); “ Em verdade vos digo: não voltarei a beber do fruto da videira até ao dia em que beba, novo, no Reino de Deus” (Mc 14, 25); “Porque, todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha” (1Co 11, 26)

Em resumo, podemos dizer que se trata do mesmo acontecimento, mas com variantes significativas que indica uma variedade de situações e tradições.

Os relatos bíblicos da instituição da Eucaristia, pelo seu caráter litúrgico, não têm intenção de referir tudo aquilo que se passou na última ceia, mas refere apenas os elementos aos quais Jesus conferiu um valor e significado novo. Estamos perante uma simplificação realizada pelas primeiras comunidades cristãs nas suas celebrações eucarísticas. Mas os relatos da instituição têm um caráter de testemunho, é verdade que são textos transmitidos pelo culto, mas que atestam ao mesmo tempo, história e história de salvação.²⁵⁹

b) Ceia Pascal ou Ceia de despedida?

É surpreendente á partida, estando os relatos da instituição da Eucaristia tão próximos, seja possível existir tantas dúvidas e incertezas sobre a última refeição de Jesus. Contudo esta surpresa dissipa-se quando analisada a questão mais aprofundadamente.

É óbvio que as primeiras testemunhas sabiam o que tinha acontecido na última refeição de Jesus, mas não sentiram necessidade em deixar um relatório pormenorizado acerca do acontecimento. Assim relativamente ao argumento da proximidade das narrações com o acontecimento, é necessário perceber que segundo as regras de elaboração de um texto litúrgico, este acaba por reduzir-se ao que é estritamente essencial, o que é preciso fazer e dizer no ritual litúrgico.²⁶⁰

Também não devemos esquecer que entre a última ceia e a releitura cristã, acontece a Páscoa, que veio dar ao acontecimento um significado e profundidade que deixa o seu rasto na narração²⁶¹

A questão que se coloca é: que tipo de refeição é esta, em que Jesus come com os seus discípulos e onde instituiu a Eucaristia? Foi uma refeição pascal ou uma refeição de despedida? Na verdade a dúvida está associada com a questão da cronologia da instituição da Eucaristia e a opção por uma ou outra determina necessariamente o sentido dos gestos e palavras de Jesus.²⁶²

Assim e durante muito tempo, pensou-se que a última refeição de Jesus com os seus discípulos, ter-se-ia tratado de uma refeição pascal, tendo como prova as narrações dos Evangelhos Sinóticos (Cf. Mc 14, 12-16; Mt 26, 17; Lc 22,15) e o caráter simbólico-teológico do Evangelho de João.²⁶³

²⁵⁹ Cf. MARTINS, José Saraiva, *Eucaristia*, 34-35.

²⁶⁰ Cf. CORREIA, João Alberto, *A Eucaristia na Bíblia e a Bíblia na Eucaristia*, 204.

²⁶¹ Cf. MARCHADOUR, A., *O Novo Testamento e a Eucaristia*”, in AA.VV., *A Eucaristia na Bíblia*, 36.

²⁶² Cf. CORREIA, João Alberto, *A Eucaristia na Bíblia e a Bíblia na Eucaristia*, 204.

²⁶³ Cf. CORREIA, João Alberto, *A Eucaristia na Bíblia e a Bíblia na Eucaristia*, 204.

Um dos mais acérrimos defensores desta tese é Joachim Jeremias. No seu livro *La Ultima Cena*, apresenta catorze motivos para identificar a refeição de Jesus com a refeição pascal.²⁶⁴ De seguida apresentaremos, de forma sucinta, os seus motivos:²⁶⁵

Segundo os quatro evangelhos, a ceia de Jesus foi realizada em Jerusalém, pois o cordeiro Pascal tinha de ser comido dentro dos muros de Jerusalém. Conforme um costume Judeu, Jesus e os seus discípulos utilizaram um local emprestado para realizar a ceia. Outro facto a ter em conta é que em Mc 14, 17 e Mt 26, 20 assinalam o início da ceia “ao entardecer”, enquanto em 1Co 11, 23 e Jo 13,30 referem a sua celebração à noite, contudo, para o autor, é perfeitamente possível que a ceia se tenha prolongado no tempo.

Jeremias continua a encontrar motivos para a sua tese, no facto de Jesus, durante a ceia, estar rodeado pelos 12 discípulos, ora este pequeno grupo coincide com o uso pascal para a refeição, afirma ainda que a circunstância de os quatro evangelhos referirem que comeram recostados e não sentados, costume da ceia pascal que simboliza a libertação, prova o carater de ceia pascal. De seguida afirma que na última ceia, a refeição é seguida segundo os rituais de pureza, isto explica o episódio do lava-pés, pois o mesmo não era exigido nas refeições quotidianas. Refere também que Jesus parte o pão durante o curso da ceia, deste modo só pode estar a referir-se a ceia pascal, onde um prato antecedia a fração do pão. Beber vinho estava também reservado para ocasiões solenes e o uso de vinho tinto era um preceito na ceia pascal.

O autor continua a apresentar os seus motivos para identificar a refeição de Jesus com a refeição pascal afirmando que, segundo Jo 13, 29, Judas ao abandonar a mesa, depois de ceiar, os discípulos pensaram que tinha recebido o encargo de realizar algumas compras. Ora tais compras noturnas seriam impossíveis de acontecer se a ceia se tivesse realizado na tarde anterior ao 14 de Nisán. Mas se a ceia tivesse acontecido na tarde da Páscoa, a urgência teria sido muito maior, porque o dia seguinte, o 15 de Nisán era o dia da festa solene e o dia 16 era sábado. Também segundo Jo 13, 29, alguns discípulos acreditaram que Jesus encarregou Judas de dar algo aos pobres, pois era costume exercitar a beneficência com os pobres, precisamente na noite de Páscoa.

De seguida, Jeremias refere que a última ceia termina com o canto de louvor, ora nas simples comidas festivas, era usual acabar com uma bênção final e não com o referido canto.

Jeremias aponta ainda a circunstância de depois da ceia, Jesus não se dirigir para Betânia, apesar de, segundo Mc 11, 11 e Mc 21, 17, havia passado ali as noites anteriores,

²⁶⁴ Cf. JEREMIAS, Joachim, *La Ultima Cena; Palabras de Jesus*, 42-59.

²⁶⁵ Para este resumo das razões apresentadas por Joachim Jeremias foi consultado: JEREMIAS, Joachim, *La Ultima Cena; Palabras de Jesus*, 42-59; GARZA, Manuel Gesteira, *La Eucaristia, misterio de comunión*, 53-56.

mas para o monte das Oliveiras. Tal facto deve-se, segundo Jeremias, ao facto da obrigatoriedade de passar a noite em Jerusalém ou dentro do perímetro da cidade como estabelecido.

Por último, Joachim Jeremias apresenta o argumento decisivo em favor do caráter pascal da última ceia. Pois Jesus anuncia durante a ceia, a sua eminente paixão, ao pronunciar as palavras sobre o pão e o vinho. Porque o faz desta forma? A justificação que o autor encontra é a explicação do significado dos elementos essenciais da comida no ritual pascal.

Contudo, atualmente, a maioria dos exegetas preferem renunciar a esta tese, uma vez que apesar da afirmação dos Sinóticos, não é absolutamente seguro que a última ceia de Jesus foi historicamente ceia Pascal.²⁶⁶ Pois, no evangelho de João diz: “De Caifás, levaram Jesus à sede do governador romano. Era de manhã cedo e eles não entraram no edifício para não se contaminarem e poderem celebrar a Páscoa” (Jo 18, 28), o que aponta para que a celebração da Páscoa desse ano, tenha sido na tarde dessa sexta-feira.²⁶⁷

Na verdade, os Sinóticos ao fazerem coincidir a ceia de Jesus com a ceia pascal, dão a entender que a Eucaristia Cristã é a nossa nova ceia pascal, querem ver todo o mistério de Jesus Cristo à luz da Páscoa. Contudo também é possível ver em João, uma intenção teológica, ao interpretar a Eucaristia, não como nascida da ceia pascal, mas como novidade radical, apresenta Jesus Cristo como o verdadeiro cordeiro pascal imolado.²⁶⁸

Para além desta discrepância entre João e os sinóticos, nos textos encontramos mais razões para que a última ceia não possa ser vista como ceia pascal.

Realmente fala-se na preparação da Páscoa, mas no decurso da refeição não existe nenhuma referência específica da Páscoa Judia, ou seja não existe referência nem ao cordeiro (peça central da refeição), nem às ervas amargas²⁶⁹ e os relatos da ceia falam em *ἄρτον* (*artón*) em vez do grego *ἄζυμος* (*ázymos*), quando na ceia pascal se utilizava o pão não levedado.²⁷⁰

Também só encontramos a referência a um único cálice, enquanto na ceia pascal existem pelo menos quatro.²⁷¹ Para além de tudo isto, acresce que a paixão de Jesus, dentro do contexto de ceia pascal, como é descrita, traz consigo violações impensáveis à lei judaica, pois teria acontecido no próprio dia da Páscoa Judaica, não seria possível transportar armas

²⁶⁶ Cf. ALDAZÁBAL, José - *La Eucaristia*, 65.

²⁶⁷ Cf. CARVALHO, José Carlos, *Fontes bíblicas da eucaristia*, 25.

²⁶⁸ Cf. ALDAZÁBAL, José - *La Eucaristia*, 66.

²⁶⁹ Cf. MARCHADOUR, A., *O Novo Testamento e a Eucaristia*, in AA.VV., *A Eucaristia na Bíblia*, 38.

²⁷⁰ Cf. GARZA, Manuel Gesteira, *La Eucaristia, mistério de comunión*, 56.

²⁷¹ Cf. CARVALHO, José Carlos, *Fontes bíblicas da eucaristia*, 26.

para prenderem Jesus, em plena celebração pascal, como também não seria possível a seção no Sinédrio para sentenciar Jesus.²⁷²

Atendendo a este ponto de vista, será João que apresenta as tradições históricas mais seguras, a ser assim a ceia de Jesus com os seus discípulos teria acontecido na noite anterior à ceia pascal, assim o desenrolar do processo da paixão de Jesus teve lugar no próprio dia da ceia.²⁷³ (Cf. Jo 18,28 e 19,31)

Desta forma a última refeição de Jesus não pode ter vista como refeição pascal propriamente dita, mas de uma refeição do adeus ou de despedida. Esta é a posição de Xavier Léon-Dufour. Os evangelhos mostram como Jesus sabendo que a sua morte estava próxima, quis “manter um laço pessoal com os que ia deixar”.²⁷⁴ Estamos perante uma refeição testamentária.²⁷⁵

Porém é certo que não possuímos todos os factos, nem todos os pormenores da celebração de Jesus, o que não nos permite afirmar, com toda a certeza, qual será o estilo dessa ceia ou se são os sinóticos ou o evangelho de João quem estão mais perto da verdade histórica. O que pelo menos podemos afirmar é o seu ambiente pascal.²⁷⁶ Como afirma Xavier Basurko:

“A ceia é um banquete pascal, mais concretamente é um banquete celebrado em contexto pascal. Se não se pode identificar a ceia como banquete pascal, também não podem ser eliminados da ceia os temas da Páscoa: a libertação, a redenção e a espera messiânica.”²⁷⁷

Apesar das diferenças entre as narrações, e sem a pretensão de encontrar nos textos as “*ipsissima verba Christi*” elas concordam no essencial e nos gestos e frases transversais de todas as narrações da Eucaristia: “Isto é o meu corpo”, “Isto é a aliança no meu sangue”.²⁷⁸

Por isso, de acordo com o mandato de Jesus, “fazei isto em memória de mim”, os primeiros cristãos começam a celebrar, guardando o que lhes pareceu inovador e que deviam posteriormente relembrar.

Depois Páscoa tudo se torna mais claro para os discípulos, pois o que celebram não é apenas a memória de uma morte contínua, mas sim de uma presença nova, a presença de Jesus que continua a convidar para a sua refeição.²⁷⁹

²⁷² Cf. GARZA, Manuel Gesteira, *La Eucaristia, mistério de comunión*, 57.

²⁷³ Cf. CORREIA, João Alberto, *A Eucaristia na Bíblia e a Bíblia na Eucaristia*, 205 e Cf. MARCHADOUR, A., *O Novo Testamento e a Eucaristia*, in AA.VV., *A Eucaristia na Bíblia*, 38.

²⁷⁴ LÉON-DUFOUR, Xavier, *La Fracción del Pan – Culto y existencia en el Nuevo Testamento*, 129.

²⁷⁵ Cf. CARVALHO, José Carlos, *Fontes bíblicas da eucaristia*, 28.

²⁷⁶ Cf. CARVALHO, José Carlos, *Fontes bíblicas da eucaristia*, 33.

²⁷⁷ BASURKO, Xavier, *Compartir el pan: de la misa a la eucaristia*, 49.

²⁷⁸ Cf. CORREIA, João Alberto, *A Eucaristia na Bíblia e a Bíblia na Eucaristia*, 206.

2.3 O Pão e o fim

“Homem! Vive por Deus!
Sofre por Deus! Morre por Deus!
E bendito serás na eterna paz,
Porque ao fechar os olhos teus,
Trigo de Deus, absorto em Deus descansarás!...”²⁸⁰

Diferente da visão cíclica sobre a História, que afirma que o universo está preso a um ciclo de repetição interminável, uma revelação divina levou os hebreus a perceberem a história da humanidade como um caminho em direção a uma meta futura. Assim começa a desenvolver-se uma esperança de uma resolução histórica final, pela qual Deus acabava definitivamente com o mal e estabeleceria um tempo permanente de salvação, paz e justiça.²⁸¹

Experiências humanas tão reais, como a fome, o esforço por conseguir alimentos, ou a alegria do banquete, são usadas de forma simbólica para expressar esperanças religiosas muito profundas.²⁸² É visível que nas religiões antigas existe uma valorização da comida, como mediação da experiência de Deus. Assim a plenitude humana do encontro com Deus, ou seja a salvação, tem como símbolo predileto a comida festiva.²⁸³

No mundo Judaico esta comunhão com Deus era revelada de duas formas. Em primeiro lugar, através do símbolo da comensalidade, que aponta a um estar junto de Deus, ao redor da sua mesa:

“ Jetro alegrou-se por todo o bem que o SENHOR tinha feito a Israel, libertando-o da mão do Egípto. Jetro disse: «Bendito seja o SENHOR que vos libertou da mão do Egípto e da mão do faraó, que libertou o povo da mão do Egípto. Agora reconheço que o SENHOR é maior que todos os deuses, pelo modo como eram arrogantes contra eles.» Jetro, sogro de Moisés, ofereceu um holocausto e sacrifícios a Deus. Aarão e todos os anciãos de Israel vieram para comer com o sogro de Moisés diante de Deus”
(Ex 18, 9-12)

Contudo, no A.T, esta comunhão com Deus também era revelada através da ingestão de alimento, que simboliza e torna efetiva a presença divina no interior da pessoa:

²⁷⁹ Cf. MARCHADOUR, A., *O Novo Testamento e a Eucaristia*, in AA.VV., *A Eucaristia na Bíblia*, 39.

²⁸⁰ JUNQUEIRO, Guerra, *Oração ao Pão, Oração à Luz*, 38.

²⁸¹ Cf. TRAVIS, S.H., Escatologia in FERGUSON, Sinclair; WRIGHT, David; PACKER, J, *N.D.T*, 339-340.

²⁸² Cf. AGUIRRE, Rafael, *La mesa compartida* 53.

²⁸³ Cf. BASURKO, Xavier, *Compartir el pan: de la misa a la eucaristia*, 32-33.

“A sabedoria edificou a sua casa, e levantou as suas sete colinas. Abateu os seus animais, misturou o seu vinho e dispôs a sua mesa. Enviou as suas servas para que anunciassem nos pontos mais elevados da cidade: «Quem for simples venha a mim!» Aos insensatos mandou dizer: «Vinde e comei do meu pão e bebei do meu vinho que preparei; deixai a insensatez e vivereis; andai pelos caminhos da inteligência.»” (Pr 9, 1-6)

São inúmeros os textos do A.T que falam da relação da comida sagrada com a Eucaristia e nos mostra como a comida tem uma relação com a história salvífica, a história concreta que Deus vai desenhando com o povo de Israel.²⁸⁴

A união entre a aliança e comida constituem a experiência religiosa mais decisiva e original da revelação de Israel. A terra prometida, meta do êxodo e tema chave do Deuterónimo será um lugar onde o povo “comê-lo-ás e alegrar-te-ás diante do SENHOR, teu Deus” (Dt 27,7).

A imagem do banquete é um exemplo bíblico para designar a felicidade escatológica, do encontro com Deus. Assim o banquete messiânico utiliza a imagem da vida familiar, das relações de solidariedade, onde existe acolhimento, igualdade e perdão. O maior exemplo do que acabamos de dizer, é o texto que descreve o banquete messiânico, no final dos tempos, no Monte Sião, para o qual que somos todos convidados:²⁸⁵

“No monte Sião, o SENHOR do universo prepara para todos os povos um banquete de carnes gordas, acompanhadas de vinhos velhos, carnes gordas e saborosas, vinhos velhos e bem tratados. Neste monte, Ele arrancará o véu do luto que cobre todos os povos, o pano que encobre todas as nações. Aniquilará a morte para sempre. O SENHOR DEUS enxugará as lágrimas de todas as faces, e eliminará o opróbrio que pesa sobre o povo, sobre toda a nação” (Is 25, 6-8)

Neste texto encontramos temas ligados ao contexto de banquete; uma celebração de alegria plena, a abundância de alimentos, a presença implícita do Messias, o juízo final e a peregrinação das nações.²⁸⁶

O texto de Isaías 25, 6-8 serve-se de imagens e aspetos marcantes: “banquete de carnes gordas” (v.6); “Ele arrancará o véu do luto que cobre todos os povos” (v.7); “Aniquilará a morte para sempre” (v.8). Este banquete celebra o triunfo sobre o luto e a morte, no qual Deus se revela a todos os povos, eliminando a divisão que existia entre o antigo Israel e os demais povos. O texto versa pois, sobre a morte, lágrimas e vergonha,

²⁸⁴ Cf. MALDONADO, Luis, *Eucaristia en devenir*, 42.

²⁸⁵ Cf. BASURKO, Xavier, *Compartir el pan: de la misa a la eucaristia*, 33.

²⁸⁶ Cf. AGUIRRE, Rafael, *La mesa compartida* 53.

realidades de sofrimento já vencidas. Por isso o banquete é a celebração da vitória antecipada, pois quem participa do banquete suprime a dor, o luto, as lágrimas e a vergonha. Assim podemos afirmar que o sentido deste texto é a concretização da promessa de Deus, promessa de novos céus e uma nova terra, onde se vive sem dor e sem morte e se goza a plenitude da justiça.²⁸⁷

Neste texto temos o testemunho do banquete dos últimos tempos, a comida messiânica do Reino que chega a sua plenitude. Os profetas partiram das antigas experiências de Israel, para projetar a esperança escatológica do Reino de Deus.²⁸⁸ E é no acolhimento do Reino de Deus que cada ser humano, na sua história, escolhe o seu futuro. É precisamente isto que Jesus Cristo fez e ensinou os seus discípulos.

A imagem do banquete oferecido por Deus, no monte Sião é símbolo e expressão de uma realidade ainda não vivida, pois só será possível mediante uma vida de comunhão com Deus.²⁸⁹ Desta forma, o banquete do Reino é sinal de reconciliação, de todos os dispersos e discriminados, vítimas da sociedade competitiva e que exclui.²⁹⁰

Tal como os profetas do A.T, também Jesus fala da salvação futura, representando-a em forma de alimento e do banquete, o Reino de Deus é o tema basilar da sua mensagem.²⁹¹

O centro da pregação de Jesus não é a explicação da Lei, mas sim o anúncio do Reino de Deus, assim durante o seu ministério vai aprofundando e reinterpretando o sentido de Deus e do seu Reino. Jesus assume as formas do pensamento profético apocalítico, mas com uma diferença importante, Jesus anuncia que o Reino de Deus está próximo, a salvação vai manifestar-se.²⁹² O mais específico de Jesus é a afirmação que o Reino de Deus está presente de uma forma nova no mundo, a esperada revelação definitiva tem lugar na sua pessoa e na sua atuação, por isso afirma: “...então chegou até vos o Reino de Deus” (Mt 12, 28).²⁹³

Jesus anuncia o Reino de Deus para todos, sem exclusões ou hierarquias: “Hão-de vir do Oriente, do Ocidente, do Norte e do Sul, sentar-se à mesa no Reino de Deus. E há últimos que serão os primeiros e primeiros que serão os últimos”. (Lc 13, 29-30)

O Reino de Deus é apresentado como festa messiânica, onde os eleitos são reunidos à volta dos patriarcas e profetas. Contudo ao referir Oriente, está a tornar participantes deste Reino também os povos pagãos, manifestando desta forma o amor universal de Deus.

²⁸⁷ Cf. FERNANDES, Leonardo Agostini, *Is 25, 6-12: Anúncio histórico, escatológico ou profético*, 158-161.

²⁸⁸ Cf. BASURKO, Xavier, *Compartir el pan: de la misa a la eucaristia*, 33.

²⁸⁹ Cf. FERNANDES, Leonardo Agostini, *Is 25, 6-12: Anúncio histórico, escatológico ou profético*, 161.

²⁹⁰ Cf. MALDONADO, Luis, *Eucaristia en devenir*, 54.

²⁹¹ Cf. BASURKO, Xavier, *Compartir el pan: de la misa a la eucaristia*, 36.

²⁹² Cf. TRAVIS, S.H., *Escatologia in FERGUSON, Sinclair; WRIGHT, David; PACKER, J, N.D.T, 339-340.*

²⁹³ Cf. AGUIRRE, Rafael, *La mesa compartida* 137.

Na mesma linha está o discurso das bem-aventuranças, pois o convite e sustento escatológico fazem parte da felicidade futura para os famintos: “Felizes vós, os que agora tendes fome, porque sereis saciados...Ai de vós, os que estais agora fartos, porque haveis de ter fome!”. (Lc 6, 21.25) As bem-aventuranças pertencem a esta inversão/subversão escatológica que Jesus proclama, referem-se aos problemas diários (pobreza, fome, ódio, exclusão) onde Jesus pretende apresentar um novo horizonte escatológico²⁹⁴

Da mesma forma, o sentido profundo dos milagres de Jesus é indicar que o Reino de Deus está presente no mundo. Porque o restituir a saúde aos enfermos, ressuscitar os mortos, libertar os oprimidos e dar de comer aos famintos, são sinais reais da presença do Reino de Deus na história. Um Deus de vida que se manifesta devolvendo o seu rosto humano à sociedade.²⁹⁵

Do mesmo modo, Jesus nas parábolas utiliza com particular predileção, a realidade da comida e do banquete, para simbolizar os novos horizontes que a chegada do Reino de Deus acarreta.²⁹⁶ Jesus ao recorrer às parábolas pretende que através de um relato de ficção, seja projetada uma luz capaz de iluminar e interpretar a realidade.²⁹⁷

Jesus utiliza a expressão “Reino de Deus” para anunciar a manifestação futura de Deus e denunciar o pecado, proclama a boa notícia que Deus já está presente, tanto no sofrimento do seu povo, como na vontade de erradicar esse sofrimento.²⁹⁸

Também a última ceia manifesta um sentido escatológico e uma relação com o banquete do Reino. Jesus, na última ceia, demonstra uma confiança total na chegada do Reino de Deus.²⁹⁹ Por isso a última ceia de Jesus com os seus discípulos é uma ceia de despedida, porque está consciente da chegada do Reino escatológico através da sua morte e diz: “Tomai e reparti entre vós, pois digo-vos que não tornarei a beber o fruto da videira, até chegar o Reino de Deus” (Lc 22, 17-18).

Podemos pensar que talvez exista contradição entre a chegada do Reino de Deus e a morte, porque a morte pode ser vista como um obstáculo à realização do Reino. Contudo é precisamente com a morte que se inaugura uma nova realidade escatológica, condição para o triunfo da ressurreição.³⁰⁰

²⁹⁴ Cf. BASURKO, Xavier, *Compartir el pan: de la misa a la eucaristia*, 37.

²⁹⁵ Cf. AGUIRRE, Rafael, *La mesa compartida* 138.

²⁹⁶ Parábola do grande banquete (Mt 22, 1-14; Lc 14, 15-24); Parábola das dez virgens (Mt 25, 1-13); Parábola dos talentos (Mt 25, 14-30; Lc 19, 12-27); Parábolas sobre a vigilância “Vai cingir-se, mandará que se ponham à mesa e há-de servi-los.” (Lc 12, 37).

²⁹⁷ Cf. BASURKO, Xavier, *Compartir el pan: de la misa a la eucaristia*, 37.

²⁹⁸ Cf. AGUIRRE, Rafael, *La mesa compartida* 141-142.

²⁹⁹ Cf. GARZA, Manuel Gesteira, *La Eucaristia, mistério de comunión*, 41.

³⁰⁰ Cf. BOROBIO, Dionísio, *Eucaristia*, 35.

Através da última ceia, Jesus renova a promessa da salvação escatológica, através de gestos de doação e de sofrimento, gestos estes que constituem o melhor resumo do que foi a sua vida: diaconia e serviço.³⁰¹

Por isso e refletindo sobre este mistério, o Papa Bento XVI, na Exortação Apostólica *Sacramentum Caritatis* afirma:

“Refletindo sobre este mistério, podemos dizer que Cristo, com a sua vinda, Se colocou em sintonia com a expectativa presente no povo de Israel, na humanidade inteira e fundamentalmente na própria criação. Com o dom de Si mesmo, inaugurou objectivamente o tempo escatológico. Cristo veio chamar à unidade o povo de Deus que andava disperso (*Jo* 11, 52), manifestando claramente a intenção de congregar a comunidade da aliança para dar cumprimento às promessas feitas por Deus a nossos pais (*Jer* 23, 3; 31, 10; *Lc* 1, 55.70). Com o chamamento dos Doze — número que evoca as doze tribos de Israel — e o mandato que lhes confiou na Última Ceia, antes da sua paixão redentora, de celebrarem o seu memorial, Jesus manifestou que queria transferir, para a comunidade inteira por Ele fundada, a missão de ser, na história, sinal e instrumento da reunificação escatológica que n'Ele teve início. Por isso, em cada celebração eucarística, realiza-se sacramentalmente a unificação escatológica do povo de Deus. Para nós, o banquete eucarístico é uma antecipação real do banquete final, preanunciado pelos profetas (*Is* 25, 6-9) e descrito no Novo Testamento como «as núpcias do Cordeiro» (*Ap* 19, 7-9) que se hão-de celebrar na comunhão dos santos.” (Sc 31)

Deste modo a Eucaristia é “o penhor da glória futura” (SC 47) é o banquete dos peregrinos, do povo messiânico a caminho da casa do Pai que pede constantemente “venha a nós o vosso reino”.³⁰²

Como já vimos anteriormente, a Igreja primitiva assumiu a Eucaristia a partir da compreensão do mistério pascal, dentro de um ambiente de expectativa escatológica, o que atribui à Eucaristia um caráter de antecipação sacramental da vinda de Jesus.

Assim na liturgia eucarística é celebrada a escatologia, como confirma Bento XVI, na Exortação Apostólica *Sacramentum Caritatis*:

“...sobretudo na liturgia eucarística, nos é dado saborear antecipadamente a consumação escatológica para a qual todo o homem e a criação inteira estão a caminho (*Rm* 8, 19s). O homem é criado para a felicidade verdadeira e eterna, que só o amor de Deus pode dar; mas a nossa liberdade ferida extraviar-se-ia se não lhe fosse

³⁰¹ Cf. GARZA, Manuel Gesteira, *La Eucaristia, mistério de comunión*, 49.

³⁰² Cf. MARTINS, José Saraiva, *Eucaristia*, 269.

possível experimentar, já desde agora, algo da consumação futura. Aliás, para poder caminhar na direcção justa, o homem necessita de estar orientado para a meta final; esta, na realidade, é o próprio Cristo Senhor, vencedor do pecado e da morte, que Se torna presente para nós de maneira especial na celebração eucarística. Deste modo, embora sejamos ainda «estrangeiros e peregrinos» (*I Pd* 2, 11) neste mundo, pela fé participamos já da plenitude da vida ressuscitada. O banquete eucarístico, ao revelar a sua dimensão intensamente escatológica, vem em ajuda da nossa liberdade a caminho.” (Sc 30)

A liturgia eucarística faz de nós participantes, de alguma forma, da liturgia celebrada na Jerusalém celeste.³⁰³ Assim a melhor forma de anunciar a esperança escatológica é celebrá-la na Eucaristia, onde celebramos a parusia do Senhor, onde se alimenta a esperança do ingresso definitivo no banquete do Reino de Deus.

Por todo isto a Eucaristia ocupa um lugar importantíssimo na vida individual dos fiéis e de toda a Igreja, pois ela é “o centro, o coração, o fundamento e o ponto culminante de toda a vida da comunidade cristã”. (Cf. LG 26; Cf. CD 30; Cf. PO 6)

³⁰³ Cf. MARTINS, José Saraiva, *Eucaristia*, 273.

3. ANÁLISE DA UNIDADE LETIVA – 3 DO 6º ANO: “A PARTILHA DO PÃO”

“Educar é um gesto de amor, é dar vida.
E o amor é exigente, requer que utilizemos
os melhores recursos, que despertemos a paixão e que
nos coloquemos a caminho com paciência,
juntamente com os jovens.”³⁰⁴

A organização curricular do Ensino em Portugal, nos últimos anos, tem sido marcada por uma multiplicidade cumulativa de produção de documentos, com a finalidade de gerar uma harmonia entre a prescrição nacional comum do currículo e a autonomia curricular das escolas. É nesta situação que nos encontramos presentemente, onde a transformação do plano curricular está a ser realizada de forma gradual, mantendo, para já, os referenciais curriculares existentes.

Deste modo importa referir os conceitos que orientam os referenciais curriculares. Assim quanto ao conceito de Metas Curriculares trata-se sobre o que o professor pretende que os seus alunos aprendam. Assim as Metas Curriculares são entendidas como uma:

“organização dos conteúdos programáticos da disciplina de modo que se evidenciem os seus conteúdos fundamentais e que estes possam ser objeto de uma ordenação sequencial e hierárquica ao longo das várias etapas da escolaridade. Essa ordenação deve ser orientada a partir de núcleos de conhecimento e capacidades a adquirir e desenvolver pelos alunos e poderá culminar na definição ulterior de padrões de desempenho, se se julgar adequado às finalidades da disciplina.”³⁰⁵

Porém nas escolas abrangidas pelo projeto de autonomia e flexibilidade curricular, as Aprendizagens Essenciais serão uma realidade no próximo ano letivo, nas turmas dos anos iniciais de ciclo (1º, 5º, 7º), de nível de ensino (10º ano de escolaridade) e 1º ano de formação de cursos organizados em ciclos de formação.³⁰⁶ Nas restantes escolas a entrada em vigor das aprendizagens essenciais será gradual, até ao ano letivo de 2021/2022, para o 6º ano será no ano letivo de 2019/2020.³⁰⁷ Assim entende-se por Aprendizagens Essenciais:

³⁰⁴ Discurso do Papa Francisco aos participantes na Plenária da Congregação para a Educação Católica, disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/february/documents/papa-francesco_20140213_congregazione-educazione-cattolica.html, consultado em 7 de agosto de 2018.

³⁰⁵ Cf. SNEC, *PEMRC*, 7.

³⁰⁶ Cf. Para a construção de Aprendizagens Essenciais baseadas no Perfil dos alunos disponível em: <http://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais>, consultado em 17 de agosto de 2018.

³⁰⁷ Cf. Decreto-Lei nº 55/2018, de 6 de julho, artigo. 38º

“ ... o conjunto comum de conhecimentos a adquirir, identificados como os conteúdos do conhecimento disciplinar estruturado, indispensáveis, articulados conceptualmente, relevantes e significativos, bem como de capacidades e atitudes a desenvolver obrigatoriamente por todos os alunos em cada área disciplinar ou disciplina, tendo, em regra, por referência o ano de escolaridade ou de formação”³⁰⁸

Quanto ao perfil dos Alunos à saída da escolaridade obrigatória, constitui-se como o desejo formativo assumido pelo sistema de educativo:

“... constitui -se como matriz comum para todas as escolas e ofertas educativas no âmbito da escolaridade obrigatória, designadamente ao nível curricular, no planeamento, na realização e na avaliação interna e externa do ensino e da aprendizagem.”³⁰⁹

Assim as Aprendizagens Essenciais da disciplina de EMRC foram definidas com base nos documentos curriculares em vigor, nomeadamente o Programa, as Metas Curriculares, o Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória, a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania, e ainda os Referenciais de Educação, tais como o Referencial de Educação para a Segurança, a Defesa e a Paz, o Referencial de Educação para o Desenvolvimento e o Referencial para a Dimensão Europeia da Educação.

Com as Aprendizagens Essenciais pretende-se uma maior agilidade na construção dos conhecimentos, das capacidades e das atitudes, por parte dos vários intervenientes no processo ensino-aprendizagem.³¹⁰

Atendendo ao que referimos, a análise da unidade letiva irá ter presente as Metas Curriculares³¹¹ definidas para a disciplina de EMRC, mas também iremos analisar a unidade, com base nas Aprendizagens Essências de EMRC³¹², recentemente homologadas.

Assim serão analisados os objetivos, conhecimentos, capacidades e atitudes, da unidade em estudo, no sentido de perceber se contribuem para alcançar as metas previstas no perfil dos Alunos à saída da escolaridade obrigatória.³¹³

³⁰⁸ Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho, alínea b do artigo 3.º.

³⁰⁹ Despacho n.º 6478/2017, de 26 de julho.

³¹⁰ Cf. Aprendizagens Essenciais de EMRC disponível em: http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/Emrc_2c_6a.pdf, consultado em 17 de agosto de 2018.

³¹¹ Despacho 5306/2012 de 18 de abril, o ensino será orientado por Metas Curriculares nas quais são definidos, de forma consistente, os conhecimentos e as capacidades essenciais que os alunos devem adquirir, nos diferentes anos de escolaridade ou ciclos e nos conteúdos dos respectivos programas curriculares.

³¹² Despacho n.º 6944-A/2018, de 19 de julho - são homologadas as Aprendizagens Essenciais (AE) de EMRC (e demais áreas curriculares) referentes ao Ensino Básico (1.º ano ao 9.º ano)

³¹³ Despacho n.º 6478/2017, de 26 de julho - Homologa o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória.

3.1 As finalidades específicas da EMRC na unidade letiva “A Partilha do Pão”.

É importante referir as finalidades específicas da disciplina de EMRC e de que forma, a unidade letiva e os seus elementos em estudo neste relatório, revelam concordância ou não, com a própria natureza e finalidade da disciplina de EMRC, onde a principal finalidade da é:

“A formação global do aluno, que permita o reconhecimento da sua identidade, progressivamente, a construção de um projeto pessoal de vida. Promove-a a partir do diálogo, da cultura e dos saberes adquiridos nas outras disciplinas com a mensagem e os valores cristãos enraizados na tradição cultural portuguesa.”³¹⁴

Um dos elementos chave do currículo escolar são as finalidades da disciplina, assim a Conferência Episcopal Portuguesa definiu onze finalidades a atingir pelos alunos, até ao final do seu percurso escolar.

Estas finalidades estão alicerçadas nos conhecimentos a adquirir e nas capacidades a desenvolver pelos alunos. As finalidades da disciplina de EMRC são:

- “Apreender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular;
- Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos;
- Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé;
- Adquirir uma visão cristã da vida;
- Entender e protagonizar o diálogo ecuménico e inter-religioso;
- Adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo, a História da Igreja e a Doutrina Católica, nomeadamente nos campos moral e social;
- Apreender o fundamento religioso da moral cristã;
- Conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã;
- Formular uma chave de leitura que clarifique as opções de fé;
- Estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade;
- Aprender a posicionar-se, pessoalmente, frente ao fenómeno religioso e agir com responsabilidade e coerência”.³¹⁵

³¹⁴ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica – Um valioso contributo para a formação da personalidade*, in Pastoral Catequética 5 (2006) 13.

³¹⁵ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica – Um valioso contributo para a formação da personalidade*, in Pastoral Catequética 5 (2006), 14.

Atendendo que as finalidades da disciplina de EMRC norteiam o programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (PEMRC), torna-se fundamental perceber de que forma a temática abordada neste relatório, vai de encontro às finalidades da disciplina definidas pela Conferência Episcopal Portuguesa. Na unidade letiva 3 do 6º ano de escolaridade pretende-se que o aluno:

Objetivos, conhecimentos, capacidades e atitudes	
PEMRC (Metas Curriculares) ³¹⁶	Aprendizagens Essenciais ³¹⁷
Descubra a dimensão simbólica da religião	Compreenda a dimensão simbólica da refeição
Reconheça situações nas quais esteja patente a injusta distribuição dos bens	Identifique situações de fragilidade e ameaça à justa distribuição dos bens.
Identifique Instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a eliminação da fome.	Caraterize instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a eliminação da fome
Reconheça o valor da solidariedade	Assuma a atitude do voluntariado e o valor da solidariedade
Valorize a atitude de voluntariado	
Reconheça nos relatos da Última Ceia, o seu significado essencial para a mensagem cristã.	Explique o significado dos relatos da Última Ceia.
Tome consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de si.	Descubra que a partilha dos bens supõe a partilha de si.

Ao analisarmos o quadro, percebemos que os objetivos da unidade permanecem estruturados da mesma forma, contudo uma diferença é bem visível, trata-se dos verbos de ação, sendo o maior exemplo, o objetivo de assumir a atitude de voluntariado e o valor da solidariedade, bastante mais desafiante do que reconhecer ou valorizar o voluntariado. Ao referir “assumir”, também pressupõe que os alunos vivenciem a experiência do voluntariado e da solidariedade. Também se vai mais longe ao enunciar a descoberta que a partilha dos bens supõe, bem diferente de uma simples tomada de consciência.

Um dos princípios que orientam e dão sentido ao Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória é a base humanista, que defende que a escola habilita os jovens com saberes e valores para a construção de uma sociedade mais justa, centrada na pessoa, na dignidade humana e na ação sobre o mundo enquanto bem comum a preservar. Assim o professor deve promover e proporcionar aos alunos de modo sistemático e intencional, na sala

³¹⁶ SNEC, *PEMRC*, 68.

³¹⁷ Aprendizagens Essenciais de EMRC disponível em http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/Emrc_2c_6a.pdf, consultado em 17 de agosto de 2018.

de aula e fora dela, atividades que permitam ao aluno fazer escolhas, confrontar pontos de vista, resolver problemas e tomar decisões com base em valores.³¹⁸

Parece-nos que será a melhor forma de definir os objetivos da disciplina, pois é esta a marca da EMRC, pois se retirarmos ou ocultarmos a dimensão dos valores, para não se cair no proselitismo e nos conteúdos catequéticos, tornamos a disciplina em História das Religiões.

Também não podemos deixar de referir que a formulação de objetivos, com a utilização do verbo reconhecer, parece mais apropriado quando se trata de uma questão de fé. Assim alguns objetivos podem ser identificados, numa primeira análise, como dimensões religiosas de vivência cristã.

Assim podemos afirmar que os objetivos desta unidade letiva estão relacionados com as finalidades da disciplina definidas pela Conferência Episcopal Portuguesa, e foram traduzidas quase literalmente nas Metas Curriculares. Para a unidade 3 do 6º ano foram definidas três metas curriculares, a saber:

- Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.
- Descobrir a simbólica cristã.
- Promover o bem comum e o cuidado do outro.³¹⁹

Contudo a meta curricular – Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé pode fazer parte desta unidade, porque a simbólica do pão também está presente na História e na cultura.

Desta forma podemos afirmar que as Metas Curriculares definidas para esta unidade são pouco objetivas e precisas, porque não concretizam, de forma clara, os conhecimentos a adquirir e as capacidades a desenvolver pelos alunos. Também se verificou que as Metas Curriculares definidas no programa da disciplina são transversais aos vários ciclos. Por serem pouco objetivas não permite ao professor uma seleção de conteúdos a privilegiar em ordem à aquisição de conhecimentos, capacidades e atitudes essenciais à disciplina de EMRC.

Assim percebemos a importância dos objetivos definidos, ou das aprendizagens essenciais no futuro próximo. Pois orientam o processo ensino-aprendizagem, ajudam na objetivação dos conhecimentos a adquirir e as capacidades a desenvolver.

As Metas Curriculares da disciplina de EMRC consubstanciam-se num reordenamento programático que se alicerça em domínios de aprendizagem, que são áreas de ensino específico da disciplina e agregam padrões curriculares dos conhecimentos a adquirir e

³¹⁸ Cf. Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória, 13 disponível em: http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf, consultado em 17 de agosto de 2018.

³¹⁹ SNEC, *PEMRC*, 68.

capacidades a desenvolver pelos alunos.³²⁰ Os domínios de aprendizagem da disciplina de EMRC são: Religião e Experiência Religiosa; Cultura cristã e visão cristã da vida; Ética e Moral.

A partir da experiência pessoal do aluno, da sociedade em que está inserido, a disciplina de EMRC propõe que o aluno consiga interpretar criticamente essas realidades e realizar o seu discernimento pessoal. Pois como afirmou o Papa Francisco: “torna-se necessária uma educação que ensine a pensar criticamente e ofereça um caminho de amadurecimento nos valores” (EG 64.)

3.2 Os conteúdos e metas curriculares da Unidade letiva “A Partilha do Pão” no currículo de EMRC.

Após uma análise transversal ao PEMRC verificamos que numa perspetiva intradisciplinar, a temática da unidade em estudo tem desde o 1º ciclo ao Secundário, unidades letivas com referência a conteúdos relacionados com a disciplina. Contudo na maioria das unidades letivas há apenas algumas referências que se tornam importantes no aprofundamento dos temas.

O objeto da disciplina de EMRC é a totalidade da realidade do agir humano. Por isso o programa de EMRC está fundamentado no método existencial e hermenêutico pois “exerce sobre o seu objeto uma ação interpretativa, sob uma perspetiva religiosa, cristã e católica, pautada por uma visão do mundo específica”.³²¹ A vida humana, nas suas manifestações, o mundo material e biológico são interpretados na sua relação com o absoluto (Deus), com esta forma de perceber a realidade acontecem influências na forma como se compreende eticamente o agir humano.

Neste sentido, a mensagem cristã constitui-se como núcleo central da disciplina de EMRC, pois o seu objetivo é encontrar sentido e enquadrar as experiências humanas.³²² É verdade que a análise da realidade levanta diversas problemáticas ético-morais, específicas desta disciplina, assim a mensagem cristã oferece orientações para fundamentar o agir ético-moral e os valores que devem orientar a vida na perspetiva cristã.³²³

³²⁰ Cf. SNEC, *PEMRC*, 72.

³²¹ SNEC, *PEMRC*, 2007, 20.

³²² SNEC, *PEMRC*, 2007, 20.

³²³ Cf. NUNES, Tomaz, *Identidade e Metodologia do Ensino Religioso Escolar*, in Pastoral Catequética 8, 2007, 22-23.

Contudo uma questão se levanta, como podemos justificar a pertinência deste agir ético-moral e desses valores para alunos que não professem a fé cristã?

Esta proposta de educação para os valores pretende tornar possível uma integração efetiva de todos os alunos na sociedade em que vivem. As nossas crianças e jovens descobrem o sentido da sua identidade nas culturas que as rodeiam. Assim, ao incluir uma referência explícita aos valores da (solidariedade, justiça, bondade, amor, entre outros) não pode ser vista como forma de doutrinação, mas sim como promoção de uma educação integral. Tais valores são, para todas as culturas, fulcrais na construção de uma sociedade equilibrada, autónoma e responsável. Por isso a disciplina de EMRC confere um contributo muito importante a qualquer aluno, crente ou não:

“No terreno educativo, seria importante que o educando se confrontasse com os valores consensuais da cultura, de modo a que o mesmo seja capaz de, progressivamente, se posicionar criticamente perante o próprio, o outro, as culturas regionais. No fundo, trata-se de *sinalizar* a cultura, fixar valores *semânticos* regulares; entrar no território dos símbolos. Pode, assim, concluir-se que a educação para estes valores, antes mesmo do cumprimento da perfeição do homem, passa por uma educação capaz de desenvolver a capacidade cultural. A escola, enquanto instituição formal de Educação, não pode ter do Homem uma visão redutora, mas uma atitude de acolhimento de todas as vertentes que informem a construção do Homem integral.”³²⁴

Os conteúdos da Unidade letiva 3 “A Partilha do Pão” são os seguintes:

	Conteúdos
Unidade letiva 3 “A Partilha do Pão”	<ul style="list-style-type: none">• A alimentação: a refeição; a refeição como festa e experiência de encontro; o ritual da preparação da refeição e a sua expressão cultural.• O significado simbólico-religioso do alimento e da refeição.• O pão, o azeite, o vinho, a água, o cordeiro.• A produção e o comércio dos alimentos.• A fome e a subnutrição;• A pobreza, a distribuição injusta dos bens de primeira necessidade.• Instituições nacionais e internacionais vocacionadas para acabar com a fome: FAO; Bancos Alimentares Contra a Fome.• Solidariedade e voluntariado.• Fraternidade, amor partilhado.• A vida em comum e a partilha dos bens nas comunidades dos primeiros cristãos: At 2, 42-47.• A Última Ceia, sinal da entrega de Jesus por amor: Mc 14, 12-25.• O Lava-pés: Jo 13, 3-7.13-17.• Ser pão para os outros: a doação de si mesmo; o amor partilhado com os mais necessitados.

³²⁴ COMISSÃO DA LIBERDADE RELIGIOSA, e MOREIRA, Carlos Meneses, *Prémio Liberdade Religiosa*, 52.

	<ul style="list-style-type: none"> • A diversidade de carismas no serviço: 1 Cor 12, 4-11. • O exemplo cristão de «pão para os outros»: Caritas; Conferências Vicentinas de Vicente de Paulo; Comunidade Vida e Paz.
--	--

Com base na análise destes conteúdos verificam-se as seguintes possibilidades de articulação, com outras unidades letivas presentes no PEMRC:³²⁵

Unidade letiva	Ciclo de Ensino	Ano/ Unidade letiva
Unidade letiva 3 A Partilha do Pão.	1º ciclo	1º ano – Unidade letiva 4 – Cuidar da Natureza
		2º ano – Unidade letiva 1 - Ser amigo
		3º ano – Unidade letiva 2 – Ser Solidário
	2º ciclo	5º ano – Unidade letiva 4 – Construir a fraternidade
	3º ciclo	8º ano – Unidade letiva 4 – Ecologia e Valores
		9º ano - Unidade letiva 3 – O Projeto de Vida
		Ensino Secundário
	Unidade letiva 3 – Ética e Economia	
	Unidade letiva 4 – A Civilização do Amor	

Em primeiro lugar começaremos por analisar os conteúdos identificados nas unidades letivas, que articulam com os conteúdos relacionados da unidade letiva – A Partilha do Pão.

Assim apresentamos na tabela, os seguintes conteúdos:³²⁶

Ano	UL	Conteúdo
1º	UI 4 – Cuidar da Natureza	- A Terra é a nossa casa comum e uma dádiva de Deus para cada pessoa. - Deus criou a natureza com tudo o que é necessário para a pessoa viver. - As atitudes que se podem tomar em prol da vida na terra: Consumir os recursos naturais de forma equilibrada.
2º	UL 1 – Ser amigo	- Ser amigo é estar disposto a ajudá-los (solidariedade). - Jesus é amigo de todos, mesmo daqueles que são mais esquecidos. - Jesus pede-nos para amarmos os outros como Deus o amou e como ele nos ama. (Jo 15,9-10.12) - A Fraternidade Universal: Jesus vem ensinar-nos a viver como irmãos.
3º	UL 2 – Ser Solidário	- Todas as pessoas têm dignidade, por isso têm direito a viver uma vida feliz e construtiva. - Ser solidário é dar-se aos outros e atender às suas necessidades. - A pobreza e a exclusão resultam da injustiça. - O que é a injustiça. O pobre Lázaro e o rico (Lc 16, 19-25). - O que posso eu fazer, em concreto, para ser solidário: Partilhar e doar os bens materiais; Entregar os dons pessoais ao serviço do bem dos outros; Disponibilizar o tempo pessoal para realizar obras de solidariedade.

³²⁵ Cf. Aprendizagens Essenciais de EMRC disponível em http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/Emrc_2c_6a.pdf, consultado em 17 de agosto de 2018.

³²⁶ Cf. SNEC, PEMRC, 21 – 121.

5º	UL 4 – Construir a Fraternidade	<ul style="list-style-type: none"> - O significado da palavra «fraternidade» e o seu alcance social e religioso. - Somos todos irmãos: Todos somos seres humanos; Todos somos habitantes da mesma casa: o Universo e a Terra são o nosso lar. - Deus como Pai, ama a todas as pessoas. - Propostas para promover o bem comum e o cuidado do outro na nossa vida.
8º	UL 4 – Ecologia e Valores	<ul style="list-style-type: none"> - O ser humano é o cume de toda a natureza. É a obra-prima de Deus a quem foi confiado o cuidado de todas as outras realidades (Sl 8,4-7) - A destruição do ambiente vital onde todos habitamos: o mau uso dos recursos a nível individual. - Razões que conduzem ao comportamento destrutivo: Egoísmo, o desenvolvimento direcionado para o lucro e não para o bem-estar global; a subordinação da política à economia. - Como viver com empenho pessoal o criar das condições de habitabilidade no mundo.
9º	UL 3 – O Projeto de Vida	<ul style="list-style-type: none"> - Os grandes objetivos do ser humano, sonhos da humanidade: A construção de uma sociedade justa e solidária; a denúncia da injustiça e a participação ativa na construção do bem comum. - Uma perspetiva equilibrada para a satisfação das necessidades materiais: a importância da partilha de dons e de bens.
Ensino Secundário	UL 1 – Política, Ética e Religião	<ul style="list-style-type: none"> - Bem comum. - Destino universal dos bens. - Solidariedade. - A comunidade política ao serviço da sociedade civil. - A via da caridade. - Gaudium te Spes 42. O serviço da Igreja à sociedade. - Gaudium te Spes 88-90. O dever dos cristãos na ajuda internacional. - Fecundar e fermentar, com o Evangelho, a sociedade. Doutrina social, evangelização e promoção humana.
	UL 3 – Ética e Economia	<ul style="list-style-type: none"> - O funcionamento da economia: produção e circulação de bens e serviços. - A determinação do que é o bem e o mal face à atividade económica. - Uma ética para a atividade económica: o Estado como defensor e promotor do bem comum; o respeito pela justiça e a dignidade humana. - Uma ética cristã defende: A dignidade humana; A justiça social. Evangelium Gaudium 57-58: Não ao dinheiro que governa em vez de servir. - O ser humano no centro da atividade económica. - A desigualdade e a pobreza: Um mundo desigual e maioritariamente pobre; as causas do empobrecimento; os esforços para conseguir a eliminação da pobreza a nível mundial. - A denúncia e a luta contra a pobreza é um dever dos cristãos. - A defesa da justiça social e da repartição dos bens. - Os riscos da Globalização; a criação artificial de necessidade de consumo. - O agravamento do desequilíbrio entre os povos e grupos sociais: CIC 2426; Gaudium et Spes 63.72. - A solidariedade na perspetiva cristã aplicada à economia: a necessária globalização da solidariedade; a economia social e o comércio justo. - A atividade económica e o equilíbrio ecológico: a questão social e política do consumo e do esgotamento dos recursos naturais. - Os beneficiários dos bens da economia: Egoísmo ou uma perspetiva individualista; Altruísmo ou uma perspetiva de responsabilidade para com os outros – Caritas in Veritate 51. - Uma visão cristã da economia e da sociedade, a opção pelos pobres: a opção de se ser pobre com os pobres por causa do Reino; o rico insensato e o pobre Lázaro (Lc 12, 14-34) - O Cristianismo propõe o dever de cultivar os talentos: a parábola dos talentos (Mt 25, 14-30); competências, capacidades e talentos pessoais ao serviço da comunidade: o compromisso com a construção na história.

	UL 4 – A Civilização do Amor	<ul style="list-style-type: none"> - Critérios para uma Civilização do Amor; os bens materiais ao serviço de todos; a solidariedade mútua, a fraternidade e o perdão. - Quem é uma pessoa: o dom de si e o compromisso com os outros. - O poder transformador do amor; dar a vida pelos outros. - Quem é o meu próximo; exemplos de vivência do amor fraterno, instituições prestadoras de cuidados à pessoa, na resposta à fragilidade social. - As condições necessárias para a construção da Civilização do Amor: a verdade; a justiça; o amor; a liberdade; a bondade; a esperança; a alegria
--	------------------------------------	--

É visível que os conteúdos que estão em relação nas unidades letivas correspondem às metas curriculares: amadurecimento da responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo; promoção do bem comum e o cuidado do outro. Também encontramos, ao longo dos conteúdos analisados, a meta curricular – Descobrir a simbólica cristã, mais precisamente no objetivo – tomar consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de si. Apenas nos anos letivos do 4º ano e 7º ano de escolaridade não encontramos conteúdos com relação à unidade letiva “A Partilha do Pão”.

Na análise efetuada ao PEMRC verificamos que existem conteúdos, nas várias unidades letivas mencionadas, que articulam as temáticas principais com conteúdos relacionados com a “partilha do pão” e que adquirem destaque no desenvolvimento da unidade letiva.

Deste modo, podemos afirmar que a organização do PEMRC está de acordo com a teoria do currículo em espiral defendida por Jerome Bruner, assim os conhecimentos, as capacidades e as atitudes são trabalhados com maior profundidade ao longo do tempo, na medida em que a capacidade cognitiva dos alunos evolua. Para Bruner é possível que qualquer tema, de qualquer disciplina, possa ser ensinado a alunos de todas as idades, pelo menos nas suas formas mais simples. Isto é possível, uma vez que a organização do currículo em espiral faz com que os temas e conteúdos sejam revisitados e aprofundados, ao longo do percurso escolar do aluno. Contudo é importante referir que segundo esta teoria, o tema em estudo deve ser adequado ao desenvolvimento intelectual do aluno. “O aluno constrói conhecimento segundo as suas próprias categorias que se vão modificando a partir da sua interação com o ambiente”³²⁷

Contudo três implicações educativas decorrem das ideias de Jerome Bruner:

1. Aprendizagem pela descoberta, onde o professor deve motivar os alunos, para que sejam eles mesmo a descobrir relações entre conceitos e construam o seu conhecimento.
2. Os conteúdos devem ser apresentados de forma adequada à estrutura cognitiva do aluno.

³²⁷ GUILAR, Moisés, *Las ideas de Bruner: “De la revolución cognitiva” a la “revolución cultural”* 237.

3. O currículo deve organizar-se em espiral, onde os mesmos conteúdos, ideias e conceitos devem ser trabalhados, cada vez com maior profundidade. À medida que a capacidade de cognição dos alunos evolua, eles vão alterando as suas representações mentais.³²⁸

Assim pensamos que a proposta de um currículo em espiral é ajustada à disciplina de EMRC, ainda mais pelo facto de a disciplina ser facultativa. Deste modo, a abordagem do currículo em espiral permite ao aluno visitar os conteúdos e reapropriar-se dos conhecimentos e capacidades previstas para a unidade letiva em estudo. Para os alunos que a frequência da disciplina não é contínua, torna-se mais fácil atingir os conhecimentos e capacidades basilares da unidade letiva com o currículo em espiral, o mesmo não acontece com a organização do currículo de forma sequencial.

Contudo seria utópico pensar que não existem constrangimentos e dificuldades ao desenvolver o currículo em espiral. Em primeiro lugar temos uma dificuldade própria da disciplina de EMRC, sendo a sua frequência facultativa, os alunos podem inscrever-se na disciplina de forma descontinuada, não fazendo o mesmo percurso que os alunos que frequentam todos os anos, o que pode provocar dificuldades de enquadramento e contextualização das unidades letivas. Em segundo lugar, ao organizar o currículo da disciplina de EMRC em espiral, pode acontecer que no caso dos alunos que frequentam a disciplina de forma continuada, possa provocar nos discentes um desinteresse pela disciplina, pois poderá ficar a sensação de se trabalhar sempre os mesmos temas e conteúdos. Por último, a problemática deste tipo de organização curricular exigir que a metodologia de ensino privilegie e se centre na construção do conhecimento pela descoberta. Com este modelo o professor não pode optar em exclusivo pelo método expositivo, mas guiar o aluno no seu processo de conhecimento pela descoberta, sem cair no risco de utilizar como estratégia de ensino, o uso exclusivo de processos de pesquisa, como o recurso da internet, em prejuízo de uma diversificação de estratégias.

Mas apesar dos constrangimentos e dificuldades enumeradas, entendemos que a proposta de currículo em espiral é a mais ajustada para a disciplina de EMRC.

Ao utilizarmos a aprendizagem pela descoberta, defendida por Bruner, partimos de exemplos específicos para se chegar à generalização. Desta forma o currículo de EMRC enquadra o fator religioso na experiência humana. Experiência com sentido para a vida e de grande significado para a mensagem cristã, onde o princípio pedagógico a privilegiar deve ser

³²⁸ Cf. GUILAR, Moisés, *Las ideas de Bruner: "De la revolución cognitiva" a la "revolución cultural"* 238.

o método que parta do que é próximo para o remoto, do concreto para o abstrato, para que os conteúdos possam estar mais próximos dos alunos.

Quanto aos textos bíblicos “pela sua relevância pedagógica, devem ser trabalhados em profundidade”³²⁹ A narrativa bíblica da “Última Ceia” (Mc 14, 12-25) complementada com a narração do “Lava-pés” (Jo 11, 3-7, 13-17) remete para o objetivo de “Explicar o significado dos relatos da Última Ceia”³³⁰, no âmbito da meta curricular J – “Descobrir a simbólica cristã.”³³¹ Numa primeira análise podemos questionar qual a relação do gesto do Lava-pés e a unidade letiva em estudo? Será que é absolutamente necessária a inclusão da narrativa do Lava-pés (Jo 13, 3-7, 13-17)?

A razão que encontramos para a sua inclusão prende-se com o facto da possibilidade de apresentar outro rito que exprima o tema do serviço e o significado da Eucaristia para o Cristianismo. Contudo parece-nos um conteúdo a ser desenvolvido e aprofundado em ambiente catequético.

Assim, relativamente aos textos bíblicos presentes na unidade letiva entendemos a sua pertinência e importância, contudo também seria importante incluir as comidas de Jesus, com os pecadores e publicanos e com os fariseus.³³² Seria importante para os alunos perceberem que para Jesus, a mesa é para ser compartilhada por todos, desta forma a partilha do pão com todos fazia parte das suas práticas, que tanto revoltavam as autoridades Judaicas, onde prevaleciam regras que estabeleciam a desigualdade e a divisão. Jesus propõe um verdadeiro protocolo que inverte por completo a lógica das convenções.

Contudo, na unidade letiva “A partilha do pão”, ao abordar a vida de Jesus Cristo como doação de si mesmo e ser pão para os outros em favor da vida humana, pode ser identificado como um conteúdo doutrinal e espiritual. Assim, em ambiente escolar de ensino público pensamos que seria mais adequado que os conteúdos transmitissem as ações de Jesus Cristo em favor das pessoas marginalizadas, das pessoas doentes e das pessoas com fome, onde é evidente a sua opção pelos mais pobres.

Será que os alunos do 6º ano de escolaridade compreendem a terminologia utilizada? O que será que entendem, relativamente à expressão: “Ser pão para os outros – a doação de si mesmo”? É sem dúvida um reconhecimento de fé a ser refletido e aprofundado em ambiente de catequese.

³²⁹ SNEC, *PEMR*, 157.

³³⁰ Aprendizagens Essenciais de EMRC disponível em http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/Emrc_2c_6a.pdf, consultado em 17 de agosto de 2018.

³³¹ SNEC, *PEMRC*, 8.

³³² Cf. AGUIRRE, Rafael, *La mesa compartida*, 58

A gestão do programa na unidade letiva “A partilha do pão” envolve as três metas curriculares propostas. De referir que duas dessas metas pertencem ao domínio da “Ética e Moral, manifestando uma preocupação na aquisição de competências que permitam um agir moral maduro: meta O “ Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo” e meta N “Promover o bem comum e o cuidado do outro”.³³³ Contudo a forma como são apresentadas aponta para uma moral atitudinal, pretende-se que os alunos reconheçam e assumam atitudes que não compete à disciplina de EMRC avaliar a sua observância.

Quanto à terceira meta proposta J “ Descobrir a simbólica cristã”, que faz parte do domínio “Cultura cristã e visão cristã da vida”, procura explorar e aprofundar a simbologia entre a partilha do pão e o ser pão para os outros como doação de si mesmo.

Contudo, nesta unidade letiva é visível a existência de um maior número de objetivos referentes à meta O “ Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo”. Assim parece evidente que o grande objetivo desta unidade passa por fazer com que os alunos, depois de terem consciência do grave problema da fome, ponderem as suas próprias atitudes e percebam como eles próprios podem agir no mundo que os rodeia. Estamos claramente perante uma unidade letiva que impele à ação e pretende amadurecer a consciência ética e moral da importância e do significado da partilha do pão.

Por isso, apesar de não estarem explícitas, algumas metas também são trabalhadas nesta unidade, designadamente a meta G – “Identificar os valores evangélicos” e a meta Q – “Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade humana.”³³⁴ Pois ao ser trabalhado o conteúdo “Ser pão para os outros” e a “Partilha fraterna dos primeiros cristãos” apontando a importância da caridade e da partilha fraterna, proporcionamos aos nossos alunos o conhecimento dos valores do Evangelho. Da mesma forma quando trabalhamos o conteúdo “A fome e a injusta distribuição dos bens” como atentado aos Direitos Humanos, acabamos por expor a importância da dignidade da pessoa humana à luz daquela que é a mensagem cristã.

Trabalhar esta unidade com os alunos é uma oportunidade de promoção da dignidade do ser humano, os conteúdos promovem a interdisciplinaridade, onde é possível estabelecer um diálogo entre a ciência e a fé.

Mas será que os conteúdos e a formulação de objetivos estão de acordo com a faixa etária dos alunos do 6º ano de escolaridade (10-12 anos)? Não podemos esquecer que para

³³³ SNEC, *PEMRC*, 8.

³³⁴ SNEC, *PEMRC*, 8.

uma ação educativa eficaz, os alunos têm de ser o centro do processo educativo. Assim o conhecimento das características das idades escolares é fundamental.

Neste estágio da vida estamos na maturidade da infância, na idade do fazer, produzir e projetar. Está prestes a chegada da puberdade que vai trazer muitas mudanças físicas e respetivas implicações psicológicas.³³⁵ É uma fase de crescimento exponencial da capacidade de raciocínio, nesta fase adquire o pensamento mais abstrato, tornam-se capazes de um raciocínio hipotético – dedutivo.³³⁶ Para Piaget as transformações emocionais que acontecem nesta faixa etária dependem das transformações cognitivas e, uma das grandes transformações do estágio de desenvolvimento operatório formal é o surgimento do pensamento hipotético-dedutivo, diferente do estágio operatório concreto.³³⁷

Assim podemos afirmar que os conteúdos e objetivos conformam-se à faixa etária dos alunos, mas podem surgir dificuldades, uma vez que estamos na passagem de um pensamento concreto para um pensamento abstrato, o que pode por em causa o alcance da meta curricular J “Descobrir a simbólica cristã”.

Como conclusão, podemos afirmar que os objetivos definidos pelo PEMRC e pelas Aprendizagens Essenciais revelam coerência com as metas curriculares da disciplina de EMRC. Está presente uma lógica de desenvolvimento, que parte da análise da realidade, para o exemplo e para a atitude, fazendo com que os nossos alunos percebam *que “o bem comum pressupõe o respeito pela pessoa humana enquanto tal, com direitos fundamentais e inalienáveis orientados para o seu desenvolvimento integral.”* (LS 157)

Como afirma a Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis* do Papa João Paulo II, promover o bem comum e o cuidado do outro, *“é a determinação firme e perseverante de se empenhar pelo bem comum; ou seja, pelo bem de todos e de cada um, porque todos nós somos verdadeiramente responsáveis por todos.”* (SRS 38)

3.3 O contributo da Educação Moral e Religiosa (EMR) para a formação integral dos alunos.

Para se encontrar o contributo da Educação Moral e Religiosa (EMR) na formação das nossas crianças e jovens, torna-se fundamental questionar a pertinência do ERE nas escolas públicas.

³³⁵ Cf. *A criança dos 8 aos 11 anos*, disponível em: <http://educacao.aaldeia.net/crianca-811-anos/>, consultado em 13 de setembro de 2018.

³³⁶ Cf. PIAGET, Jean, INHELDER, Barbel, *De la logica del niño a la logica del adolescente, Ensayo sobre la construcción de las estructuras operatórias formales*, 282.

³³⁷ Disponível em: <http://producao.virtual.ufpb.br/books/edusantana/fundamentos-psicologicos-da-educacao-livro/livro/livro.chunked/ch04s04.html>, consultado a 14 de setembro de 2018.

O ERE não está na moda, na verdade a sua existência é mais tolerada do que desejada. Nos últimos anos vamos assistindo, a cada vez mais opiniões que põem em causa a legitimidade do ERE.

Para alguns, a disciplina de Educação Moral e Religiosa (EMR) está "a mais" nas escolas públicas, é "um vestígio persistente do Estado confessional que vigorou durante quase meio século", viola o objectivo primeiro da escola que é o de "ministrar ensinamentos de interesse para a formação de todos".³³⁸

A sociedade economicista e tecnológica em que vivemos, já não partilha os valores religiosos e morais de outrora. Podemos afirmar que vivemos, sob o ponto de vista religioso, um ateísmo da indiferença, onde a religião não influencia nem regula os hábitos da vida quotidiana. Vive-se uma religiosidade de acordo com as conveniências pessoais. Assim perante uma sociedade secularizada, que pretende limitar a religião à esfera do privado, que sentido faz a disciplina de EMR na escola pública?³³⁹

O ERE, através da disciplina de EMRC, encontra o seu lugar com o fundamento da escola não procurar apenas a aquisição e a construção dos saberes,³⁴⁰ mas uma formação para todas as dimensões da pessoa, visando uma educação integral.³⁴¹ É exatamente esta formação global que é defendida na LBSE:

“Contribuir para a realização do educando, através do pleno desenvolvimento da personalidade, da formação do carácter e da cidadania, preparando-o para uma reflexão consciente sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos e proporcionando-lhe um equilibrado desenvolvimento físico;”³⁴²

³³⁸ Religião nas escolas porquê? – Artigo do jornal Público de 2 de dezembro de 1999, disponível em: <https://www.publico.pt/1999/12/02/jornal/religiao-nas-escolas-porque-127258>. Consultado a 21 de agosto de 2018.

³³⁹ Cf. ESTANQUEIRO António, *O contributo da Educação Moral e Religiosa para a formação integral*, in Ensino Religioso Escolar 3, 125.

³⁴⁰ “Com efeito, uma escola centrada sobre o ensino, ou convencional, julga ter cumprido o seu dever porque distribui, saberes independentemente de averiguar da sua apropriação pelos destinatários. Se a aprendizagem não implica educação, muito menos o ensino – que nem sempre ou necessariamente é correlativo à aprendizagem. Pelo que, ensinar mais ou melhor não é sinónimo de educar mais ou melhor. A educação não se identifica, tampouco, com a transmissão de saberes, uma vez que, caso a escola conseguisse transmitir saberes ou conhecimentos, tal não garante que estivesse a educar.” COMISSÃO DA LIBERDADE RELIGIOSA, e MOREIRA, Carlos Meneses, *Prémio Liberdade Religiosa*, 45-46.

³⁴¹ “A educação é o percurso da personalização e não apenas da socialização e da formação para a cidadania. A educação autêntica é a educação integral da pessoa”.
CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A Escola em Portugal – Educação integral da pessoa humana*, in Pastoral Catequética 14, 21.

³⁴² ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, alínea b) do artigo 3º da Lei 46/86, de 14 de outubro – Lei de Bases do Sistema Educativo.

É precisamente neste artigo da LBSE que se insere o contributo da disciplina de EMR na promoção e desenvolvimento dos alunos, em todas as dimensões humanas, inclusive a dimensão moral e religiosa. Pois o homem não é apenas um animal racional, mas também pode definir-se como um animal religioso. A dimensão religiosa é uma constante do ser humano, em todas as culturas e épocas da história, a dimensão religiosa aparece como um fenómeno que atravessa todas as atividades do ser humano.³⁴³

Assim a tentativa de afastar o ERE para fora do âmbito escolar de transmissão racional, leva à ignorância religiosa e não é a melhor forma de encarar até o fundamentalismo religioso crescente.³⁴⁴ As religiões integram o universo simbólico, como o direito, a moral, a história da arte, por isso é dever da escola aprofundar a sua inteligência reflexiva e crítica.

“É que o religioso está profundamente imbricado com o cultural e com o social. Não apenas no que toca ao passado e ao património histórico, mas também no que respeita ao presente e ao futuro. As instituições religiosas, pelo simples facto de o serem, independentemente das atividades especificamente sociais e culturais que desenvolvem, revestem essa dupla natureza, e desempenham papéis sociais e culturais de relevo. A laicidade do Estado não implica a laicidade da sociedade. A neutralidade religiosa do Estado não se segue a neutralização religiosa da sociedade.

Esse foi o entendimento deficiente de alguns liberais, e continua a ser o entendimento deturpado de alguns que gostariam de ver diminuída a influência religiosa na sociedade moderna, e para quem qualquer reconhecimento público da religião implica a violação da laicidade e da neutralidade religiosa do Estado.”³⁴⁵

É fundamental que se reconheça o fator religioso como indispensável à formação integral das crianças e jovens.

Por isso é importante referir os reais objetivos do ERE. Em primeiro lugar é fundamental perceber que o ERE não é uma extensão camuflada da Igreja, (com objetivos proselitistas e apologéticos) nem pode ser visto como apenas um recurso social para resolução de problemas humanos e sociais, com que as escolas cada vez mais se deparam. O ERE tem um papel insubstituível e fundamental a desempenhar na escola, como educação da religiosidade e não como educação da fé. Participa da dinâmica evangelizadora, tem pontos de

³⁴³ Cf. ESTANQUEIRO António, *O contributo da Educação Moral e Religiosa para a formação integral*, in *Ensino Religioso Escolar* 3, 125.

³⁴⁴ DEBRAY, Régis, *Enseignement Du Fait Religieux Dans L'Ecole Laïque*, 12, disponível em: <http://media.education.gouv.fr/file/91/4/5914.pdf>. Consultado a 22 de agosto de 2018.

³⁴⁵ COMISSÃO DA LIBERDADE RELIGIOSA, e MOREIRA, Carlos Meneses, *Prémio Liberdade Religiosa*, 41.

contacto com a catequese, mas não é catequese, partilha da reflexão teológica, mas não é Teologia³⁴⁶

Assim o objetivo fundamental do ERE é oferecer aos alunos experiências e reflexões “que os ajudem a cultivar uma atitude dinâmica de abertura ao sentido mais profundo da sua existência”³⁴⁷, de forma a educar para o diálogo, para a tolerância, para o respeito do pluralismo religioso, contribuindo para o crescimento dos alunos perante o fenómeno religioso. Deste modo, o grande contributo da disciplina de EMR parte do reconhecimento do fator religioso como indispensável, para acontecer a formação integral das crianças e jovens que frequentam o ensino. Pois compete à escola:

“... propiciar uma aprendizagem: integradora dos principais tipos de experiência, entre as quais se contam a ética e a religiosa; uma aprendizagem integradora das grandes formas da cultura humana, nas quais se inclui a Religião.

É que o desafio da Escola e da Sociedade de amanhã é o de tecer diferentes saberes e códigos, numa visão plural multifacetada.”³⁴⁸

Assim a EMR oferece um horizonte de sentido para a vida, onde encontra respostas para as grandes questões da existência humana. Contudo não podemos querer o monopólio das respostas às dúvidas existenciais, uma vez que é possível encontrar um sentido para a existência, sem a orientação da religião, como por exemplo, alicerçando o sentido da sua existência na defesa dos direitos humanos, como fazem muitas pessoas que não são crentes.³⁴⁹ Mas é indesmentível que o ERE, embora não sendo a única resposta, ajuda nesta procura do sentido.

Para Régis Debray³⁵⁰ a busca do sentido é uma realidade que não pode ser descurada por ninguém, nem mesmo o Ministério da Educação.³⁵¹ Por isso a disciplina de EMR pode

³⁴⁶ Cf. AMBROSIO, Juan, *A confessionalidade do Ensino Religioso Escolar*, in *Ensino Religioso Escolar* 1, 95-96. O autor distingue a religiosidade da fé, assim a religiosidade é a atitude de abertura do homem ao sentido radical da sua existência. Não é mais uma atitude ou função, é a dimensão mais profunda de todas as funções da vida humana. Esta abertura ao sentido radical da existência humana é, em certa medida, abertura ao transcendente. No entanto a fé não se identifica, sem mais, com a religiosidade. Jesus Cristo não só responde às minhas questões vitais, como me coloca diante de perspectivas totalmente novas. A religiosidade também poderia ser chamada fé, mas só num sentido amplo, pois a disponibilidade de abertura do ser humano face ao sentido fundamental da sua existência não se identifica, sem mais, com a atitude de quem, conscientemente, explicita tal sentido da sua vida.

³⁴⁷ AMBROSIO, Juan, *A confessionalidade do Ensino Religioso Escolar*, in *Ensino Religioso Escolar* 1, 96.

³⁴⁸ COMISSÃO DA LIBERDADE RELIGIOSA, e MOREIRA, Carlos Meneses, *Prémio Liberdade Religiosa 2011*, Comissão da Liberdade Religiosa, 47.

³⁴⁹ Cf. ESTANQUEIRO António, *O contributo da Educação Moral e Religiosa para a formação integral*, in *Ensino Religioso Escolar* 3, 127.

³⁵⁰ Por carta datada de 3 de Dezembro de 2001, o Ministro da Educação Nacional Francesa, Jack Lang, confiou a Régis Debray uma importante missão. Consistia em "rever o lugar atribuído ao ensino do facto religioso", e isto no quadro laico e republicano.

orientar as crianças e jovens na busca de um sentido para a existência, cumprindo o objetivo de formar os alunos:

“a partir da realidade concreta da vida regional e nacional, e no apreço pelos valores permanentes da sociedade, em geral, e da cultura portuguesa, em particular, jovens interessados na resolução dos problemas do País e sensibilizados para os problemas da comunidade internacional”³⁵²

Percebemos então, que o contributo da EMR desempenha um papel fundamental na escola pública, porém a grande questão que se levanta é a confessionalidade do ERE.

É inegável que a dimensão da religiosidade tende a concretizar-se numa religião e a explicitar-se em fé. Não é possível trabalhar a dimensão da religiosidade de forma neutra e de maneira vaga, pois a dimensão da religiosidade só é possível ser refletida e experienciada com modelos concretos. Assim a confessionalidade do ERE está na chave hermenêutica, com a qual os conteúdos são lecionados, no caso de EMRC, a chave hermenêutica é a fé católica.³⁵³

Não podemos confundir o ERE com o ensino de uma religião, mas deve ser feito a partir de uma religião, o ERE tem como objetivo a instrução dos espíritos e não a conversão das almas. O ERE não pode ser superficial e completamente neutral, para ser sério, é necessário perceber o valor e a importância que o fenómeno religioso tem.

Em nome da neutralidade do sistema educativo é um enorme erro ignorar e omitir as raízes cristãs da nossa cultura, pois não é possível compreender, de forma profunda, os valores de uma cultura sem referência às religiões. Não podemos negar, nem esquecer que existe uma relação íntima entre os hábitos culturais e as religiões³⁵⁴, como foi possível encontrar, quando falamos no primeiro capítulo sobre a simbologia do pão .

O professor de EMR não pode limitar-se ao currículo prescrito e à sala de aula, mas deve comprometer-se em projetos pedagógicos que promovam o respeito mútuo, deve ser modelo de comportamento moral, realizando aquilo que ensina, pois o exemplo é a melhor lição. Por fim e para a formação do caráter, os alunos têm que viver experiências enriquecedoras.³⁵⁵

³⁵¹ Cf. DEBRAY, Régis, *Enseignement Du Fait Religieux Dans L'Ecole Laïque*, 12, disponível em: <http://media.education.gouv.fr/file/91/4/5914.pdf>. Consultado a 22 de agosto de 2018.

³⁵² ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, alínea d) do artigo 9º da Lei 46/86, de 14 de outubro – Lei de Bases do Sistema Educativo.

³⁵³ Cf. AMBROSIO, Juan, *A confessionalidade do Ensino Religioso Escolar*, in *Ensino Religioso Escolar* 1, 95-96.

³⁵⁴ Cf. ESTANQUEIRO António, *O contributo da Educação Moral e Religiosa para a formação integral*, in *Ensino Religioso Escolar* 3, 127.

³⁵⁵ Cf. ESTANQUEIRO António, *O contributo da Educação Moral e Religiosa para a formação integral*, in *Ensino Religioso Escolar* 3, 133.

Quando as Aprendizagens Essências definem como objetivo da disciplina de EMRC, a importância do aluno “assumir a atitude do voluntariado e o valor da solidariedade”³⁵⁶, implica que o professor envolva os alunos, em ações de voluntariado e solidariedade, a começar dentro da comunidade escolar.

“ Nesta época de globalização da economia, o grande desafio é globalizar a solidariedade: “Ama o teu próximo como a ti mesmo”. (Mt 23, 39). A vacina da solidariedade combate um dos piores vírus do nosso tempo: a indiferença em relação aos outros.”³⁵⁷

Podemos afirmar que a disciplina de EMRC oferece um alicerce seguro de uma cultura humanista, em que a sua preocupação primordial é a humanidade. Desta forma a disciplina de EMRC tem um papel fundamental na formação integral, com vista à humanização e culturalização plena da pessoa.

³⁵⁶ Cf. Aprendizagens Essenciais de EMRC disponível em http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/Emrc_2c_6a.pdf, consultado em 17 de agosto de 2018.

³⁵⁷ ESTANQUEIRO António, *O contributo da Educação Moral e Religiosa para a formação integral*, in Ensino Religioso Escolar 3, 133.

CONCLUSÃO

Todos nós reconhecemos a importância da alimentação e a necessidade de nos alimentarmos. De acordo com os biólogos, a incorporação de matéria, a par da utilização da energia, são características comuns a todos os seres vivos.

Tudo quanto acabamos de dizer constitui o aspeto primeiro e imediato da temática da alimentação, mas existe um significado alargado da temática e que vai mais além da alimentação como satisfação de necessidade.

É impressionante como o pão, alimento básico, reúne em si um imenso património simbólico, valorizado pelas diversas culturas ao longo da história da humanidade. O Homem transforma o ato de se alimentar em ato de confraternização e de convívio social, pois cada vez que comemos o “pão de cada dia” estamos em relação com o outro, com a terra, com o fruto do nosso trabalho e com o universo.

É verdade que a necessidade do pão é individual, mas a sua satisfação é comunitária, por isso os cristãos não rezam o “pão meu”, mas o “pão nosso”. Face à existência de pessoas com fome, ninguém pode ficar indiferente. A insuficiência de pão para todos significa a quebra da comunhão e o conflito, por isso a luta contra a fome não pode ser só de ordem económica e técnica, mas também de ordem ética-espiritual, este é o grande desafio para toda a humanidade.

Multiplicam-se as instituições de solidariedade, tentam-se múltiplas estratégias e reformas mas, infelizmente, continua a existir a desigualdade e a pobreza. Não chega auxiliar esporadicamente uma pessoa necessitada, o auxílio terá de ser estrutural. A questão da fome não se trata apenas de um problema de produção de alimentos, mas sim de falta de acesso aos alimentos devido às desigualdades entre povos.

Perante o flagelo da fome e da pobreza, a Igreja foi mostrando, ao longo dos tempos, uma grande preocupação e através da Doutrina Social da Igreja exprimiu o seu pensamento e as suas orientações, apresentando critérios para a ordenação da vida social, onde a dignidade da pessoa humana, a importância do bem comum, a opção pelos mais pobres e a solidariedade, tornaram-se um valioso contributo para a acção da Humanidade na luta contra a fome.

A vivência da solidariedade leva à vivência da caridade. No Cristianismo esta vivência é alimentada continuamente na Eucaristia. O pão e vinho apresentados na liturgia eucarística são fruto da terra e do trabalho do homem. O pão e o vinho não são produtos naturais, mas sim produzidos pelo Homem e nessa produção está presente a nossa história, cheia de esforço e sofrimento, lutas e tensões, injustiça e fome, solidariedade e esperança.

Comida e vida são realidades indissociáveis, em todas as culturas os momentos principais da vida humana são associados com a comida partilhada. Para o Cristianismo, a partir da simbólica rica de um dos alimentos fundamentais, constrói-se uma realidade ela mesma simbólica que remete para outros horizontes.

É absolutamente necessário educar na construção de um verdadeiro sentido do outro, onde seja possível aos alunos entrarem numa dinâmica de partilha e exercício da solidariedade. Esta não é necessariamente uma meta exclusiva da fé, mas sim um objetivo para crentes e não crentes.

Relativamente à unidade em estudo podemos questionar se os objetivos e os conteúdos estão formulados de acordo com a faixa etária dos alunos de 6º ano de escolaridade. Concluimos que apesar do seu estágio de desenvolvimento estar no período denominado como “maturação da infância”, alguns alunos poderão sentir dificuldades no pensamento abstrato e simbólico. Contudo a psicologia afirma que os alunos nesta faixa etária adquirem o pensamento mais abstrato e sistémico, são capazes de representar símbolos da cultura envolvente.

Depois de analisada a unidade letiva chegamos à conclusão que a formulação de objetivos e conteúdos têm por vezes um tom catequético. Na formulação dos objetivos a utilização do verbo de ação “reconhecer” é mais apropriado quando estamos perante uma questão de fé, assim esta situação leva a que alguns objetivos podem ser identificados como dimensões religiosas de vivência cristã.

Relativamente aos textos bíblicos apresentados na unidade letiva entendemos pertinência e importância da inclusão do relato da Última ceia, pois ter quatro relatos sobre o mesmo acontecimento é revelador da importância que a última ceia representa na memória cristã. Contudo a inclusão do relato do Lava-pés parece-nos desnecessário porque não existe referência ao pão. Seria mais benéfico incluir as comidas de Jesus histórico, com o benefício de os alunos conhecerem o contexto social e cultural no tempo de Jesus.

É verdade que esta unidade letiva possui uma linguagem predominantemente social, assim deveriam ser indicados alguns textos da Doutrina Social da Igreja como forma de complemento ou subsídio de apoio.

Por último conclui-se que estamos perante uma unidade letiva capaz de lançar um novo olhar sobre a disciplina de EMRC, esta unidade letiva: “A Partilha do Pão” “obriga” a uma pedagogia do serviço que possibilite chegar à aprendizagem significativa, onde os conceitos estão ligados à experiência de vida e se constrói o conhecimento na interação entre a ação e a reflexão.

É verdade que a nossa sociedade aceita valores que emanam do Cristianismo, mas a cultura atual tende a esquecer as suas raízes cristãs. Também por isso a disciplina de EMRC presta um valioso contributo na formação integral dos seus alunos.

Pretendemos que este percurso seja um auxílio na reflexão sobre a identidade da disciplina de EMRC e as suas finalidades. Desejamos que este trabalho seja um humilde contributo para o exercício da lecionação da disciplina de EMRC e auxílio para uma reflexão sobre a realidade que vivemos na nossa sociedade e que se espelha na nossa sala de aula.

BIBLIOGRAFIA

Fontes

- Bíblia Sagrada, 2ª Edição. Leiria/Fátima, 2000.
- COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ – *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica. Ensino Básico e Secundário*, Lisboa, SNEC, 2007.
- SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Estou Contigo*. Manual do Aluno – EMRC – 6.º Ano do Ensino Básico, Lisboa, Edições Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2015.
- SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Secretariado Nacional da Educação Cristã, Lisboa, 2014.

Legislação específica para EMRC

- ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, Resolução da Assembleia da República 74/2004 de 16 de novembro in *Diário da República*, 1ª Série-A, N.º 269, 16 de novembro de 2004.
- EDUCAÇÃO, Decreto-Lei n.º 17/2016 de 4 de abril in *Diário da República*, 1ª Série, N.º65, 4 de abril de 2016.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, Portaria n.º 333/86, de 02 de julho in *Diário da República*, 1ª Série, N.º149, 2 julho de 1986.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, Decreto-Lei 70/2013 de 23 de maio in *Diário da República*, 1ª Série, N.º 99, 23 de maio de 2013.

Magistério da Igreja

- BENTO XVI, *Sacramentum Caritatis*: Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja (22 de fevereiro de 2007) in *Acta Apostolicae Sedis* 99 (2007) 105-180.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Gráfica de Coimbra, 1999.
- CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO, Universidade de Navarra, 2ª edição, Braga, 1997.
- CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição dogmática sobre a Igreja (*Lumen Gentium*), (21 de novembro de 1964) in *Acta Apostolicae Sedis* 57 (1965) 5 - 67.

- _____, Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo (*Gaudium et Spes*), (7 de dezembro de 1965) in *Acta Apostolicae Sedis* 58 (1966) 1025 - 1115.
- _____, Constituição sobre a sagrada Liturgia (*Sacrosanctum Concilium*), (4 de dezembro de 1963), in *Acta Apostolicae Sedis* 56 (1964) 97 - 134.
- _____, Decreto sobre o Ministério e a Vida dos Sacerdotes (*Presbyterorum Ordinis*), (7 de dezembro de 1965) in *Acta Apostolicae Sedis* 58 (1966) 991 - 1024.
- _____, Decreto sobre o Múnus Pastoral dos Bispos da Igreja (*Christus Dominus*), (28 de outubro de 1965) *Acta Apostolicae Sedis* 58 (1966) 673 - 696.
- CONSELHO PONTIFÍCIO “COR UNUM”, *A fome no mundo – Um desafio para todos: o desenvolvimento solidário* (4 de outubro de 1996). Documento consultado no site da Santa Sé (<http://www.vatican.va>).
- CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Principia, Publicações Universitárias e Científicas, Cascais, 1ª edição, 2005.
- PAPA FRANCISCO, *Audiência geral*, Roma, 5 de junho de 2013. Disponível em https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco_20130605_udienza-generale.html
- _____, *Audiência Geral* (8 de novembro de 2017), Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2017/documents/papa-francesco_20171108_udienza-generale.html
- _____, Carta Encíclica *Laudato Si* (24 de maio de 2015), in *Acta Apostolicae Sedis* 130 (2015) 847 – 946.
- _____, *Evangelii Gaudium*: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (24 de novembro de 2013) in *Acta Apostolicae Sedis* 105 (2013) 1019-1137.
- _____, Receção da Comissão Executiva da Caritas Internacional na audiência do dia 16 de maio de 2013. Documento consultado no site: http://br.radiovaticana.va/storico/2013/05/16/papa_a_caritas_internacional_a_caritas_e_o_amor_da_mae_igreja_qu/bra-692847
- JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Dies Domini* (31 de Maio de 1998) in *Acta Apostolicae Sedis* 90 (1998) 713-766.

- _____, Carta Encíclica *Centesimus annus* (1 de Maio de 1991) in *Acta Apostolicae Sedis* 83 (1991) 793-867.
- _____, Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia* (17 de abril de 2003) in *Acta Apostolicae Sedis* 95 (2003) 433-475.
- _____, Carta Encíclica *Redemptor Hominnis* (4 de março de 1979) in *Acta Apostolicae Sedis* 71 (1979) 257 – 375.
- _____, Carta Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis* (30 de Dezembro de 1987) in *Acta Apostolicae Sedis* 80 (1988) 513 – 586.
- _____, Discurso aos membros da Pontifícia Academia para a vida, N°4, de 24 de fevereiro de 2003. Documento consultado no site: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2003/february/documents/hf_jp-ii_spe_20030224_pont-acad-life.html
- JOÃO XXIII, Carta Encíclica *Mater et Magistra* (15 de maio de 1961) in *Acta Apostolicae Sedis* 53 (1961) 401 – 464.
- PAULO VI, Carta Encíclica *Populorum progressio* (26 de março de 1963) in *Acta Apostolicae Sedis* 59 (1967) 257 – 299.
- _____, Carta Encíclica *Mysterium Fidei* (3 de setembro de 1965) in *Acta Apostolicae Sedis* 57 (1965) 753 - 774.
- PIO XII, Carta Encíclica *Mediator Dei* (2 de dezembro de 1947) in *Acta Apostolicae Sedis* 59 (1947) 521 – 594.
- SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS, Instrução *Eucaristicum Mysterium* (25 de Maio de 1967) in *Acta Apostolicae Sedis* 59 (1967) 539 - 573.

Estudos

- AA.VV. – *A Eucaristia na Bíblia*. 2.^a Edição. Lisboa: Difusora Bíblia, 2000, Coleção Cadernos Bíblicos.
- AGUIRRE, Rafael, *La mesa compartida: Estudios del NT desde las ciencias sociales*, Editorial Sal Terrae, Santander, 1994.
- ALDAZÁBAL, José, *La Eucaristia*, Biblioteca Litúrgica, Barcelona:, 1999.
- _____, *Gestos y Simbolos*, Centre de Pastoral Litúrgica, Barcelona, 1990.
- ALVES, Herculano, *Simbolos da Bíblia*, Difusora Bíblica, Fátima, 2001.
- AMBROSIO, Juan, *A confessionalidade do Ensino Religioso Escolar*, in Ensino Religioso Escolar 1, Edições SNEC, 1997, 95-99.
- ANTUNES, Carlos Maria, *Só o pobre se faz Pão: Entrecruzar o jejum, interioridade e compaixão*, Paulinas Editora, Prior Velho, 2013.

- ARÉS, D; SUBIRANA, J; RAMÓN, H. Eucaristia in *Nuevo Diccionario de Catequética*, Volume I, San Pablo, Madrid, 1999, 827-845.
- BASURKO, Xavier, *Compartir el pan: de la misa a la eucaristia*, Publicaciones Idatz, San Sebastian, 1987.
- _____, *Para comprender La Eucaristia*, Editorial Verbo Divino, Navarra, 1997.
- BORN, A. Pão in BORN, A. Van Den, *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, Editora Vozes, Rio de Janeiro, 1971, 1107-1108.
- BOROPIO, Dionisio, *Eucaristia*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 2000.
- CARVALHO, José Carlos, *Fontes bíblicas da eucaristia*, In *Revista Theologica*, 2.º Série, 43, 1, 2008, 13 - 49.
- CIPRIANI, S. Eucaristia in ROSSANO, P; RAVASI, G; GIRLANDA, A, *Nuevo Diccionario de Teologia Bíblica*, Ediciones Paulinas, Madrid, 1990, 578 – 587.
- COENEN, Lothar., Pan in COENEN, Lothar; BEYREUTHER, Erich; BIETENHARD, Hans, *Diccionario Teologico del nuevo Testamento*, vol. III, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1993, 286-286.
- COMISSÃO DA LIBERDADE RELIGIOSA, e MOREIRA, Carlos Meneses, *Prémio Liberdade Religiosa 2011*, Comissão da Liberdade Religiosa – Secretaria - Geral do Ministério da Justiça, Lisboa, 2012.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A Escola em Portugal – Educação integral da pessoa humana*, in *Pastoral Catequética* 14, SNEC, 2009, 9-22.
- _____ *Educação Moral e Religiosa Católica – Um valioso contributo para a formação da personalidade*, in *Pastoral Catequética* 5, SNEC, 2006, 7-16.
- CORREIA, João Alberto, *A Eucaristia na Bíblia e a Bíblia na Eucaristia*, In *Revista Theologica*, 2.º Série, 43, 1, 2008, 195 - 213.
- CORREIA, M. & LINHARES, E, *Sensibilizar para o desperdício alimentar: um projeto de educação para a cidadania*, Revista da Unidade de Investigação do Instituto Politécnico de Santarém, 2016.
- DEBRAY, Régis, *Enseignement Du Fait Religieux Dans L'Ecole Laique*, documento consultado no site do Ministère de l'Éducation nationale, de l'Enseignement supérieur et de la Recherche, disponível em: <http://media.education.gouv.fr/file/91/4/5914.pdf>
- EICHER, Peter; MAIER, Johann, *Diccionario del Judaísmo*, Editorial Verbo Divino, Navarra, 1996.
- ESTANQUEIRO, António, *O contributo da Educação Moral e Religiosa para a formação integral*, in *Ensino Religioso Escolar* 3, SNEC, 2011, 125-134.

- FERNANDES, Leonardo Agostini, *Is 25, 6-12: Anúncio histórico, escatológico ou profético*, Revista de Cultura Teológica, Ano XXVI, Nº 91, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2018, 125-165.
- FERRAZ, Mariana de Araújo, *Direito à Alimentação e sustentabilidade*, Faculdade de Direito da Universidade de S. Paulo, S. Paulo, 2013.
- FERREIRA, José de Freitas, *O Sacramento da Eucaristia*, In Didaskalia XXVII, Lisboa, 1997, 5-52.
- FLANDRIN, Jean-Luis, MONTANARI, Massimo, *História da Alimentação Vol I e II*, Terramar, Lisboa, 2001.
- FRANKEMOLLE, Hubert, Eucaristia in EICHER, Peter, *Diccionario de Conceptos Teológicos*, vol 1, Editora Herber, Barcelona, 1989, 373 – 389.
- GARZA, Manuel Gesteira, *La Eucaristia, mistério de comunión*, Ediciones Cristiandad, Huesca, 1983.
- GUILAR, Moisés, *Las ideas de Bruner: “De la revolución cognitiva” a la “revolución cultural”*, in Educere 44 (2009) 235-241.
- HARTLEY, John. Pão não levedado in VANGEMEREN, Willem, *Novo Dicionário de Teologia e Exegese do Antigo Testamento*, vol 2, Editora Cultura Cristã, São Paulo, 2011, 1063-1066.
- JACOB, H. E, *6000 anos de pão*, Antígona, Lisboa, 2003.
- JEREMIAS, Joachim, *La Ultima Cena; Palabras de Jesus*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1980.
- JUNQUEIRO, Guerra, *Oração ao Pão, Oração à Luz*, Lello Editores, Porto, 1997.
- LÉON-DUFOUR, Xavier, *La Fraccion del Pan – Culto y existência en el Nuevo Testamento*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1983.
- LURKER, Manfred, *Dicionário de Figuras e Símbolos Bíblicos*, Paulus, São Paulo, 1993.
- MALDONADO, Luis, *Eucaristia en devenir*, Editorial Sal Terrae, Santander, Coleção Presencia Teológica, 1997.
- MARTINS, José Saraiva, *Eucaristia*, Universidade Católica Editora, Lisboa, Coleção Estudos Teológicos nº21, 2ª edição, 2005.
- MATEOS, Manuel Díaz, *O Sacramento do Pão*, Edições Loyola, São Paulo, 2004.
- MENDONÇA, José Tolentino, *Pai – Nosso que estais na terra*, Paulinas Editora, Prior Velho, 8ª edição, 2013.
- MERKEL, F., Pan in COENEN, Lothar; BEYREUTHER, Erich; BIETENHARD, Hans, *Diccionario Teologico del nuevo Testamento*, vol. III, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1993, 282-284.

- MERTENS, Heinrich A., *Manual de la Biblia. Aspectos literários, históricos y culturales*, Herber Editorial, Barcelona, 1989.
- MUNDLE, W, Pan in COENEN, Lothar; BEYREUTHER, Erich; BIETENHARD, Hans, *Diccionario Teológico del nuevo Testamento*, vol. III, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1993, 283-284.
- NOVAK, Michel, *A Ética Católica e o Espírito do Capitalismo*, Principia, Publicações Universitárias e Científicas, Cascais: 2001.
- NUNES, Tomaz, *Identidade e Metodologia do Ensino Religioso Escolar*, in Pastoral Catequética 8, SNEC, 2007, 11-25.
- O'CONNEL, Robert. Alimento, Pão in VANGEMEREN, Willem, *Novo Dicionário de Teologia e Exegese do Antigo Testamento*, vol 2, Editora Cultura Cristã, São Paulo, 2011, 788-791.
- Oficina do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos, *O direito à alimentação adequada*, Folheto informativo nº34, Genebra, Junho de 2010, disponível em : https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/595F8363D41C9C59C12577BB0037953A-OHCHR_Oct2010.pdf
- PIAGET, Jean, INHELDER, Barbel, *De la logica del niño a la logica del adolescente, Ensayo sobre la construcción de las estructuras operatórias formales*, , Ediciones Paidós, Barcelona, 1985, 282.
- RAVIGNAN, François, *Porquê a Fome? Um desafio sempre actual*, Editorial Bizâncio, Lisboa, 2004.
- REED, Stephen Alan, Bread in FREEDMAN, David Noel, *Eerdmans Dictionary of the Bible*, Wm. B. Eerdmans Publishing Co., Cambridge, 2000, 199.
- RIBEIRO, Pe. Abílio Pina, *Eucaristia um amor para viver*, Paulinas, Prior Velho, 2005.
- ROSS, Allen., Pão, Bolo in VANGEMEREN, Willem, *Novo Dicionário de Teologia e Exegese do Antigo Testamento*, vol 4, Editora Cultura Cristã, São Paulo, 2011, 1020-1023.
- RUFFINI, E., Eucaristia in FIORES, Stefano, GOFFI, Tullo, *Dicionário de Espiritualidade*, Edições Paulinas, São Paulo, 1989, 358-371.
- SACCHI, A., Comida in ROSSANO. P; RAVASIG; GIRLANDA. A, *Nuevo Diccionario de Teologia Bíblica*, Ediciones Paulinas, Madrid, 1990, 296-313.
- SANTOS, Norberto, GAMA, António, *As Tradições do Pão: Territórios e Desenvolvimento in Trunfos de uma Geografia Activa*, Imprensa da Universidade Coimbra, Coimbra, 2011, 273 – 282.
- SILVA, Margarida, *Alimentos Transgénico: Um guia para consumidores cautelosos*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2003.

- STOCKL. Fidelis, *As três dimensões essenciais da Santíssima Eucaristia*, Revista de Magistro de Filosofia, Ano V, Nº 10, Faculdade Católica de Anápolis, 2012, 1-21.
- TRAVIS,S.H., Escatologia in FERGUSON, Sinclair; WRIGHT, David; PACKER, J, *Novo Dicionário de Teologia*, Editora Hagnos, São Paulo, 2011, 339-344.
- VISENTIN, P., Eucaristia in SARTORE, Domenico, TRIACCA, Achille, *Nuevo Diccionario de Liturgia*, Ediciones Paulinas, Madrid, 1987, 730-758.

Legislação

- ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, Lei 46/86, de 14 de outubro - Lei de Bases do Sistema Educativo in *Diário da República*, 1ª Série, N.º 237, 14 de outubro de 1986.
- EDUCAÇÃO, Despacho n.º 6944-A/2018, de 19 de julho in *Diário da República*, 2.ª série, N.º 138, 19 de julho de 2018.
- EDUCAÇÃO, Despacho n.º 6478/2017, de 26 de julho in *Diário da República*, 2.ª série, N.º 143, 26 de julho de 2017.
- EDUCAÇÃO, Decreto-Lei 54/2018, de 6 de julho in *Diário da República*, 1.ª série, N.º 129, 6 de julho de 2018
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, Decreto-Lei 70/2013 de 23 de maio in *Diário da República*, 1ª Série, N.º 99, 23 de maio de 2013.
- MINISTÉRIOS DAS FINANÇAS E DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA, Despacho 5306/2012 de 18 de abril in *Diário da República*, 2.ª série, N.º 77, 18 de abril de 2012.
- Resolução da Assembleia da República n.º 65/2015 in *Diário da República* n.º 116/2015, Série I de 2015-06-1767507922.